



**Elza Ferreira da Cruz**

**A unidade dos sacramentos da Iniciação:  
caminho de renovação pastoral a partir do conceito de *mysterion***

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2023



**Elza Ferreira da Cruz**

**A unidade dos sacramentos da Iniciação:  
caminho de renovação pastoral a partir do conceito de *mysterion***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Abimar Oliveira de Moraes**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Luiz Fernando Ribeiro Santana**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Sueli da Cruz Pereira**

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Elza Ferreira da Cruz**

Graduou-se em Filosofia na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 1990. Graduou-se em Teologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2020.

Ficha Catalográfica

Cruz, Elza Ferreira da

A unidade dos sacramentos da Iniciação: caminho de renovação pastoral a partir do conceito de *mystérion* / Elza Ferreira da Cruz; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2023.

129 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Sacramentos. 3. Mistério. 4. Unidade. 5. Iniciação à vida cristã. 6. Pastoral. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

A Deus, autor e fonte da minha vida.

Aos meus pais, in memoriam, Manoel Simão da Cruz e Judith Ferreira da Cruz, por me amarem.

Ao meu marido, pelo companheirismo e amor.

Ao meu orientador, Professor Dr. Padre Abimar Oliveira de Moraes, pelo incentivo e pela parceria para a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) por todo apoio concedido.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus professores do departamento de Teologia, que desde a graduação me brindam com suas aulas maravilhosas.

Aos meus amigos da pós-graduação, especialmente meus companheiros de jornada Natascha e Flávio.

Ao meu pároco Monsenhor Gustavo José Auler, por despertar em mim o desejo de estudar teologia.

Aos meus familiares, irmãos, sobrinhas, filhos e netos, presentes de Deus.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

## Resumo

Cruz, Elza Ferreira da; Moraes, Abimar Oliveira de. **A unidade dos sacramentos de Iniciação: caminho de renovação pastoral a partir do conceito de *mystérion***. Rio de Janeiro, 2023. 129p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta dissertação é discutir a necessidade da recuperação teológico-pastoral do sentido unitário dos três sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, como caminho de renovação pastoral, a partir da compreensão dos sacramentos como *mystérion*. Diante de um mundo que vive uma ‘crise de sentido,’ com as relações fragmentadas e uma consciência predominantemente autorreferencial e individualizante, e ao mesmo tempo busca um retorno ao sagrado, através de espiritualidades sensibilizantes, o cristianismo tem muito o que oferecer à humanidade: o senso de comunhão, de unidade na diversidade. Atendendo à convocação do Magistério de Francisco, que convida a pastoral a uma conversão em estado permanente de missão, os pastoralistas apontam que a inspiração catecumenal é um caminho renovador para iniciar na vida cristã. Iniciar é formar o cristão na sua integralidade, o que requer novos processos de transmissão da fé com um itinerário mistagógico que una Palavra, celebração e se desdobre em atos na comunidade eclesial e na existência mundana. Como passo fundamental, é necessário uma nova relação entre catequese e sacramentos, a partir da recuperação do sentido pleno dos sacramentos como espaço de realização da história salvífica. Fizemos um percurso em três capítulos, começando com uma análise das reflexões apresentadas pela Igreja sobre a Iniciação à Vida Cristã no Magistério de Francisco, nos documentos 107 da CNNB e no Novo Diretório para Catequese de 2020. A ótica presente nesse primeiro capítulo nos conduziu à necessidade de realizar, no segundo capítulo, um discernimento através de uma abordagem histórica do sentido unitário dos sacramentos de Iniciação cristã a partir do conceito de *mystérion*. Os primeiros cristãos testemunham que Cristo visibiliza o mistério e compreendem as ações de Cristo, da Igreja e de suas ações celebrativas como mistérios. Nessa relação, batismo, unção e eucaristia formam um conjunto unitário, iniciar-se era celebrar porque o celebrar era mergulhar na ação de Deus, na história para salvação dos homens, e na nova vida cristã numa dinâmica triunitária. Ao longo da história,

essa relação sacramentos-mistério, unidade dos três sacramentos, foi se fragmentando com consequências no campo pastoral, na imagem de Deus, na forma de se vivenciar os atos celebrativos como ‘coisas’ separadas da vida. O Movimento Litúrgico, a teologia sacramental do século XX, desembocam no Concílio Vaticano II, que recupera o conceito de Igreja Mistério, iluminando o ser sacramental da Igreja e ressignificando o sentido dos sete sacramentos. O Concílio pede também a recuperação do catecumenato, a revisão da crisma, em vista da unidade entre os sacramentos, além de expressar a centralidade da eucaristia. Esse caminho iniciado no Concílio continua sendo construído e, assim, no terceiro capítulo buscamos evidenciar a importância da recuperação pastoral e teológica da unidade dos três sacramentos e, dentro dessa ótica, apontar um caminhar juntos, para renovação pastoral que leve a efetivas mudanças na vida eclesial, na construção de uma cultura eucarística a fim de contribuir para desenvolver uma sociedade fraterna, na qual o cristão possa viver do que celebra.

### **Palavras-chave**

Sacramentos; mistério; unidade; Iniciação à Vida Cristã; pastoral; catequese.

## Riassunto

Cruz, Elza Ferreira da; Moraes, Abimar Oliveira de. (relatore). **L'unità dei sacramenti dell'iniziazione: cammini di rinnovamento pastorale dal concetto di *mystérion***. Rio de Janeiro, 2023. 129p. Tesi di laurea – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

L'obiettivo di questa dissertazione è proprio discutere la necessità della ripresa di una teologia pastorale in senso unitario, attraverso i tre sacramenti dell'iniziazione cristiana, come un percorso di rinnovamento pastorale dalla comprensione dei sacramenti come *mystérion*. Di fronte a un mondo che ci si trova in una crisi esistenziale, senza un senso, con dei rapporti in frammenti, una coscienza prevalentemente autoreferenziale e individualista, la quale tramite la spiritualità prova di avvicinarsi al sacro, il cristianesimo ha molto da offrire all'umanità: il senso della comunione, l'unità nella diversità, ecc. Accogliendo il richiamo del magistero di Papa Francesco, il quale invita la pastorale a una conversione in modo permanente di missione, i pastoralisti segnano che l'ispirazione catecumenale è un cammino di rinnovamento da iniziare nella vita cristiana. Iniziare significa formare il cristiano di maniera integrale, il che richiede dei nuovi processi per trasmettere la fede con una via mistagogica che sia condotta dalla Parola alla celebrazione e si allarga nei gesti dentro la comunità ecclesiale e fuori d'essa. È imprescindibile che ci sia un nuovo rapporto tra la catechesi e i sacramenti attraverso il pieno recupero dei sacramenti come posto per la realizzazione della salvezza. Abbiamo fatto un percorso in tre capitoli, incominciando con l'analisi sulle riflessioni presentate dalla Chiesa riguardo l'Iniziazione alla Vita Cristiana nel magistero di Francesco, nei documenti 107 della CNNB e nel Nuovo Direttorio per la catechesi 2020. Il punto di vista presentato nel capitolo primo ci ha condotto a realizzare, nel capitolo secondo, un discernimento tramite un approccio storico di senso unitario dei sacramenti dell'Iniziazione cristiana secondo la definizione di *mystérion*. I primi cristiani testimoniano che Cristo consente il mistero e comprende le azioni di Cristo, della chiesa e i gesti delle celebrazioni come misteri. In questa relazione il battesimo, l'unzione e l'eucaristia formano un insieme unitario. Iniziare significava celebrare, perché festeggiare era immergersi nell'azione di Dio, nella storia per la salvezza degli uomini, e anche

nella nuova vita cristiana composta da una dinamica trinitaria. Iniziare significa addentrare in una nuova esistenza, in una storia di un Dio che è Padre, figlio e Spirito Santo, in una connessione tra celebrare ed esistere. Nel corso della storia la relazione tra sacramento e mistero, unità dei tre sacramenti, è stata frammentata con delle conseguenze nell'ambito della pastorale, nell'immagine di Dio, e nel modo di vivere le celebrazioni come qualcosa staccata dalla vita. Il movimento liturgico, la teologia sacramentaria del XX secolo sboccano nel Concilio Vaticano II, il quale riprende la definizione del Mistero della Chiesa, chiarendo l'essere sacramentario della chiesa e portando nuovo significato ai sette sacramenti. Il Concilio richiede ancora il recupero del catecumenato, la riforma della Cresima riguardo i sacramenti, inoltre esprimere la centralità dell'eucaristia. Il percorso, iniziato nel Concilio, continua a essere costruito e così al capitolo terzo evidenziamo l'importanza del recupero della pastorale, dell'unità dei sacramenti, del camminare insieme, sinodale, per il rinnovamento della pastorale che ci porti cambiamenti efficaci nella vita ecclesiale, nella costruzione di una cultura eucaristica con l'obiettivo di sviluppare una società fraterna, in cui i cristiani possano vivere quello che celebrano.

### **Parole chiave**

Sacramenti; mistero; unità; Iniziazione alla Vita Cristiana; pastorale; catechesi



# Sumário

1 Introdução.....	10
2 Desafios e perspectivas à Iniciação à Vida Cristã hoje .....	14
2.1 Um mundo fragmentado e em constante mutação .....	15
2.2 Provocações do Magistério do Papa Francisco: a dimensão missionária querigmático-mistagógica .....	19
2.3 Um novo processo de Iniciação à Vida Cristã: o documento 107 da CNBB.....	25
2.4 O Diretório para a Catequese de 2020 .....	30
Conclusão .....	40
3 <i>Mysterion/Mysterium</i> , a recuperação da face perdida dos sacramentos .....	46
3.1 A experiência de Deus no espaço sagrado da iniciação cristã .....	46
3.2 Sacramentos-mistérios nas catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão .....	55
3.3 A fragmentação da unidade batismo-unção-eucaristia .....	67
3.4 O retorno do mistério e da unidade dos sacramentos de Iniciação Cristã .....	73
Conclusão.....	81
4 Do Batismo à Eucaristia: uma proposta de itinerário mistagógico para a atualidade .....	86
4.1 Considerações sobre uma teologia triunitária dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã .....	88
4.2 A formação de uma “cultura eucarística” a partir de uma vivência mistagógica .....	94
4.3 Renovação de ações pastorais à luz da dimensão sacramental-mistérica .....	99
4.4 O papel dos agentes pastorais .....	105
Conclusão .....	110
5 Conclusão .....	115
6 Referências Bibliográficas .....	123

# 1

## Introdução

A nossa pesquisa objetiva tratar da unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã como caminho para uma renovação pastoral missionária, a partir da recuperação efetiva do conceito de sacramentos como mistério. Apesar de mais de cinquenta anos após a realização do Concílio Vaticano II, constata-se que os sacramentos ainda continuam sendo percebidos como ritos da Igreja, externos à existência, como se fossem celebrações sociais das quais se participa após um final de curso. É o que se percebe após as celebrações da primeira eucaristia ou da crisma, quando, no domingo seguinte, as crianças eucaristizadas ou os jovens crismados não retornam à Igreja. Essa ação dos batizados retrata que no cotidiano das comunidades o sentido de sacramentos ainda não aflorou inteiramente. Há anos, a Igreja, em seus vários documentos, aponta a questão dos batizados não evangelizados, que não vivem plenamente sua vida sacramental, que não participam plenamente da comunidade, não sentem a pertença eclesial, muitos querem a fé à sua maneira. Instaurou-se no viver uma mentalidade dicotômica, e a teologia contemporânea busca encontrar caminhos para superar, que é a relação entre a vida e a Igreja: o celebrar separou-se do viver, como se a espiritualidade cristã pudesse ser vivida de uma maneira individualizante.

Celebrar os sacramentos e não viver dessa celebração, não sentir pertença à comunidade, não trazer para a vida diária o testemunho cristão é um grande problema para o cristianismo hoje. Quando alguém participa de uma catequese, celebra um sacramento e não vive, não traz para sua vida (ou não compreende o que viveu), na verdade, está sendo nada, porque perdeu-se a sabedoria do sabor. Perdeu-se, ou ficou esquecida, a sabedoria celebrativa, que impulsiona a transformação da vida. Esse fenômeno pastoral pressupõe uma teologia, imagem de Deus, que pode estar distanciada do Deus revelado em Jesus Cristo. Um Deus que é misericórdia, amor, perdão, fraternidade, entrega. Existem muitas causas e caminhos de resposta a esse fenômeno, não é nossa pretensão esgotá-lo, mas apontar uma luz, um caminho de orientação.

Assim esta dissertação parte de uma hipótese: a de que a fragmentação da unidade dos sacramentos de iniciação prejudica, pastoralmente, a percepção da centralidade da eucaristia na iniciação à vida cristã. Eucaristia é a expressão mais

própria do nosso Deus e da vida cristã. Essa fragmentação ocorre também no próprio sentido de sacramentos. A unidade é um processo construtor de comunhão expressa pela trinitariedade do Deus cristão. Os sacramentos de iniciação expressam essa triunidade (batizar-se é tornar-se filho do Pai, em Cristo, na unção do Espírito para viver na comunhão eucarística). A percepção pastoral desse sentido pode contribuir para um renovar as instâncias pastorais.

Os sacramentos são instâncias eclesiais basilares da vida cristã, pois a Igreja é casa de oração e vivemos como rezamos, vivemos como celebramos. Se os sacramentos são compreendidos como ‘coisas’ da Igreja, celebrações sociais, apenas um momento festivo no qual se recebe uma certidão e uma graça individualizante, perdeu-se uma das principais ferramentas de evangelização. Critica-se muito hoje uma catequese voltada para a sacramentalização, pois a catequese, por sua natureza eclesial missionária, necessita rever seus métodos de atuação e realizar uma formação integral. A catequese não é entendida mais como uma escola na qual ao término do curso se realiza uma celebração e recebe-se um certificado. Os sacramentos não são celebrações com o fim em si mesmas. Por isso, é preciso redescobrir o sentido pleno dos sacramentos a fim de que se possa aflorar novas relações entre catequese e sacramentos. É o momento de se refletir sobre os sentidos dos sacramentos como espaço de realização salvífica, de experiência de encontro com Deus.

Esse encontro com Deus se aprofunda na vivência comunitária eclesial, é preciso recuperar a mentalidade de permanecer no caminho, de crescimento na fé e que a Iniciação cristã continua. A fragmentação dos sacramentos da iniciação trouxe um problema pastoral que é o deslocamento da centralidade da eucaristia na iniciação cristã: deslocou-se o sentido de que somos batizados para participar da mesa fraterna da comunidade do Senhor. A iniciação cristã na forma atual centra-se na crisma porque é o sacramento da maturidade, da missão, da pertença eclesial, dos dons do Espírito, numa mentalidade de que o processo de iniciação está acabado, esquece-se o permanecer no caminho através da vivência eucarística. O sacramento da eucaristia, ao se repetir, nos recorda que ser cristão é estar em caminho e o crescimento depende da permanência nos passos de Cristo na fraternidade eclesial. Recuperar o sentido pleno de unidade, que conecta nos passos do ressuscitado, é um caminho de renovação pastoral e catequética para superar alguns desafios que se colocam hoje à iniciação cristã. Os primeiros cristãos

compreendiam que a iniciação continuava e aprofundava-se na vivência comunitária. Havia uma compreensão dos sacramentos a partir de um conceito ressignificado pelos cristãos: o conceito de *mystérion*. Os sacramentos como mistérios expressam um sentido que une a Palavra e a vida no simbólico, tornando-se efetivamente espaço de transformação, de conversão a Cristo, de realização salvífica.

Diante das considerações apresentadas, escolheu-se um percurso que corresponde à metodologia da teologia latino-americana, nas suas conferências, o método de ver, discernir e propor. Assim, dividiremos a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, pretendemos lançar um olhar para a realidade contemporânea marcada por uma fragmentação que se expressa nos âmbitos culturais, sociais, políticos, religiosos, formando um humano predominantemente individualista. Depois trataremos dos desafios que o Magistério de Francisco lança à Igreja e, por conseguinte, à pastoral: uma reconversão que brote do interior, que insira a pastoral em estado permanente de missão, revisando seu agir, sua mentalidade, convocando a catequese a iniciar numa dinâmica querigmática e mistagógica. Em resposta ao apelo de Francisco, escolhemos dois documentos para análise, o documento 107 da CNBB e o Diretório para a Catequese de 2020. Encontraremos nos documentos a inspiração catecumenal como caminho de Iniciação à Vida Cristã nas dimensões querigmática e mistagógica, indicando a necessidade de uma renovação na catequese que não visa apenas instruir, mas formar integralmente o cristão. Os dois documentos também apontam a necessidade de recuperar a unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã.

No segundo capítulo, realizaremos uma abordagem histórico-teológica sobre a Iniciação cristã desde os primeiros séculos até os dias atuais, destacando os séculos áureos da Iniciação cristã. Pretendemos demonstrar essa unidade originária batismo-unção e eucaristia a partir do conceito de sacramentos-mistérios como elemento fundamental da formação e desenvolvimento do cristianismo. Já no Novo Testamento, iremos encontrar o que se pode considerar roteiros de iniciação cristã como experiência de encontro com o mistério, Jesus Cristo morto e ressuscitado. A iniciação tinha um sentido conjunto, pois batismo-unção conduziam à participação na ceia comunitária do Senhor. Tal experiência irá se aprofundar no catecumenato desenvolvido pelos Padres, com auge nos séculos IV e V, com as catequeses mistagógicas. Escolhemos Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão, dois grandes

catequistas, para exemplificar o sentido de unidade de iniciação a partir de sacramentos-mistérios. Em seguida, pretendemos tratar dos aspectos que levaram à fragmentação tanto da unidade da iniciação cristã quanto dos sacramentos como mistérios e, no último tópico, destacaremos a recuperação do sentido de *mystérion* e das reflexões sobre a unidade dos sacramentos de iniciação.

No terceiro capítulo, pretendemos discernir e apontar caminhos de renovação, tendo a unidade dos três sacramentos como ponto principal. A unidade de batismo, crisma e eucaristia expressam a dinâmica trinitária do Deus cristão, numa teologia da filiação, da unção e da nutrição. Precisamos redescobrir a teologia fundamental dos três sacramentos nos aspectos trinitário, pneumatológico e eclesiológico, com centrimento na eucaristia. Batismo e crisma tendem para a eucaristia. A eucaristia como centro da vida cristã nos convida a viver a fraternidade, a caridade no mundo numa vivência eucarística que se forma a partir de uma mistagogia. Pretendemos destacar, dessa forma, que mistagogia não é um intimismo, mas um mergulho na realidade pois é um mergulhar na experiência plena do Deus cristão. Para que essas mudanças ocorram são necessárias ações concretas, uma catequese que retorne ao essencial, que transmita não só conteúdos, que reúna Palavra-celebração e vida, a fim de contribuir para a formação de novas mentalidades. Uma mentalidade fraterna, que vise o bem comum. Trataremos no último tópico do papel dos agentes pastorais, dos catequistas, chamados a efetuar essas mudanças, sabendo que toda ação tem a primazia de Deus.

## 2

### **Desafios e perspectivas à Iniciação à Vida Cristã hoje**

O presente capítulo pretende refletir sobre os desafios à Iniciação à Vida Cristã hoje, evidenciar algumas perspectivas pastorais, a partir de linhas teológicas e pastorais do Magistério de Francisco, do documento 107 da CNBB: itinerário para formar discípulos missionários e do Diretório para a Catequese de 2020.

Assim, dividimos o capítulo em quatro tópicos. No primeiro, pretendemos observar alguns aspectos do mundo contemporâneo, visando evidenciar uma compreensão pastoral da realidade. Em um mundo fragmentado e em constante transformação, com uma crise de sentido que se reflete no campo religioso, com expressões de sentimentalismo excessivo ou alienante, esmorece a dinâmica comunitária, solidária, em uma forma de viver individualizante, autorreferencial, sem espaço para o próximo. Esse fenômeno impacta e nos desafia a repensar os processos de Iniciação cristã. É o que somos provocados a realizar no Magistério do Papa Francisco, tema do segundo tópico. O Magistério de Francisco convoca a Igreja a uma conversão, a uma renovação de todas as suas instâncias a fim de anunciar o Evangelho. Dessa forma, cabe à Iniciação formar a pessoa em sua integralidade para que viva no amor, na justiça, na fraternidade solidária, destacando-se as dimensões querigmática e mistagógica como pontos de pedagogia pastoral.

Dois documentos expressam sintonia com Francisco e, assim, escolhemos refletir com eles a fim de evidenciar desafios e perspectivas pastorais: o documento da Igreja do Brasil, 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários e o Diretório para a Catequese de 2020, temas do terceiro e quarto tópicos. O documento 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários, seguindo o método ver-julgar-agir, trata da Iniciação em chave missionária, em inspiração catecumenal como um desafio que necessita de aprofundamento a fim de renovar os processos de transmissão da fé; nesse percurso o documento aponta a necessidade de se repensar a unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã. O Diretório para a Catequese de 2020, no segundo capítulo, desenvolve o tema da identidade da catequese, como ação eclesial missionária, a partir de dois traços identitários fundamentais: o querigmático e o catecumenal. Ambos entendem a inspiração catecumenal como eixo renovador.

## 2.1

### Um mundo fragmentado e em constante mutação

A leitura que faremos aqui é expressão de um olhar teológico a partir dos estudos no campo das ciências humanas, além das análises contidas no Magistério da Igreja. O documento de Aparecida, no seu método de ver a realidade, já apontava que vivemos num período de ‘mudança de época’<sup>1</sup> no qual a crise de sentido, oriunda dos influxos da modernidade, é marca de nosso tempo. Essa crise de sentido se instaura a partir de uma forma de viver que deslocou a vida do centro das relações. A vida humana, a vida dos seres criados, a vida do planeta, passa a segundo plano em virtude de uma sociedade na qual o lucro e o poder regem todas as formas de ser.<sup>2</sup> Esse deslocamento foi sendo gestado a partir do início da Idade Moderna, quando o ponto de partida para toda leitura do mundo se torna o ‘eu’, “excêntrico”, fora do mundo dos objetos.<sup>3</sup> O sujeito pensante é o porto seguro para o conhecimento, a ótica de interpretação do mundo passa a ser do eu humano: o sujeito se coloca diante do objeto, que possui superfície e profundidade, é preciso transcender para chegar à profundidade, mas se o conhecimento é produzido pelo sujeito, de acordo com a “posição” do sujeito, teremos um tipo de conhecimento. É a “crise de representabilidade,”<sup>4</sup> que desembocará nas vanguardas históricas expressadas nas artes e na literatura dos movimentos cubistas, expressionista, dadaísta, que promovem uma erosão entre significante e significado, que já apontam para o fim do ideal da Idade moderna.

O ideal da Idade moderna iluminista no qual a razão, a ciência, formariam uma nova humanidade livre das amarras da religião, capaz de responder e solucionar todas as questões, fracassa com o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki. É a evidência de que a paz almejada não seria alcançada e os ideais lá da Revolução Francesa fracassaram. Após duas grandes guerras mundiais e a descoberta dos campos de concentração em Auschwitz, o homem sente sua segurança na terra ameaçada e não encontra apoio, respostas, nas grandes narrativas, é a crise de sentido, a crítica à modernidade. À pergunta ‘Onde está Deus’ em Auschwitz, exigiu um esforço da teologia para superar o aparente silêncio

---

<sup>1</sup> DAp 44.

<sup>2</sup> EG 52-60.

<sup>3</sup> GUMBRECHT, H. U., Modernização dos sentidos, p. 12.

<sup>4</sup> GUMBRECHT, H. U., Modernização dos sentidos, p. 18.

de Deus: Deus está no campo com os torturados, com os prisioneiros, está na cruz onde sofreu tudo o que sofremos e que iremos sofrer.<sup>5</sup> No entanto, a suspeita está lançada e o ateísmo começa a se expandir na Europa, estaria o cristianismo no fim? Apesar dos prognósticos do fim do cristianismo ou da morte de Deus, o Deus cristão continua a nos interpelar, no Espírito, e a convocar profetas, homens e mulheres para conduzir sua Igreja e a observar a realidade, denunciando a fome, a desigualdade social, as catástrofes ambientais, resultado da ação desmedida do pecado social e ambiental. Os documentos magisteriais apontam as desigualdades de um mundo fragmentado, com uma mentalidade individualista e individualizante, que pode levar à destruição de todo planeta.<sup>6</sup>

Essa fragmentação é resultado de uma subjetividade que rompe com a integralidade do ser humano.<sup>7</sup> O ser humano é um ser relacional, um ser que só se constitui plenamente na abertura ao outro, ao mundo, a Deus. A mentalidade centralizadora no eu, que emerge a partir do século XVIII,<sup>8</sup> e se aprofunda no encontro com o desejo capitalista de domínio sobre bens e pessoas, resulta numa vida fragmentada na qual cada um cuida de si, o outro é um problema: o pobre que sofre, o migrante que ocupa o lugar do nativo no trabalho, a religião que não é a minha. A referência sou eu mesmo, é a auto referencialidade, que exclui, em um mundo no qual fomos ensinados a competir: “Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco.”<sup>9</sup> O ser humano se tornou um bem que pode ser descartado, vive-se para consumir, é a cultura do descarte na globalização da indiferença.<sup>10</sup> Nesse processo busca-se sempre a novidade a ser consumida e em seguida descartada, num constante passar, tudo passa, se dissolve, de um modo veloz, gerando uma sociedade em ritmo constante de mudança e de movimento.

A pandemia cessou a locomoção das pessoas, mas não cessou o movimento virtual do mercado nem o acontecer do mundo da internet. Essas considerações apontadas sobre o estágio civilizacional, no qual encontra-se a humanidade, não significam que o magistério ou a teologia se posicionem contra o mundo moderno e

<sup>5</sup> MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p. 83-103.

<sup>6</sup> LS 57.

<sup>7</sup> DAp 44.

<sup>8</sup> A emergência do eu cartesiano marca o surgimento do eu-indivíduo e “é a primeira condição estrutural do início da modernidade” (GUMBRECHT, H. U., A modernização dos sentidos, p. 12).

<sup>9</sup> EG 53.

<sup>10</sup> EG 53-55.



contemporâneo e sonhem com uma volta ao passado. É óbvio que são inúmeros os aspectos positivos no campo da ciência, da medicina, dos direitos humanos, a partir do mundo moderno, no entanto, é preciso olhar para as dores atuais da humanidade e encontrar caminhos que dignifiquem o ser humano e o mundo criado. É missão da Igreja mostrar que Deus é um bem à sociedade, a religião tem o dever de levar os homens ao encontro do amor misericordioso de Deus para transformar efetivamente a vida e colaborar na construção de um mundo mais humano.

Desde o Concílio Vaticano II que a consciência de que é preciso uma nova postura da Igreja diante da realidade vem crescendo, e a Igreja na América latina, em suas conferências adota o método de ver-julgar-agir a fim de buscar orientações pastorais que aproximem a Igreja da realidade e se possa estabelecer um diálogo no qual o Evangelho progressivamente se encarne no mundo, produzindo frutos. O documento de Aparecida, nessa linha, faz uma análise da realidade e abre amplos horizontes:

Aparecida mostrou que a desafiadora realidade carregava consigo elementos novos, não considerados pelas Conferências anteriores porque, na época das mesmas, tais elementos não tinham adquirido a força de que se revestiram no final do século XX e no início do século XXI.<sup>11</sup>

Os números 33 a 44, segundo Amado, apresentam a perspectiva de Aparecida para compreender a realidade: as mudanças.<sup>12</sup> Mudanças diferentes de outras épocas em função do fenômeno da globalização, que acelerou as próprias mudanças em virtude da comunicação que atinge todas as regiões do planeta.<sup>13</sup> Esse fenômeno se expande impactando todos campos, o científico, o político, o social, o religioso, e forma uma realidade cada vez mais complexa a qual nem sempre se tem acesso por conta da velocidade da informação e do desfazimento das certezas, o que torna a realidade “cada vez mais sem brilho,” gerando a ‘crise de sentido.’ No número 44, o documento apresenta o ponto chave para a reflexão pastoral:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; aqui está precisamente...Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> AMADO, J., O documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 71.

<sup>12</sup> AMADO, J., O documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 71.

<sup>13</sup> DAp 34.

<sup>14</sup> DAp 44.

Diante da realidade de mudança de época, de crise de sentido, de um mundo fragmentado, o ser humano se sente meio impotente, confuso, com tantos problemas para enfrentar, daí que procura soluções imediatas e o campo religioso se torna espaço terapêutico, busca-se a cura das doenças, almeja-se um emprego, uma vida melhor, enfim, esvazia-se o espaço profético do religioso e emergem alguns fenômenos, como uma espiritualidade individualizante, subjetivista, desprezando o espaço histórico como lugar da presença de Deus, uma falta de pertença comunitária, um escapismo numa forma de espiritualidade esotérica, a religião vista de uma forma mágica.<sup>15</sup>

Apesar dos esforços da Igreja para mudar mentalidades desde o Vaticano II, passados mais de cinquenta anos da reforma pastoral implantada pelo Concílio, é visível a presença no interior da Igreja de grupos com mentalidade pré-conciliar, um desejo de retorno aos formalismos tanto no campo litúrgico quanto na proposta eclesiológica, num saudosismo intimista. Torna-se evidente que há muitos desafios a enfrentar apontados pelos documentos e reflexões da Igreja ao longo desses anos, que eclodem no Magistério de Francisco. Na pastoral dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, apesar das várias ações refletidas e implementadas pela Igreja, a partir dos documentos magisteriais, que insistem que a paróquia é uma casa de iniciação,<sup>16</sup> concretamente estamos distantes desse ideal, a Iniciação continua, prioritariamente, sendo tarefa dos catequistas como uma preparação para os sacramentos. Observa-se ainda com muita frequência que, após a celebração dos sacramentos, os iniciados não voltam à Igreja, como se tivessem terminado um curso escolar. A percepção que a maioria dos fieis tem sobre sacramentos ainda é que são atos celebrativos sociais, a Iniciação à Vida Cristã é muitas vezes a finalização da vida cristã,<sup>17</sup> pois sem a vivência comunitária não se vive uma vida sacramental plena: “São muitos os cristãos que não participam da Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem na comunidade.”<sup>18</sup>

Dentro desse mundo fragmentado, fragmentou-se a relação vida e sacramentos e, dentre as muitas causas, apontamos a perda do sentido pleno dos

<sup>15</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 102-122.

<sup>16</sup> DAp 293.

<sup>17</sup> SOTOMAYOR, E. A., Catequesis evangelizadora, p. 12.

<sup>18</sup> DAp 286.

sacramentos, o viver se afastou do celebrativo, por isso a sociedade cristã convive com absurdos, que testemunham contra o cristianismo. O documento de Puebla já indagava se de fato vivemos o Evangelho de Cristo.<sup>19</sup> Viver o Evangelho implica viver como se celebra, e se os sacramentos ainda são tidos apenas como um ato social, ou como uma celebração ao final da catequese, não se vive a espiritualidade própria da Igreja, recorre-se a outras formas de espiritualidade que mais dividem do que unem.

Diante dessa fragmentação vida e oração, vida e sacramentos, vida e comunidade, Aparecida se tornou um marco que influenciou discussões, documentos, ao destacar a necessidade de se repensar o processo de iniciação cristã de uma maneira integral do querigma ao mistagógico<sup>20</sup> a fim de formar discípulos. Dessa forma, Aparecida aponta o caminho de “recomeçar,”<sup>21</sup> “sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança.”<sup>22</sup> Formar discípulos-missionários num retorno à dimensão profética do cristianismo, que se constitui da Palavra à experiência sacramental. Os primeiros cristãos tinham uma vivência querigmático-mistagógica (Palavra-oração-amor-vida) num círculo que levou a Igreja a crescer e a testemunhar o Evangelho com a própria vida, a formar discípulos-missionários. Esse clamor de Aparecida encontra eco e continuidade no Magistério de Francisco.

## 2.2

### **Provocações do Magistério do Papa Francisco: a dimensão missionária querigmático-mistagógica**

O Magistério do Papa Francisco, seguindo o programa evangelizador aberto pelo Vaticano II e impulsionado pelos papas anteriores,<sup>23</sup> a partir do sínodo dos bispos de 2012, convoca a Igreja a adentrar em uma nova etapa de evangelização

<sup>19</sup> DP Mensagem aos povos da América Latina, p. 76.

<sup>20</sup> DAp 289-294.

<sup>21</sup> DAp 529.

<sup>22</sup> DAp 548.

<sup>23</sup> Dez anos após o Concílio Vaticano II, a *Evangelii Nuntiandi* se “apresentou como uma espécie de “bússola” e propôs-nos a recuperação do ardor evangelizador,” ocasionando frutos e sendo inspiração de projetos pastorais da Igreja. (MORAES, O. A., O anúncio do Evangelho na atualidade, p. 35-36).

para transmitir a fé<sup>24</sup> e a passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária,”<sup>25</sup> é a proposta da Igreja “em saída,” aberta a evangelizar a todos sem exclusões. Nessa proposta, apresentada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,<sup>26</sup> o papa sugere uma evangelização que nasça a partir de uma intimidade com a Palavra viva em um caminho de formação mais pessoal: “A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam,” que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.”<sup>27</sup> A evangelização não é uma tarefa solitária, é tarefa da comunidade, ela é o sujeito evangelizador, é uma “comunidade missionária” que não fica esperando que venha a ela, mas que vai ao encontro daqueles que estão afastados física e existencialmente.

Os desafios que se apresentam à realidade pastoral exigem uma mudança de posicionamento, pois é preciso formar uma mentalidade cristã, formar um homem novo, pois como no início do cristianismo, não vivemos mais a cristandade, na qual a fé era transmitida pelas gerações, além de vivermos uma mentalidade individualista que atinge os próprios cristãos. Por isso, a evangelização é para todos, para os que vivem a fé e precisam crescer, batizados que não vivem plenamente a sua fé, e para os que “não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram.”<sup>28</sup> Portanto, toda pastoral deve colocar-se em estado de conversão e de missão, pois a comunidade é evangelizada e evangeliza. Cada cristão, cada pastoralista deve posicionar-se como discípulo missionário, abrir-se ao sopro de renovação do Espírito: “Constituamo-nos em “estado permanente de missão,” em todas as regiões da terra.”<sup>29</sup> Evangelizar é crescer na fé, é se envolver e envolver, como Jesus se envolvia com os discípulos e envolvia os discípulos, o que gerava aproximação e uma relação, uma troca, que se traduz numa vivência, um conhecer: “Os evangelizadores contraem assim o “cheiro de ovelha”, e estas escutam a sua voz.”<sup>30</sup> Escutar a voz significa seguir, atender ao chamado, que não é simples nem fácil, é necessário acompanhamento, com paciência e tolerância, a comunidade deve estar

---

<sup>24</sup> EG 14.

<sup>25</sup> EG 15.

<sup>26</sup> A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* pode ser considerada como um projeto programático de seu pontificado. Ela será o guia de nossa análise.

<sup>27</sup> EG 24.

<sup>28</sup> EG 14.

<sup>29</sup> EG 25.

<sup>30</sup> EG 22.

disposta a acompanhar, tornar-se companheira, sem limitações, sem medo, na força da Palavra que transforma, como a semente jogada que às vezes demora a frutificar. Por isso, deve estar atenta aos frutos:

O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos.<sup>31</sup>

É preciso esperar porque quem age é Deus. Ao final a comunidade festeja, celebra cada passo da evangelização: “A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso de se dar.”<sup>32</sup> Evangelizar é iniciar, num processo “capaz de envolver e dialogar com a racionalidade (cabeça), a afetividade (coração) e a operacionalidade (mãos e pés da pessoa humana).”<sup>33</sup> A Iniciação à Vida Cristã, em uma perspectiva missionária, implica, principalmente, abandonar a comodidade( o sempre se fez assim) e ousar, usar da criatividade, repensando “os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores.”<sup>34</sup>

A transmissão da fé deve se concentrar no que é mais importante e essencial, sem se fixar apenas em transmitir doutrinas;<sup>35</sup> retornar ao coração do Evangelho, fonte da alegria missionária mas também meio de comunicar a mensagem, é preciso contextualizá-la, para que as verdades da fé não fiquem mutiladas ou fora de contexto.<sup>36</sup> Anunciar o Evangelho é missão de toda a Igreja, em todos os tempos e lugares, “a diversidade cultural não limita a unidade da Igreja,” pois o Espírito presente na comunidade é formador da comunhão assim como Ele “é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho.”<sup>37</sup> A Iniciação à Vida Cristã, no Magistério de Francisco, é chamada a uma renovação, numa pedagogia evangelizadora, que implica uma nova relação entre catequese e sacramentos a partir de duas dimensões: a querigmática e a mistagógica.<sup>38</sup>

<sup>31</sup> EG 24.

<sup>32</sup> EG 24.

<sup>33</sup> MORAES, O. A., O anúncio do Evangelho na atualidade, p. 43.

<sup>34</sup> EG 33.

<sup>35</sup> EG 35.

<sup>36</sup> EG 40-41.

<sup>37</sup> EG 117.

<sup>38</sup> MORAES, O. A., A catequese hoje, p. 265.

Uma Iniciação à Vida Cristã a partir de uma pedagogia evangelizadora implica um olhar para o catecumenato, uma maneira de iniciar dos primeiros cristãos. Foi o que fez o Concílio Vaticano II ao restaurar o catecumenato.<sup>39</sup> Contudo, conhecem-se os grandes desafios da Iniciação à Vida Cristã, que, seguindo a história da Igreja, fixou-se numa catequese doutrinal, dos manuais e catecismos. Tal catequese não demonstrava incômodo devido à época de cristandade, quando a fé era praticamente transmitida de geração a geração. Atualmente, a situação epocal é diferente, o que conduz a Iniciação à Vida Cristã a revisar seus processos de transmissão da fé. O Magistério de Francisco quer dar um passo a mais, em conformidade com o caminho que os pastoralistas vêm desenvolvendo, assim, uma Iniciação que tenha uma pedagogia evangelizadora deve conduzir os fiéis a uma nova vida a partir do encontro com o mistério: a Palavra que conduz a uma experiência que dá frutos para a comunidade eclesial e a comunidade humana. Dois são os elementos centrais dessa pedagogia evangelizadora: o querigma e a mistagogia.

O documento de Aparecida já apontava a urgência de um processo de iniciação que começasse pelo querigma e que guiado pela Palavra de Deus levasse gradativamente a um encontro pessoal com Cristo, “à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão.”<sup>40</sup> Aparecida também relembra a importância de uma “catequese mistagógica.”<sup>41</sup> A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* vai recuperar e aprofundar o sentido de uma catequese querigmática e mistagógica. Em consonância com o caminho percorrido pelo movimento catequético,<sup>42</sup> o documento destaca o querigma como uma dimensão fundamental da catequese e que precisa ser redescoberta:

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer que em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai.<sup>43</sup>

<sup>39</sup> SC 64.

<sup>40</sup> DAp 289.

<sup>41</sup> DAp 290.

<sup>42</sup> MORAES, O. A., A catequese hoje, p. 263-264.

<sup>43</sup> EG 164.

O querigma ou primeiro anúncio não se insere numa etapa pré-catequética, mas é o centro de toda atividade evangelizadora. A catequese recupera o seu sentido mais próprio de “fazer ressoar”<sup>44</sup> sem perder a sua função de aprofundamento dos conteúdos da fé. Esse anúncio ressoa na boca do catequista no impulso do Espírito, que é quem nos faz crer que Jesus Cristo morreu e ressuscitou, revelando a face misericordiosa do Pai.<sup>45</sup> A primazia do querigma é qualitativa e ordenativa:

Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos.<sup>46</sup>

O *querigma* não é um conteúdo inicial e que depois se esquece, ele é o principal, é o centro da catequese e de toda a vida cristã; cada vez que se volta a ele se cresce na fé e no amor, porque é através do aprofundamento desse anúncio que iniciamos, crescemos e amadurecemos na fé, dele provém o sentido da vida:

O primeiro anúncio ou querigma, que expressa a noção de pregação do Evangelho pelos apóstolos e pela Igreja primitiva, é a raiz da fé cristã. No centro da pregação ou do anúncio está o que Deus realizou em Jesus, que Ele é o Senhor a apresentação de sua vida, morte e ressurreição como salvação para a humanidade. O querigma é o primeiro passo para suscitar a fé inicial em Jesus Cristo, e a partir da adesão à fé, ele será a fonte de onde emana o sentido de viver.<sup>47</sup>

A fé cristã nasce da pregação dos apóstolos, testemunhas do Deus que morreu na cruz e ressuscitou, o Deus vivo que modificou suas vidas e continua presente pelo Espírito em sua Igreja, que continua a anunciar esse amor para que todos possam viver e experimentar. Aprofundar o querigma implica conhecer os passos de Jesus, aproximar-se, entrar em intimidade com ele e, a partir dele, e, assim, não há nada de mais consistente do que esse anúncio, que ilumina a atividade catequética, e qualquer formação cristã. Aquele que anuncia vai sendo evangelizado também, só pode anunciar quem já se sentiu tocado pelo anunciado, por sua vida, por seu amor, por seu mistério. O querigma perpassa toda a iniciação, ele é a raiz

<sup>44</sup> DC 55.

<sup>45</sup> EG 164.

<sup>46</sup> EG 164.

<sup>47</sup> PEREIRA, S. C., “Anunciamos Cristo crucificado” (1Cor 1, 23): A formação de discípulos missionário hoje à luz da teologia de cruz de Antonio Pagani, p.18.

dos sacramentos que não podem mais ser pensados como uma celebração com o fim em si mesma. O anúncio da Palavra encontra sua ambiência no espaço simbólico a fim de conduzir a pessoa humana a uma resposta integral. O simbólico é o campo extensivo da Palavra, por meio do qual o ser humano tem condições de transcender e se abrir à oferta de Deus. É o espaço mistagógico, que não é apenas um depois do celebrar, mas que constitui o campo relacional catequese-sacramentos, sem ser uma sacramentalização. Daí que outra característica da catequese é a “iniciação mistagógica.”<sup>48</sup>

O documento define “iniciação mistagógica” como “a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã.”<sup>49</sup> A mistagogia é o campo da experiência, no qual por meio dos gestos, símbolos litúrgicos e sacramentais, se expressa a dimensão de comunhão da Igreja, integrando conhecimento, oração e vida. Uma catequese como “iniciação mistagógica” insere-se no âmbito experiencial e existencial, precisa, portanto, redescobrir uma nova maneira de integrar todas as instâncias de educação da fé:

Deixando-se interpelar pela sua dimensão mistagógica, a catequese torna-se um tirocínio ou “noviciado” de vida cristã, através de uma experiência que compreende e integra o conhecimento (aspectos doutrinários) do mistério com a celebração (liturgia) da fé, em vista de uma experiência comunitária (vivência eclesial) e do exercício do empenho (ética) cristão no mundo.<sup>50</sup>

Para refletir sobre uma catequese como iniciação mistagógica é preciso repensar o sentido dos sacramentos à luz do termo mistério, pois iniciar é mergulhar no mistério de Cristo, em sua vida, em seus gestos, atitudes, passos, conformando-se a ele, na alegria e no amor, e assim tornar-se um discípulo missionário. Em tempos de vazio existencial, de crise de sentido, de busca por um sentir alienante da vida, é preciso recuperar a mística da Iniciação à Vida Cristã através do mergulho no mistério, no crescimento do amor na comunhão trinitária que se expressa em sua Igreja na Palavra, na catequese, nos sacramentos. É a via da beleza espiritual, que estimula a encontrar novos caminhos de expressão do Evangelho: “É preciso ter a

<sup>48</sup> “O termo mistagogia vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir. Etimologicamente, possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios” (COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 78).

<sup>49</sup> EG 166.

<sup>50</sup> MORAES, O. A., *A catequese hoje*, p. 271.



coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra...”<sup>51</sup>

Essas palavras de Francisco que, na verdade, são resultado de uma reflexão da Igreja desde o Concílio, nos convidam a ousar pensar os sacramentos da Iniciação em linha direta com o que é mais originário: a dinâmica encarnatória da salvação, os sacramentos como espaço de transcendência, de experiência de Deus. Uma Iniciação à Vida Cristã em dimensão mistagógica pressupõe: o aprofundamento da inspiração catecumenal; a passagem de uma catequese a ser menos escolarizante e mais experiencial e a recuperação do sentido de sacramentos batismo, crisma e eucaristia em unidade. É o que somos convocados a realizar nessa nova etapa evangelizadora. Destacamos dois documentos importantes que apresentam propostas de uma Iniciação à Vida Cristã nessa nova etapa de evangelização: O documento 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários e o Diretório para a Catequese de 2020.

## 2.3

### **Um novo processo de Iniciação à Vida Cristã: o documento 107 da CNBB**

O documento 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários, é resultado de um longo caminhar da Igreja e foi aprovado na 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Aparecida-SP, na celebração dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. O local escolhido reveste o significado do Documento de Aparecida para a Igreja do Brasil e do mundo:<sup>52</sup> evangelizar é formar discípulos missionários e todas as instâncias da Igreja se revestem desse caráter missionário, núcleo fundamental do Magistério de Francisco. Nesse caminho evangelizatório, a Iniciação à Vida Cristã, e tudo que envolve a educação da fé (catequese, sacramentos, família), necessita ser tematizado, pois há uma potência transformadora na iniciação. Iniciar na vida cristã implica conhecer e seguir os passos de Jesus,<sup>53</sup> não basta apenas conhecer orações e frequentar as missas, participar de uma pastoral, burocraticamente,

<sup>51</sup> EG 167.

<sup>52</sup> A proposta de Aparecida se reveste de uma perspectiva universal (AMADO, J. P., O documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 65-90).

<sup>53</sup> Doc 107 Apresentação.

na paróquia; é preciso mais, é necessário um envolvimento a partir das atitudes de Jesus, dos sentimentos de Jesus, é preciso um envolvimento baseado na alegria e que transborde no amor do discípulo missionário.

O documento se divide em quatro capítulos, uma introdução e uma conclusão. No primeiro capítulo, a partir da imagem do texto bíblico do encontro entre Jesus e a samaritana,<sup>54</sup> o documento apresenta os passos da iniciação ao discipulado de Jesus Cristo, e nos capítulos posteriores, segue o método ver-julgar-agir. Dessa forma, no segundo capítulo, o texto evoca o Documento de Aparecida no contexto de “mudança de época” no qual vivemos, relembrando o caminho percorrido pela Igreja ao longo da história e apontando a necessidade de um novo caminho. O terceiro capítulo tem como centro tematizar a Iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, “que é o eixo central e unificador de toda ação evangelizadora e pastoral,”<sup>55</sup> destaca o sentido de mistério de Cristo para a Igreja, a importância do RICA e a importância dos sacramentos da iniciação. O quarto capítulo propõe caminhos de ação, a partir do que foi apresentado nos capítulos anteriores.

Observa-se que a Iniciação muito avançou, com o impulso do Vaticano II e a recuperação adequada ao nosso tempo do catecumenato, com a grande produção de documentos e a realização de diversos Sínodos “sobre temas fundamentais, como: a evangelização, a catequese, a família, a Palavra de Deus, a Eucaristia, a vocação e missão dos leigos e leigas.”<sup>56</sup> A Igreja do Brasil deu seguimento às orientações, e também produziu vários documentos, nos quais já se demonstrava o desejo de renovar a iniciação de uma forma mais autêntica, como “o encontro com o Senhor, na vida em sociedade, na fraternidade cristã, na participação da liturgia e na missão eclesial.”<sup>57</sup>

Toda essa reflexão e renovação conduz à compreensão de que a iniciação não é tarefa do catequista ou de um grupo de catequistas, ou de uma pastoral, iniciar é um processo global e é preciso que toda comunidade eclesial se comprometa nesse processo. A comunidade deve se tornar “casa da Iniciação à Vida Cristã.”<sup>58</sup> Essa constatação envolve uma necessária mudança na relação entre as pastorais, pois é um convite a sair de seu espaço delimitado e abrir-se num processo dinâmico e até

<sup>54</sup> “Optou-se por uma *perícope inteira*, como paradigma da nova proposta pastoral, ou seja: a dinâmica mistagógico-iniciática do catecumenato” (LIMA, L. A., Iniciação à Vida Cristã, p. 43).

<sup>55</sup> Doc 107, 76.

<sup>56</sup> Doc 107, 48.

<sup>57</sup> Doc 107, 49.

<sup>58</sup> Doc 107, 50.

imprevisível. É a “urgência de um novo processo de Iniciação à Vida Cristã” que exige de todos os pastoralistas “humildade, atitude de acolhida, criatividade e capacidade dialogal.”<sup>59</sup> Por isso, a “inspiração catecumenal” é uma dinâmica, uma pedagógica mística, é um itinerário mistagógico que leva ao coração do Evangelho, ao encontro pessoal com o amor de Deus que nunca se esgota.<sup>60</sup> Essa pedagogia de inspiração catecumenal tem como fonte o modelo da Igreja antiga, na qual havia uma intrínseca relação entre liturgia-sacramentos e catequese, envolvendo “espiritualidade, oração, celebrações e ritos, enfim, em um clima mistagógico,”<sup>61</sup> porém, não se trata de reproduzir um modelo ou estilo de formação na fé, trata-se de buscar uma inspiração, uma luz para um novo caminho, que unifique a ação evangelizadora e pastoral.<sup>62</sup> Mistagogia vem de mistério, um termo que está na origem de sacramento e no Novo Testamento “é um acontecimento realizado na história e oferecido como salvação a todos os seres humanos.”<sup>63</sup>

O acontecimento é uma pessoa, Jesus Cristo, e a Iniciação à Vida Cristã deve conduzir ao encontro com esse mistério, tornando-se a urgência central na qual as outras<sup>64</sup> urgências (Igreja em estado permanente de missão; Igreja: lugar da animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja comunidade das comunidades; e Igreja a serviço da vida plena de todos) encontram-se subsumidas no processo de evangelização.<sup>65</sup> Dessa forma, a Igreja deve ser “casa da Iniciação à Vida Cristã,” em estado permanente de missão, com os processos de transmissão da fé centrados na Palavra, na liturgia, nos sacramentos, numa integralidade, a fim de formar comunhão. “A comunidade eclesial é o lugar da Iniciação à Vida Cristã e da educação da fé dos adultos, jovens, adolescentes e crianças.”<sup>66</sup> A comunidade iniciadora age a partir do “Evangelho da vida” da mensagem de Jesus.<sup>67</sup> Essa era a forma evangelizadora dos primeiros cristãos que a Igreja intenta voltar como uma fonte para a caminhada atual, é a inspiração catecumenal, que como ‘inspiração’ pressupõe ser um eixo condutor da ação evangelizadora e pastoral, objetivando “a formação inicial e, ao mesmo tempo,

<sup>59</sup> Doc 107, 56.

<sup>60</sup> Doc 107, 56.

<sup>61</sup> Doc 107, 70.

<sup>62</sup> Doc 107, 76.

<sup>63</sup> Doc 107, 83.

<sup>64</sup> As cinco urgências do documento 85 da CNBB, DGAE 2015-2019.

<sup>65</sup> As cinco urgências permanecem atuais e são reagrupadas a partir dos quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. A IVC insere-se no pilar da Palavra com a animação bíblica (Documento 109 da CNBB, DGAE 2019-2023).

<sup>66</sup> Doc 107, 67.

<sup>67</sup> Doc 107, 68.

permanente do discípulo missionário de Jesus Cristo.”<sup>68</sup> A Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal traz a necessidade de compreensão do termo mistério, uma palavra de origem grega que está na raiz do termo iniciação e na origem de sacramento. Iniciar é mergulhar no mistério, o número 85 do documento deixa claro o sentido teológico e eclesial do mistério:

O mistério carrega um aspecto de segredo: ele é experimentado e seguido pelos iniciados. Mas há também a necessidade de anúncio, de proclamação da Boa-Nova. Assim, aquele que se deixa envolver pelo mistério é chamado a dar testemunho para que outros possam igualmente viver essa experiência.<sup>69</sup>

O mistério é o projeto de amor de Deus revelado em Cristo, que entrou na história e com sua vida, morte e ressurreição nos leva a conhecer o Pai. Iniciar na vida cristã é penetrar nesse mistério através da Igreja, da comunidade: “...consiste na imersão mística, sacramental e real da pessoa no mistério de Deus, de Cristo, da Igreja, dos Sacramentos.”<sup>70</sup> Assim, a Iniciação à Vida Cristã apresenta duas dimensões teológicas fundamentais: a cristológica, que leva à trinitariedade do Deus cristão, e a eclesiológica-pneumática, pois o mistério de Cristo é vivido na Igreja no impulso do Espírito, tornando-se assim uma realidade “sacramental.” Dessa forma: “A graça que se realiza em suas ações sacramentais é um acontecimento transbordante da Páscoa do Senhor.”<sup>71</sup> A Igreja realiza a Iniciação através de um processo com etapas e tempos apresentados no RICA, que formam um itinerário de iniciação, sendo a mistagogia uma etapa importante. O Ritual de Iniciação Cristã de Jovens e Adultos, publicado em 1972, apresenta um itinerário e um fazer pastoral em forma catecumenal, destacando os tempos e os ritos gradualmente. Divide o processo de Iniciação em quatro tempos: o primeiro, o pré-catecumenato, tempo do Evangelho, do querigma, do anúncio; o segundo é o tempo do catecumenato, o da catequese na dimensão do ensinamento; o terceiro é o tempo da purificação e iluminação, época de preparação intensa para a celebração dos sacramentos; e o quarto tempo, é o pós-celebração, o tempo da mistagogia.<sup>72</sup>

Assim, “iniciar” é um processo muito mais profundo e existencial do que ensinar.”<sup>73</sup> Essa constatação é importantíssima e aponta para a relação sacramentos

<sup>68</sup> Doc 107, 76.

<sup>69</sup> Doc 107, 85.

<sup>70</sup> LIMA, L. A., Iniciação à Vida Cristã, p. 46.

<sup>71</sup> Doc 107, 89.

<sup>72</sup> RICA 4-40.

<sup>73</sup> Doc 107, 122.

e iniciação e para a necessidade de se rever o sentido de sacramentos. Na origem da Igreja havia uma relação integral entre sacramentos, iniciar, catequese, que ao longo da história foi se fragmentando e perdeu-se o sentido de sacramentos como evento salvífico. O documento 107 aponta aspectos teológicos fundamentais para reflexão sobre os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã: superar a fragmentação entre Batismo, Crisma e Eucaristia;<sup>74</sup> os sacramentos da Iniciação, Batismo, Crisma, Eucaristia iniciam no mistério de Cristo e da Igreja, portanto, a Iniciação à Vida Cristã se refere tanto à preparação catequética catecumenal quanto aos próprios sacramentos “que marcam a iniciação e a vida nova que deles nasce.”<sup>75</sup> É necessário que se recupere a compreensão dos sacramentos na sua dimensão de mistério e concomitantemente se recupere “a unidade pastoral entre os três sacramentos da Iniciação à Vida Cristã.”<sup>76</sup>

A unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã ajudam a compreender de maneira mais unitária o percurso da Iniciação. Ao longo da história, os sacramentos foram se separando, quebrando a unidade da Iniciação à Vida Cristã, esquecendo-se que a origem dessa relação unitária está na economia salvífica, na manifestação trinitária de Deus a partir de Cristo.<sup>77</sup> Os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã expressam o acontecimento salvífico do mistério em Cristo, assim, pelo batismo nos tornamos filhos no Filho para que ungidos na crisma possamos viver e nos alimentar da comunhão eucarística.

A inspiração catecumenal é um caminho de renovação para a Iniciação à Vida Cristã no tempo atual, pois ela evoca a relação entre o anúncio e o mistério, contribui para reconfigurar o sentido de catequese e de sacramentos numa visão integradora e no seu lugar mais próprio: a comunidade. O documento no último capítulo traça considerações práticas para a Iniciação à Vida Cristã, a partir da formação de um Projeto diocesano de Iniciação à Vida Cristã, que tenha como fundamento a Palavra de Deus e a inspiração catecumenal, em uma Igreja em saída.<sup>78</sup> Destaca o RICA como o condutor de um “itinerário que avance por etapas e tempos sucessivos,”<sup>79</sup> esclarecendo que “quem dá o ritmo e conduz o processo, é

---

<sup>74</sup> Doc 107, 126.

<sup>75</sup> Doc 107, 124.

<sup>76</sup> Doc 107, 126.

<sup>77</sup> Doc 107, 129.

<sup>78</sup> Doc 107, 141.

<sup>79</sup> Doc 107, 139.

o RICA!”<sup>80</sup> Dentre as novas características do Projeto<sup>81</sup> destacam-se: a Palavra de Deus como fundamento; a garantia da unidade entre os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia; a promoção de uma integração entre liturgia e catequese; uma catequese catecumenal que contemple as dimensões de uma Pastoral de conjunto e não vise somente à preparação dos sacramentos.<sup>82</sup> O documento elenca metas e propostas concretas de como desenvolver os quatro tempos catecumenais, e aponta a necessidade de estudos de aprofundamento para oportunizar a sequência original do sacramentos da Iniciação, conforme as primeiras comunidades e em consonância com o ensinamento de Bento XVI sobre a Eucaristia: “Assim, como ensina Bento XVI, a Eucaristia torna-se o sacramento para o “qual tende toda a iniciação.”<sup>83</sup>

As reflexões e propostas do documento 107 vão encontrar conexões no Diretório para a Catequese de 2020: a inspiração catecumenal como eixo pedagógico para a catequese, a necessidade de renovação pastoral querigmático-mistagógica, catequese e sacramentos de Iniciação em íntima união, afirmação da necessária unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã e as implicações teológicas, a dimensão mistagógica em todo itinerário catequético. O Diretório assume a expressão Iniciação à Vida Cristã, já utilizada na Igreja do Brasil.

## 2.4

### O Diretório para a catequese de 2020

O Diretório para a Catequese de 2020, em consonância com os diretórios que o precederam e com os documentos magisteriais sobre a Iniciação, vem apontar caminhos de renovação da catequese. O Diretório divide-se em três grandes partes, com 12 capítulos, uma introdução e uma conclusão. Logo na Introdução (1-10) insere os dois alicerces da catequese no processo evangelizador próprio: o querigma e a mistagogia, em inspiração catecumenal, em consonância com o Magistério de Francisco, na *Evangelii Gaudium*. Portanto, o Diretório deseja externar uma releitura da natureza e da finalidade da catequese, visando “aprofundar o papel da catequese na

<sup>80</sup> LIMA, L. A., Iniciação à Vida Cristã, p. 49.

<sup>81</sup> As nove características “propriamente resumem a identidade da IVC” (LIMA, L. A., Iniciação à Vida Cristã, p. 49).

<sup>82</sup> Doc 107, 143.

<sup>83</sup> Doc 107, 240.

dinâmica da evangelização.”<sup>84</sup> Trataremos aqui do capítulo II, na primeira parte, a fim de destacar os caminhos de renovação que o documento objetiva.

No capítulo II, ao tratar da identidade da catequese no primeiro parágrafo (n.55) apresenta-a como uma ação eclesial, portanto, missionária, conforme a etimologia de seu nome expressa, o que indica que a tarefa essencial da catequese é anunciar o Evangelho a cada pessoa e introduzir à celebração do Mistério.<sup>85</sup> A catequese hoje é convocada a uma ação mais ampla do que em outras épocas, ela não pode ser mais apenas uma etapa de ensinamento destinada aos que já receberam o primeiro anúncio, pois na complexidade dos tempos atuais mesmo os que já receberam os sacramentos não conhecem devidamente a fé cristã e, além disso, “um anúncio formal que se limita à crua enunciação dos conceitos da fé não permite uma compreensão da fé.”<sup>86</sup> A catequese sempre foi o espaço de ensinamento e aprofundamento doutrinal para os já evangelizados, no entanto, a Igreja pós-conciliar vem apontando a necessidade de evangelizar a todos, inclusive os já batizados, e o Magistério de Francisco convoca toda a Igreja a evangelizar e a se reevangelizar.<sup>87</sup> Diante disso, a catequese, como um dos principais processos de transmissão da fé, é convocada a assumir o papel que exerceu na origem da Igreja e na sua própria origem: exercer dois traços identitários a partir da sua configuração eclesial:<sup>88</sup> o querigmático e o catecumenal. A Igreja nasce do anúncio do Senhor testemunhado pelos apóstolos e se desenvolve na atividade catecumenal. Como ação de natureza eclesial, a catequese deve cumprir o mandato missionário do Senhor: anunciar o Evangelho a todas as nações, batizando e ensinando. Nesse mandato sintetiza-se o significado central de ressoar da catequese,<sup>89</sup> fazer *ressoar* continuamente o anúncio da Páscoa do Senhor a fim de tocar o coração da pessoa humana e levá-la a uma conversão. Para isso, a catequese acompanha, ensina, educa e introduz à celebração do Mistério, ou seja, é guiada por uma inspiração catecumenal, que orienta o processo.<sup>90</sup> Em

<sup>84</sup> DC 1-5.

<sup>85</sup> “Este anúncio (querigma) é centrado no Mistério Pascal de Jesus Cristo, que é capaz de provocar em quem anuncia e quem o recebe, o encantamento e a descoberta da beleza do Evangelho” (BARBOZA, M. A., A catequese em busca de sua identidade, p. 50).

<sup>86</sup> DC 56.

<sup>87</sup> “O conteúdo da catequese não é mais um conjunto de tratados doutrinários, mas possui a sua fonte originária: Palavra de Deus, Liturgia e Tradição. Dessa forma, um destaque que deve ser dado ao aprofundar a identidade da catequese, está no fato da sua importância e o seu papel no processo de evangelização” (BARBOZA, M. A., A catequese em busca de sua identidade, p. 51).

<sup>88</sup> DC 55.

<sup>89</sup> A palavra catequese vem do grego *katechein*, (*katá*, movimento de cima para baixo e *ékos*, som, eco) significando fazer ecoar.

<sup>90</sup> DC 61-68.

um mundo que já não é mais predominantemente cristão, a catequese não pode se limitar mais a ser um ensinamento formal de conteúdos de fé,<sup>91</sup> sob o risco de não atingir o objetivo de formar discípulos missionários. O documento aponta uma mudança de perspectiva em relação à função da catequese, que vai se desdobrar nos outros aspectos da sua natureza: a centralidade no anúncio, que deve perpassar todos os momentos da catequese; o querigma se sobrepõe a qualquer tema, pois uma catequese puramente doutrinal se apresenta incompleta.

Não se pode separar querigma e catequese, há necessidade de nos tempos atuais a catequese ser querigmática, pois anunciar que o projeto de amor de Deus se revelou em Cristo, através de sua morte e ressurreição, é o início, o meio e o fim. Cita a *Evangelii Gaudium* que diz que o aprofundamento do querigma vai se fazendo carne,<sup>92</sup> o que significa que o querigma insere-se na realidade, não conduz a uma espiritualidade intimista. Em uma época na qual as pessoas já não conhecem Jesus Cristo, o amor que ele demonstrou pelo próximo, no perdão, na caridade, na misericórdia, no colocar a vida no centro, faz-se necessária uma catequese que leve a uma compreensão desse anúncio até que ele toque verdadeiramente o iniciando. O querigma não pode ter um tempo determinado e ser deixado de lado em função de outros temas, deve-se sempre retornar a ele, atualizando e aprofundando, pois ele é a “dimensão constitutiva de cada momento da catequese.”<sup>93</sup> O documento aponta um aspecto importante do querigma: o ato do anúncio e o conteúdo do anúncio, significando que quem age no anúncio é Jesus Cristo no Espírito, que leva ao testemunho aqueles que anunciam, pois “a vida da testemunha que experimentou a salvação torna-se, portanto, o que toca e move o interlocutor.”<sup>94</sup> Sem testemunho, o anúncio fica prejudicado: a catequese não é só de palavras mas de atos, de uma transmissão de experiência, daí que é preciso que o catequista tenha tido um encontro verdadeiro com o Senhor, que se traduza na sua vivência diária, no testemunho.<sup>95</sup>

---

<sup>91</sup> DC 56.

<sup>92</sup> DC 57.

<sup>93</sup> DC 57.

<sup>94</sup> DC 58.

<sup>95</sup> “O testemunho assume, em nosso contexto, a função de revelador da fé cristã, à medida que consegue relacionar os conteúdos de fé com a vida cotidiana. Por essa razão, ele deve ser privilegiado na catequese, porque consente a expressão autêntica da Revelação cristã” (MORAES, A., Apresentar as razões da esperança cristã, p. 33).



O documento também ressalta as diversas formulações de linguagem do querigma,<sup>96</sup> no Novo Testamento, o que significa que há diferentes maneiras de expressar o anúncio, de acordo com as culturas e situações. É preciso criatividade e escuta para compreender as exigências do mundo contemporâneo para anunciar o Evangelho. A catequese deve valorizar os elementos essenciais ao querigma: “o caráter da proposta; a qualidade narrativa, afetiva e existencial; a dimensão de testemunha da fé; a atitude relacional; a ênfase salvífica.”<sup>97</sup> Todas essas ações implicam uma mudança a qual a Igreja é chamada a realizar: redescobrir a vitalidade do Evangelho a fim de contribuir com o mundo atual. O querigma possui um conteúdo social e é importante explicitar essa dimensão social da evangelização: “A catequese é um anúncio da fé que não pode outra coisa senão se relacionar, mesmo que em semente, com todas as dimensões da vida humana.”<sup>98</sup>

O catecumenato é a inspiração para que a catequese possa se mover dentro da dinâmica querigmática e renovar o seu modo de atuação.<sup>99</sup> O catecumenato foi uma instituição eclesial,<sup>100</sup> tendo seu auge nos séculos III e IV, começando a decair, a partir do século V até desaparecer e ser recuperado pelo Concílio Vaticano II. O catecumenato implica uma “explícita intenção missionária e se estrutura como um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã.”<sup>101</sup> Ao falar de uma catequese de inspiração catecumenal, se quer buscar o impulso missionário do catecumenato e não uma reprodução fiel de um modelo, o próprio termo inspiração indica uma fonte, uma adequação, uma escolha de elementos: o caráter pascal e iniciático; o caráter litúrgico, ritual e simbólico; o caráter comunitário; o caráter de conversão permanente e de testemunho e o caráter de progressividade da experiência formativa.<sup>102</sup>

Em relação ao caráter simbólico, o documento provoca um caminho de reflexão ao falar da necessidade que a geração contemporânea possui de “experiências que a tocam em sua corporeidade e afetividade.”<sup>103</sup> Vários estudos,

---

<sup>96</sup> DC 58.

<sup>97</sup> DC 59.

<sup>98</sup> DC 60.

<sup>99</sup> “A inspiração catecumenal da catequese tem sido tema prioritário na Igreja do Brasil desde a Assembleia dos Bispos (47ª AGE em 2009)” (BARBOZA, M. A., *A catequese em busca de sua identidade*, nota 23 da p. 53).

<sup>100</sup> COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 97.

<sup>101</sup> DC 61.

<sup>102</sup> DC 64.

<sup>103</sup> DC 64.

atualmente, apontam para a sensibilidade “pós-moderna” que eclode numa espiritualidade centrada no sensível, numa subjetividade imanentista-alienante e individualizante, que não permite compreender a profundidade do amor de Deus.<sup>104</sup> Essa sensibilidade não deve ser apenas criticada, precisa ser refletida pois aponta para uma necessidade de busca do divino em meio a um mundo que perdeu a referência da verdade, perdeu o caminho. A Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal pretende renovar a catequese, desenvolver um itinerário pedagógico na comunidade que desperte o verdadeiro sentido do simbólico, que constrói, que conduz ao encontro pessoal e comunitário com Cristo, reorientando a forma de vivenciar Deus no mundo.

Dessa forma, todo o processo de evangelização da catequese precisa ser redimensionado numa perspectiva integradora. Assim, a catequese se posiciona como ação pastoral missionária da Igreja, como parte integrante de iniciação cristã e, como tal, “intimamente unida aos sacramentos da iniciação, especialmente com o Batismo.”<sup>105</sup> Nesse novo processo de evangelização, a catequese não pode ficar de um lado e os sacramentos de outro, apenas aguardando o momento celebrativo como um fim em si mesmo, a catequese não é sacramentalização nesse sentido. Catequese e sacramentos encontram-se em união, principalmente o Batismo, devido à mesma missão de evangelizar e à mesma confissão de fé no Deus trinitário. A fé que professamos é a mesma fé celebrada, *lex credendi, lex orandi*.

Professamos a fé no Deus trinitário e os sacramentos da iniciação cristã expressam a fé no Deus Trindade, anunciado e testemunhado pelos primeiros cristãos, meta da catequese: o Filho que ungido pelo Espírito veio ao mundo para realizar o projeto do Reino do Pai. “A Igreja batiza em nome da Trindade. É fundamental que a catequese saiba unir bem a confissão de fé cristológica, Jesus é o Senhor, com a confissão de fé trinitária, Creio no Pai e no Filho e no Espírito Santo”<sup>106</sup> O documento destaca o caráter unitário dos sacramentos da Iniciação cristã e reafirma a necessidade de um retorno à reordenação teológica original, Batismo, Confirmação e Eucaristia, a fim de favorecer o desenvolvimento da ação pastoral e “recolocar o sacramento da Eucaristia como realidade para a qual tende toda iniciação.”<sup>107</sup>

<sup>104</sup> RUBIO, G. A., Unidade na pluralidade, p. 46.

<sup>105</sup> DC 69.

<sup>106</sup> BARBOZA, M. A., A catequese em busca de sua identidade, p. 55.

<sup>107</sup> DC 70.

Nesse processo de evangelização a catequese possui três instâncias principais: Primeiro anúncio e catequese; catequese de iniciação cristã; catequese e formação permanente à vida cristã. Em relação ao primeiro anúncio ou querigma, o documento dedicou um espaço fundamental nos números 57 a 60 ao expressar a íntima relação entre querigma e catequese. O documento sintetiza as características da catequese de iniciação cristã como uma “formação de base e essencial, orgânica e integral.”<sup>108</sup> A catequese lança as bases da fé, leva ao aprofundamento do querigma, através de um aprendizado, de maneira organizada e sistematizada, aberto a todos os integrantes da vida cristã. De forma gradual, a catequese “favorece a interiorização e a integração desses componentes, provocando uma transformação do homem velho e a formação de uma mentalidade cristã.”<sup>109</sup> É a catequese a serviço da educação permanente de toda a comunidade cristã para alimentar a ação missionária evangelizadora. Nessa ação processual evangelizadora, a finalidade da catequese é conduzir a pessoa humana ao encontro com Cristo, de maneira integral: “coração, mente e sentidos.”<sup>110</sup> De acordo com Moraes:

Um processo autêntico de transmissão da fé será aquele capaz de envolver e dialogar com a racionalidade(cabeça), a afetividade (coração) e a operacionalidade (mãos e pés) da pessoa humana. A catequese deve conseguir harmonizar a explicação da doutrina ou os conteúdos da fé cristã, com a preocupação com a tradução em comportamentos éticos que brotam da paixão/atração do Senhor Jesus.<sup>111</sup>

Portanto, outras dimensões, além da cognitiva, contribuem para a realização dessa finalidade, como “a experiência litúrgica-sacramental, as relações afetivas, a vida comunitária e o serviço aos irmãos e irmãs, (...) elementos essenciais para o nascimento do homem novo (Ef 4, 24).”<sup>112</sup> A catequese anuncia, gera a fé mas também “amadurece a conversão inicial” e ajuda os cristãos a formarem uma “mentalidade de fé conforme o Evangelho.”<sup>113</sup> O documento chama a atenção para a necessidade de unir a confissão de fé cristológica e trinitária: “Tal confissão é certamente um ato pessoal do indivíduo, mas só atinge sua plenitude se é feita na

<sup>108</sup> DC 71.

<sup>109</sup> DC 71.

<sup>110</sup> DC 75.

<sup>111</sup> MORAES, O. A., Apresentar as razões da esperança cristã, p. 23.

<sup>112</sup> DC 76.

<sup>113</sup> DC 77.

Igreja.”<sup>114</sup> O Diretório apresenta a Igreja “como lugar da memória viva, como elemento constitutivo da sustentação da fé de cada cristão e cristã.”<sup>115</sup>

Para que a catequese atinja sua finalidade, é necessário desenvolver atividades “inspiradas” no catequista Jesus.<sup>116</sup> O catequista, o pedagogo Jesus – que ensinou por parábolas, com exemplos de bondade, caridade, inclusão, que ensinou os apóstolos a rezar, que realizou curas, que celebrou com os apóstolos a sua última ceia – é a inspiração das atividades da catequese: “O documento ressalta que é a luz da pedagogia de Jesus que moldou a vida da comunidade cristã, que a catequese deve trilhar seus caminhos.”<sup>117</sup>

Assim, o Diretório elenca cinco atividades da catequese para formar uma vida cristã em integralidade: a) conduzir à consciência da fé, é a dimensão cognitiva; b) iniciar à celebração do mistério, é a dimensão sacramental-litúrgica, a catequese ajuda a compreender a liturgia e a vida sacramental; c) formar à vida em Cristo, fazer ressoar no coração a vida nova recebida no batismo, formar uma consciência cristã moral; d) ensinar a rezar e na oração desenvolver a dimensão contemplativa; e) introduzir à vida comunitária, “a fé se professa, se celebra, se expressa e se vive sobretudo na comunidade,”<sup>118</sup> é o lugar próprio para se aprender a amar, a participar, a viver em comunhão, cultivando uma espiritualidade de comunhão, desenvolvendo um sentimento de pertença.<sup>119</sup>

Por fim, o capítulo vai apresentar as fontes da catequese, tendo a Sagrada Escritura uma certa “preeminência” sobre as demais, porém é necessário um equilíbrio entre as fontes.<sup>120</sup> São fontes: a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição, o Magistério, a Liturgia, o testemunho dos santos e mártires, a teologia, a cultura cristã e a beleza. No tocante à liturgia, o documento destaca que “a catequese tem plena participação quando ele (o catequizando) participa da vida litúrgica da comunidade.”<sup>121</sup> Citando *Catechesi Tradendae*, o documento demonstra a ligação intrínseca entre catequese, liturgia e sacramentos, com centralidade na Eucaristia. Recorda o caráter experiencial das catequeses

<sup>114</sup> DC 78.

<sup>115</sup> MORAES, O. A., Apresentar as razões da esperança cristã, p. 26.

<sup>116</sup> DC 78.

<sup>117</sup> BARBOZA, M. A., A catequese em busca de sua identidade, p. 55.

<sup>118</sup> DC 88.

<sup>119</sup> DC 83-89.

<sup>120</sup> DC 90.

<sup>121</sup> DC 96.

mistagógicas dos Padres da Igreja, destacando que o itinerário mistagógico apresenta três elementos essenciais: a interpretação dos ritos à luz dos eventos salvíficos; a introdução ao sentido dos sinais litúrgicos; e a apresentação do significado dos ritos para a vida cristã.<sup>122</sup> É importante ressaltar que o documento afirma que a dimensão mistagógica não se limita a um aprofundamento dos ritos num pós-celebrativo, mas envolve e nutre os catecúmenos e catequizandos antes da celebração dos sacramentos através da participação na liturgia dominical e nas atividades do ano litúrgico.

O olhar para a realidade e a leitura dos documentos da Igreja nos demonstram como desafios a realidade de um mundo fragmentado, em constante transformação, com uma mentalidade estritamente individualizante. Essa realidade se desdobra na maneira de se perceber e viver a fé, o que leva a Igreja ao desafio pastoral de formar discípulos missionários. Esse desafio é ao mesmo tempo possibilidade de renovação das pastorais, conforme a convocação ao qual o Magistério de Francisco faz a toda a Igreja. Os documentos 107 da CNBB e o Diretório para a catequese de 2020, em sintonia com Francisco, indicam a necessidade de uma renovação nos processos de transmissão da fé e evidenciam que a inspiração catecumenal é o eixo transformador, que impulsiona uma nova maneira de iniciar.

Iniciação em inspiração catecumenal se estrutura numa dinâmica querigmática-mistagógica para formar pessoas na sua integralidade, ou seja, iniciar é experimentar a vivência cristã, é penetrar no mistério amoroso de Deus através de sua comunidade. Dessa forma toda a comunidade precisa se reestruturar e a catequese, como uma das principais instâncias eclesiais de transmissão da fé, precisa voltar à sua origem para seguir novos rumos. A catequese, em unidade com outras dimensões eclesiais, como a liturgia, os sacramentos, o testemunho, tem a tarefa de evangelizar, que se realiza num processo dialético de abertura ao outro, ao mundo. Ela sai da esfera apenas intraeclesial e se estende à existência, a todas alegrias e angústias humanas. Dessa forma, a catequese se coloca “a serviço da Iniciação à Vida Cristã,” assim como toda a comunidade: “Urge construir uma Igreja, casa de Iniciação à Vida Cristã.”<sup>123</sup> Nesse processo integrador e global, é necessário recuperar a teologia da unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, pois não há como evangelizar de maneira fragmentada, há necessidade de

---

<sup>122</sup> DC 98.

<sup>123</sup> Doc 107, 247.

compreendermos, com mais atenção, as dimensões querigmática e mistagógica da fé cristã, de formação integral do cristão: o querigma não se limita a uma pré-catequese<sup>124</sup> e a dimensão mistagógica da catequese não é uma explicação pós-celebrativa, mas tem sua inserção durante a catequese no espaço dominical.<sup>125</sup> A Iniciação à Vida Cristã visa formar uma mentalidade cristã num processo que envolve integração entre querigma e mistagogia, catequese e sacramentos, numa pastoral querigmático-mistagógica, a fim frutificar ações vivenciais na existência humana no mundo: iniciar é conduzir ao mistério a partir do querigma. A preocupação com a tarefa evangelizadora da Igreja exige o redimensionamento do papel da catequese e dos sacramentos como espaço de evangelização, tendo as dimensões querigmática e mistagógica como alicerces de uma renovada maneira de ser da catequese e dos sentidos dos sacramentos, apontando a necessidade de uma retomada da unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã.

A catequese em inspiração catecumenal significa buscar a experiência de Deus adentrando no mundo, é um novo paradigma, é um novo modelo que tem suas bases nos primeiros cinco séculos da Igreja. É uma catequese servidora da Palavra, que se guia pelo testemunho, testemunhando e compartilhando essa experiência de Deus ao mundo: Jesus Cristo, com seus gestos de amor, de cura, de ternura, de indignação com os duros corações dos fariseus. O primeiro documento magisterial de Francisco visa recordar a alegria do Evangelho, a alegria de anunciar a Boa Nova, o entusiasmo, que significa presença de Deus. Essa catequese da alegria, do entusiasmo, do sair, não implica uma falta de método, de organização, supõe uma criatividade formadora, uma condução com sabedoria do processo de iniciar e permanecer na fé. A permanência na fé supõe uma orientação necessária no processo mistagógico. Essa palavra ‘mistagógico’ precisa ser compreendida na sua simplicidade e riqueza, ela remonta às catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja:

Na antiguidade cristã, o termo designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular da Batismo e da Eucaristia, assim como a configuração do neófito em um novo caminho, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida, feito nova criatura.<sup>126</sup>

<sup>124</sup> EG 164.

<sup>125</sup> DC 98.

<sup>126</sup> COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 78.

A mistagogia instaura uma dinâmica especial na evangelização:

Inspirada na pedagogia divina, atuando desde o momento da acolhida, como durante todo o processo de acompanhamento de uma pessoa que adere à fé cristã. É a pedagogia da fé com todos os elementos que esse processo implica: iniciação à fé, aprimoramento da oração, acolhida do Espírito, discernimento, conversão, experiência de vida nova e inserção numa comunidade cristã.<sup>127</sup>

A ação catequética querigmática leva a pessoa a querer conhecer sempre mais Jesus, desperta o desejo da experiência, de penetrar no mistério, daí a mistagogia. A mistagogia é ser conduzido aos mistérios no qual foi iniciado, é aprofundar-se na riqueza espiritual que provém dos sacramentos e da liturgia. Mistagogia é amor e vivência fraterna, é voltar-se para o outro, para o mundo, para Deus.

Se o ser humano não consegue se relacionar com o outro, com o mundo de uma maneira amorosa, como irá se relacionar com Deus? Essa falta de base leva a uma espiritualidade alienante e imaginativa que mais afasta do que aproxima de Deus. Os sacramentos possuem elementos materiais, corpóreos, necessários para o encontro: a água, que remonta à criação, à natureza, à passagem pelo mar para encontrar com Deus (Ex 3,18;5,1;7,26; 9,13), pois a matéria é parte constitutiva do humano. Os sacramentos traduzem os sinais da natureza em símbolos e palavra capazes de explicitar o evento da graça, que se manifestou em Jesus Cristo.<sup>128</sup> Podem traduzir o evento porque podemos falar dele, o evento tornou-se palavra que nos remete à experiência mediadora do símbolo:

O simbolismo sacramental é essencialmente simbolismo histórico-salvífico, porque, embora radicado no significado natural dos gestos e dos objetos usados, recebe seu significado específico das grandes obras realizadas por Deus no curso da *história salutis*; obras que têm em Cristo o seu pleno cumprimento e a sua manifestação escatológica.<sup>129</sup>

O retorno do caráter processual e mistagógico da fé exige uma vivência plena dos sacramentos na Iniciação à Vida Cristã, compreendendo as dimensões cristológica, pneumática e escatológica de cada um, pois a Eucaristia se centrou num cristomonismo, o Batismo se centrou no perdão dos pecados e a Confirmação com uma pneumatologia confusa.<sup>130</sup> Só assim estaremos num caminho de mudança

<sup>127</sup> COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 81.

<sup>128</sup> FABER, E-M., Doutrina Católica dos Sacramentos, p. 67.

<sup>129</sup> ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p. 199.

<sup>130</sup> TABORDA, F., Crisma, sacramento do Espírito Santo? p. 184.

de mentalidade, de passar de uma percepção devocionista-mágica dos sacramentos a uma percepção experiencial-mistérica. Educar para o mistério necessita seguir um itinerário para conformar-se a Cristo, para ser cada vez mais como ele, apesar de todas nossas limitações. A Iniciação à Vida Cristã em inspiração catecumenal é uma educação para a mística. O místico, nesse sentido, é um batizado que vive o seu mistério no mundo, encontrando Deus em que cada rosto que sofre, buscando a justiça, a solidariedade, com testemunho que fala mais que muitas palavras. Essa dimensão mistérica da Iniciação está presente no início da Igreja, no tempo em que não se entendia o *sacramentum* sem o *mystérion/mysterium*. Há necessidade de buscar o sentido de sacramentos como *mystérion/mysterium*, que emerge da Sagrada Escritura e tem seu auge nos séculos IV-V com a sistematização da Iniciação Cristã.

No próximo capítulo, pretendemos tratar do nascimento dessa relação sacramentos-mistérios-iniciação cristã, qual sua importância e como esse sentido foi-se perdendo, suas consequências e em que momento se iniciou esse resgate. É preciso recuperar o sentido pleno de sacramentos como mistérios a fim de modificar mentalidades. O *mystérion/mysterium* remete à trinitariedade da revelação cristã: uma imagem de Deus comunhão, amor, misericórdia, um “Deus que vem a nós,”<sup>131</sup> que pode fornecer respostas, retirar do vazio existencial e do sentimentalismo religioso no qual a sociedade vive imersa. Em um mundo cada vez mais vazio de sentido, no qual o secularismo afasta Deus do espaço público, e várias espiritualidades pipocam, e a religião se torna oferta de mercado, precisamos recuperar uma instância original perdida e demonstrar que o cristianismo tem muito a oferecer à sociedade.

## Conclusão

Este capítulo se estruturou em quatro tópicos através dos quais pretendemos evidenciar os desafios e perspectivas à Iniciação à Vida Cristã hoje. Durante muito tempo separou-se evangelização e sacramentalização, devido à forma equivocada de se compreender os sacramentos a partir de uma visão construída como se os

---

<sup>131</sup> MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p. 319.



sacramentos fossem ‘coisas’<sup>132</sup> da Igreja sem vinculação com a história salvífica. O Concílio Vaticano II, a partir dos estudos da teologia sacramental contemporânea, recupera a dimensão originária dos sacramentos como ações eclesiais, como “encontro com Deus na Igreja.”<sup>133</sup> É nessa dinâmica que os cristãos são chamados a viver os sacramentos: não mais de forma passiva, como o recebimento de uma graça, e sim como acolhimento de fé e de mudança em suas vidas. Esse é o grande desafio da pastoral dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, porque exige uma renovação pastoral em linha querigmática e mistagógica, uma mudança de mentalidade.

No primeiro tópico, fizemos uma leitura da realidade atual, que se apresenta complexa, em uma sociedade que não vive mais a cristandade, com uma mentalidade individualizante, com novas linguagens. A Iniciação à Vida Cristã é o elemento chave para encaminhar as mudanças pastorais trazidas pelo Concílio Vaticano II, o que ocasionou muitas conferências e documentos novos, principalmente na América Latina. O documento de Aparecida é um marco nesse processo ao destacar a formação de discípulos missionários no processo evangelizador. Sua evidência é recolocada a partir do Magistério de Francisco com a “Igreja em saída.” A análise da realidade no método ver-julgar-agir contribui para que a Igreja possa no discernimento, encontrar meios de atuação pastoral e impulsionar a reflexão teológica.

Nessa linha, o documento de Aparecida realiza uma análise profunda da realidade e cunha para a Igreja o termo ‘mudança de época’, que sintetiza um mundo globalizado no qual a todo instante as informações são substituídas, gerando uma ânsia contínua de novidade e uma incapacidade de assimilar esse novo. Essa realidade, em que tudo muda abruptamente, provoca uma crise de sentido, que tem reflexos, principalmente no campo cultural com o dissolvimento da concepção integral do ser humano em sua relação com o mundo e com Deus. A Igreja precisa voltar ao começo, se reiniciar.

Na busca desse recomeço, no segundo tópico, refletimos sobre as provocações que o Magistério de Francisco traz para o campo da Iniciação à Vida Cristã, centrando-se na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* na qual o papa convoca toda a Igreja a uma renovação, a uma mudança estrutural, a sair

<sup>132</sup> ROMÃO, P. A., A estrutura sacramental da história salvífica, p. 30.

<sup>133</sup> BORÓBIO, D., Celebrar para viver, p. 111.

resolutamente para evangelizar em chave missionária, função central da Igreja. Essa mudança deve partir do coração do Evangelho, da Palavra de Deus, essa saída é uma volta ao que é essencial, é um reencontro com o primeiro amor, que desperta a coragem de anunciar, que é um compromisso de todos os batizados.

A Igreja evangeliza e se evangeliza num impulso eterno de doação, de estar sempre em estado permanente de missão, portanto, evangelizar é iniciar, num processo que envolve todas as dimensões humanas. Uma Iniciação à Vida Cristã em chave missionária se traduz numa pedagogia evangelizadora a partir de uma catequese querigmática e mistagógica. O querigma ou primeiro anúncio é o conteúdo da pregação do Evangelho feita pelos apóstolos e pela Igreja primitiva: anunciar o amor de Deus em Cristo morto e ressuscitado. O querigma deve ser aprofundado e ser o primeiro não apenas em ordem, mas em qualidade, a ele se deve voltar sempre que for necessário; o querigma perpassa toda a iniciação, é a raiz dos sacramentos que precisa ser ressignificada.

A outra característica da catequese, a mistagogia, é o campo da experiência, do simbólico, é a ambiência da Palavra, e da beleza. O resgate da beleza na evangelização, não uma beleza externa e superficial, mas a profunda beleza do amor de Deus é extremamente importante. Em uma sociedade fragmentada, com o sentimento de vazio que leva a uma busca sensibilizante de Deus, os processos de transmissão da fé precisam formar uma mentalidade cristã, unindo mente, coração e razão. O Magistério de Francisco aponta para um novo modelo de pastoral, de catequese e uma maneira originária de se entender os sacramentos. A Igreja intensifica a reflexão e os caminhos de ação para dar movimento a essa renovação, e produz dois documentos importantíssimos: Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários, documento 107 da CNBB e o Diretório para a Catequese de 2020.

Assim, no terceiro tópico, tratamos do documento da Igreja do Brasil, o número 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Seguindo o método ver-julgar-agir, o documento destaca que diante de uma realidade tão complexa, o caminho que se apresenta à pastoral da Iniciação à Vida Cristã, a fim de formar discípulos missionários, é recuperar a sua potência transformadora que se realiza no seguimento dos passos de Jesus Cristo. A dinâmica do encontro, como pólo da Iniciação, se expressa na imagem do texto bíblico do encontro entre Jesus e a samaritana, revelando o elemento orientador dos passos da

Iniciação à Vida Cristã: o encontrar Cristo pessoalmente e na comunidade cristã, nas instâncias da Palavra, da liturgia, dos sacramentos, da oração, da vida fraterna, e na sociedade.

O documento constata o esforço de ação da Igreja para aprofundar a renovação trazida pelo Concílio Vaticano II, que ao recuperar o catecumenato, resgata a Iniciação como educação global da fé, do querigma à mistagogia, e suscita uma reflexão ampla nos Sínodos e nos documentos sobre vários temas pastorais e da mesma maneira a Igreja do Brasil. A Igreja se move desde então no impulso de renovar a Iniciação à Vida Cristã, inserindo-a numa dinâmica mais autêntica de seguimento a Cristo, de demonstrar o amor de Deus como caminho para um mundo conflitante, a inspiração catecumenal. Dessa forma, a Iniciação à Vida Cristã precisa ser abraçada pelas pastorais eclesiais, não pode ser tarefa apenas do sacerdote ou do catequista, ela é tarefa de toda a comunidade. O catecumenato foi uma ação pastoral utilizada pela Igreja dos primeiros cristãos, realizando-se em etapas que visavam conduzir o iniciante ao mistério cristão, num processo que unia Palavra (anúncio querigmático), catequese, liturgia-sacramentos (mistagogia) e vida no mundo. A inspiração catecumenal quer se valer dos pressupostos das primeiras comunidades, não como uma mera cópia do passado, mas como uma fonte da qual se bebe a água que renova o presente e conduz a um futuro esperado. O documento aponta a necessidade de abertura das pastorais (da catequese, de uma nova compreensão do sentido dos sacramentos) a essa pedagogia catecumenal, para redescobrir o caminho mistagógico que leve ao coração de Jesus Cristo, mistério de Deus revelado.

A compreensão da categoria de mistério é importante nesse processo, pois esse conceito se une ao fazer pastoral-sacramental da Igreja desde sua origem, quando havia uma relação integradora entre Palavra, sacramentos, iniciação, catequese. Batismo-Unção-Eucaristia eram mistérios que conduziam à participação na vida trinitária de Deus através do Espírito presente na comunidade. Era esse o entendimento sobre os sacramentos, isso se perdeu, se fragmentou. O documento aponta a necessidade de se recuperar a dimensão mistérica dos sacramentos da Iniciação, o que leva ao resgate da dimensão trinitária e unitária. Após a análise da realidade e da reflexão teológica, o documento elenca caminhos pastorais concretos de ação.

No quarto tópico, refletimos com o segundo capítulo do Diretório para a Catequese de 2020, que trata da identidade da catequese como anunciadora do querigma e introdutora à celebração do Mistério. A catequese hoje possui uma atuação mais ampla e global diante da complexidade da realidade contemporânea, por isso não pode mais ser apenas o ensinamento formal para os já evangelizados. A catequese evangeliza, ensina, educa, introduz na celebração do mistério, inicia na vida cristã e continua acompanhando essa vivência. A catequese é guiada pela inspiração catecumenal, que une querigma, catequese e mistagogia. Seguindo a *Evangelii Gaudium*, o Diretório esclarece que o querigma não se limita a um tempo, mas que acompanha todos os momentos da catequese, fazendo-se carne. O capítulo destaca um aspecto importante: as diversas formulações de linguagem do querigma para que haja comunicação plena. O catecumenato é a inspiração para a catequese como um impulso missionário e não uma reprodução do passado.

O capítulo também destaca a necessidade de se refletir sobre o caráter simbólico, pois vários estudos apontam como a geração “pós-moderna” é afeita a expressões de espiritualidade sensível. Assim, o processo evangelizador da catequese precisa de uma renovação em perspectiva integral, posicionando a catequese como ação missionária, parte integrante da iniciação cristã unida aos sacramentos, principalmente o batismo. O documento recorda um aspecto importante ao afirmar a relação entre o itinerário ritual de iniciação cristã e a constituição da Igreja, destacando a união entre palavra e testemunho. Assim, destaca a unidade dos sacramentos da iniciação e entende que é oportuno reconsiderar a ordem teológica dos sacramentos a fim de ajudar os fiéis a centralizar o sacramento da eucaristia.

Nesse processo evangelizador da catequese, a formação permanente à vida cristã é essencial, é um serviço que favorece a interiorização da fé, no aprofundamento da Sagrada Escritura, na catequese mistagógica que favoreça a compreensão mais profunda da experiência da liturgia e dos sacramentos e o testemunho na caridade. Então, a catequese se desenvolve em várias instâncias pois anuncia, gera a fé, ajuda a amadurecer; sua finalidade é levar a pessoa ao encontro de Deus na comunhão do amor trinitário e, dessa maneira, todas as suas atividades devem se focar nessa intenção. Portanto, as fontes da catequese devem estar em relação com a sua identidade e a Sagrada Escritura, por sua relação com a Palavra de Deus, possui uma preeminência.

Os dois documentos estão em consonância com as orientações apresentadas pelo Magistério de Francisco, propondo uma renovação no processo de Iniciação à Vida Cristã, com eixo articulador numa inspiração catecumenal, que implica uma catequese querigmática e mistagógica numa formação integral, ou melhor uma ação pastoral querigmática e mistagógica, pois são ações que envolvem toda a comunidade. Essa ação não é nova, a Igreja volta seu olhar para os primeiros cristãos, é deles que resgata a Igreja querigmática e mistagógica. Assim, a catequese insere-se num novo modelo de atuação e os sacramentos precisam ter seu sentido aprofundado. O querigma deve guiar a catequese e transformá-la e a mistagogia revifica o sentido dos sacramentos. Catequese e sacramentos são partes integrantes da Iniciação à Vida Cristã, daí que os dois documentos apontam a necessidade de recuperar a unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã e reavaliar a sequência original, os sacramentos iniciam, a catequese prepara, porém não mais o tipo de preparação escolarizante como se os sacramentos fossem um momento de receber uma graça e um certificado.

Uma catequese querigmática e de inspiração catecumenal expressa uma pedagogia da fé, que inicia na fé, que acompanha, que permanece, que sensibiliza sem sentimentalizar, que produz uma mudança interior que se desdobra numa pertença comunitária. A relação entre catequese-sacramentos deve se transformar a partir de um melhor entendimento sobre o sentido dos sacramentos, e para isso entendemos haver necessidade da recuperação do sentido originário dos sacramentos, pois perdeu-se a dinâmica de realidade do simbólico num positivismo pragmatista: é preciso recuperar o aspecto histórico-salvífico dos sacramentos. Os sacramentos da Iniciação cristã expressam a trinitariedade do Deus cristão, pois nos tornam filhos no Filho para que ungidos possamos nos alimentar e viver no Mistério. A ação catequética sacramental é aprofundar o sentido dos sacramentos a partir do mistério, numa mística.

### 3

## ***Mystérion/Mysterium*, a recuperação da face perdida dos sacramentos**

Pretendemos aqui discernir sobre os sacramentos como mistérios na Iniciação cristã. A característica dos sacramentos é serem ações pneumáticas da presença de Cristo, momentos celebrativos da manifestação do Deus vivo, celebrações nas quais a história econômico-salvífica se realiza, se presentifica. Batismo-Unção e Eucaristia são mergulho no Mistério pascal, nascem dele. Em Cristo, se dá a união do divino e do humano, o transcendente e o imanente se unem revelando a mística do amor. A Igreja e suas instâncias continuam revelando essa mística a todos os que se abrirem. O cristianismo é um caminho de integração, de unidade, que se expressa em todas as suas dimensões, daí que o simbólico, como elemento reunidor e integrador, tenha extrema importância no desenrolar da Igreja no mundo. Os sacramentos são espaços do simbólico porque integram diferentes dimensões para propiciar o encontro com Deus.

É interessante perceber que o termo sacramento seja uma tradução do termo mistério. Mistério é uma palavra de origem grega que, no campo religioso, evoca algo escondido, inalcançável, sobrenatural. No entanto os primeiros cristãos fizeram uso desse termo mistério, deram-lhe uma nova significação e identificaram o batismo e a eucaristia como mistérios. O uso do termo expressa mais que um significado linguístico, expressa uma mentalidade, uma maneira de interpretar o relacionamento entre Deus e os homens. A origem dos sacramentos como mistérios pode dar pistas para ressignificar o sentido dos sacramentos e apontar as consequências dessa ressignificação no campo pastoral, na catequese, na espiritualidade cristã.

Neste capítulo, pretendemos demonstrar como nos primeiros quatro séculos os sacramentos de iniciação cristã tinham um sentido experiencial histórico-salvífico, numa dinâmica trinitária e como questões históricas ocasionaram mudanças teológicas e pastorais, levando à perda desse sentido e a uma compreensão limitadora dos sacramentos até a recuperação do sentido mistérico, com o Movimento Litúrgico, no século XX, que desemboca na Igreja Mistério no Concílio Vaticano II.

### 3.1

#### **A experiência de Deus no espaço sagrado da iniciação cristã**

Os primeiros cristãos conhecem os sacramentos a partir do termo grego *mystérion*, que deriva de *mýo*, “fechar” a boca/os olhos, e *térion* “lugar” onde se deve fazer algo.<sup>134</sup> Podemos entender como lugar de fechar a boca/os olhos, daí o sentido de mistério como o que não deve nem pode ser dito, algo que não se é capaz de descrever. Da raiz *mýo* tem-se também *myeo* (iniciar, instruir, ensinar).<sup>135</sup> Mistério é compreendido como “uma verdade sobrenatural cuja compreensão supera a capacidade cognoscitiva do ser humano e é objeto de revelação,”<sup>136</sup> porém os cristãos testemunham que em Jesus Cristo o Mistério se revela. A encarnação de Cristo, sua morte e ressurreição trazem ao mundo o ineditismo da história da salvação e uma imagem de um Deus trinitário. A partir da centralidade em Cristo se desvenda a ação do Pai na força do Espírito, que continua em sua Igreja nos mistérios.

A história do sentido de *mystérion* começa com as instituições helênicas iniciáticas, as religiões ou cultos de mistérios (*mystéria*, no plural),<sup>137</sup> das quais se expandiu para outros contextos.<sup>138</sup> O sentido principal do termo era “oculto para os de fora” e provinha da não revelação do que se realizava nos cultos das religiões de mistério.<sup>139</sup> O culto deveria conduzir o postulante a um íntimo relacionamento com o destino do deus, a uma transformação e prometia a salvação, a libertação.<sup>140</sup> A salvação era pessoal - não havia uma preocupação coletiva, apesar do iniciado pertencer a uma comunidade - e, fora do tempo. As religiões ou cultos de mistério eram meios para uma vida feliz além da morte:

Essas comunidades de culto, elites religiosas recrutadas por vocação individual, formam uma sociedade secreta, separada do mundo profano, à qual se tem acesso por iniciações e consagrações especiais e ocultas. A meta almejada é a “salvação”, numa união perfeita com o deus após a morte.<sup>141</sup>

<sup>134</sup> FINELON, V. G., Teologia do Mistério, p. 14.

<sup>135</sup> BROWN, C., Segredo, Mistério, p. 2282.

<sup>136</sup> LUCAS, J. S., Mistério, p. 569.

<sup>137</sup> ELIADE, M., Mistérios, p. 237.

<sup>138</sup> Como em Platão que o utiliza no sentido ontológico ou os gnósticos que entendem como “conhecimento místico capaz de transformar o homem no ‘divino contemplado.’” (ADRIANO, J., Sacramentologia fundamental, p. 16.).

<sup>139</sup> BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 251.

<sup>140</sup> BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 252-253.

<sup>141</sup> CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 73.

No entanto, para o Novo Testamento o *mystérion*<sup>142</sup> se deu a conhecer (Ef 1,9) em Cristo, manifestando o desígnio de Deus ao mundo. O termo *mystérion* aparece nos sinóticos e nas cartas paulinas e deuteropaulinas, com centralidade na pessoa de Cristo. Nos sinóticos: “o *mystérion* é a própria pessoa do Cristo na qual se inaugura o tempo messiânico e escatológico e os *mystéria* são suas palavras e atos nos quais o Reino de Deus se faz presente e atuante no hoje histórico-salvífico.<sup>143</sup> Na teologia paulina, o mistério é a revelação de Deus através de Jesus Cristo.<sup>144</sup> O Novo Testamento expressa, assim, uma mudança de perspectiva em relação ao sentido de mistério a partir da presença e atuação de Cristo no mundo.

Se para as religiões pagãs ou para o gnosticismo, o conhecimento do mistério exigia um caminho especulativo (separado do mundo, secreto, separando iniciados e não-iniciados, os de fora), no cristianismo há uma ação iniciada por Deus que deseja comunicar o mistério. O mistério, para os cristãos, é graça, é dom, e precisa ser comunicado a todos. Assim, no evangelho de Marcos, em 4,11, Jesus evidencia que o mistério do Reino se dá a conhecer aos discípulos por livre iniciativa de Deus, pois o mistério é Jesus mesmo e ‘os de fora’ não são excluídos, mas aqueles que se recusam a ver em Jesus “a presença operante do reino de Deus.”<sup>145</sup> O mistério não é um segredo mas uma oferta aos que se abrem, é uma realidade trazida a luz em Cristo, em sua vida, em sua mensagem, em sua crucificação e ressurreição, ele mesmo é “o mistério de Deus” (1Cor 2,1), agora dado a conhecer: “Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta que Deus antes dos séculos, de antemão destinou para nós” (1Cor 2,7).

A sabedoria de Deus que entrou na história, visibilizou-se na cruz, que é a própria vida de Cristo com todas as resistências e obstáculos que encontrou, mas também com toda a mensagem de amor, de transcendência que ele demonstrou até a crucificação e morte, da qual provém a ressurreição e glória: “...anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados(...)é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1, 23-24). Assim, Cristo crucificado é o *mysterion* anunciado: “Não uma fórmula intelectual que se possa construir com uma interpretação sofisticada, mas o mero

<sup>142</sup> Os cristãos retiram o termo “da LXX, do texto grego da Sagrada Escritura, da linguagem apocalíptica e principalmente do judaísmo contemporâneo” (NEUNHEUSER, B., Mistério, p. 757).

<sup>143</sup> FINELON, V., Teologia do Mistério, p. 26.

<sup>144</sup> FINELON, V., Teologia do Mistério, p. 28.

<sup>145</sup> FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 463.



acontecimento em si: o Crucificado, ao qual se refere o simples *kerigma*, precisamente Ele é o *mysterion*. ”<sup>146</sup>

Assim, os primeiros cristãos anunciam, comunicam o mistério de Deus em Cristo e é nesse processo de transmissão, de anúncio do mistério que a Iniciação cristã nasce. Iniciar é conduzir ao Mistério de Cristo. Vamos encontrar em várias páginas do Novo Testamento contextos que expressam uma estrutura de Iniciação cristã,<sup>147</sup> como um conjunto global de experiência de encontro com Deus, com centralidade em Cristo. Batizar-se em nome de Cristo implica inserir-se na comunidade do Pai através do Filho no Espírito. Escolhemos alguns textos, que consideramos fundamentais para demonstrar o sentido unitário da Iniciação cristã: do livro de Atos, alguns textos da primeira Carta aos Coríntios, o hino de louvor de Ef 1, 3-14.

Pode-se considerar um roteiro de um processo de iniciação esboçado no livro de Atos dos Apóstolos no qual, após o evento teofânico em Pentecostes (At 2,1-4), Pedro faz o anúncio, o querigma, ou uma verdadeira profissão de fé, pregando que Jesus passou pelo mundo fazendo milagres e o bem, foi morto e crucificado, conforme as escrituras do AT, porém “Deus o ressuscitou,” (At 2,24) fato testemunhado pelos apóstolos, e derramou o Espírito sobre eles, cumprimento da promessa feita em outros tempos. O anúncio apresenta o conteúdo da fé cristã, o mistério da cruz, da morte, da ressurreição e o derramamento do Espírito e transforma o coração dos ouvintes, que se expressa na pergunta dos que foram tocados: “Irmãos, que devemos fazer?” (2,37). A resposta de Pedro exige a conversão, o arrependimento, a fé, para que se realize o batismo em nome de Jesus e então se receba o Espírito Santo. Vislumbra, assim, uma concepção teológica do batismo:

O batismo no nome de Jesus(...), quer dizer, sob a invocação do nome salvador do Senhor Jesus, sela e consuma a salvação daquele que se converteu e acreditou. (...)É o batismo dos tempos escatológicos, que já chegou, porque Jesus morreu, ressuscitou e foi constituído Messias e Senhor e, por isso, todos aqueles que invocam seu nome, do único salvador será salvo (At 4,12). O batismo aparece assim como a celebração em que formalmente se invoca o Nome; nele o crente lava seus pecados (At 22,16) e é agregado oficialmente à comunidade. Finalmente, na doação do Espírito culmina esse processo, e converte-se o batizado em testemunha da ressurreição, membro de um povo de profetas, pelo qual Jesus, por seu Espírito, oferece sua salvação a todos os homens.<sup>148</sup>

<sup>146</sup> RATZINGER, J., Teologia da Liturgia, p. 221.

<sup>147</sup> Em várias passagens de Atos dos apóstolos, na literatura paulina, na primeira carta de Pedro, na literatura joanina. (OÑATIBIA, I., Batismo e Confirmação, p. 31-68).

<sup>148</sup> CARMONA, A. R., A obra de Lucas (Lucas-Atos), p. 317.

Na cena de Pentecostes (At 2, 14-41), tem-se um roteiro, um itinerário de um processo de iniciação: o anúncio querigmático trinitário, a resposta favorável (a fé), a conversão (o arrependimento), o batismo com o recebimento do dom do Espírito Santo.<sup>149</sup> Pedro interpreta aquele momento como a realização da promessa escatológica anunciada pelos profetas: o derramamento do Espírito sobre todos (At 2, 14-21). A Igreja que se forma nesse momento é uma comunidade repleta do Espírito Santo devido à ação de Jesus. O batismo em nome de Jesus dá acesso ao recebimento do dom do Espírito, são dois momentos de uma única realidade. O texto demonstra o crescimento das primeiras comunidades, porém também se percebe que não se pode ingressar na vida cristã sem o batismo e o recebimento do Espírito, portanto, independente de uma referência explícita a um ritual, já há no Novo Testamento um caminho para se ingressar na vida cristã, na comunidade, que será sistematizado no decorrer dos primeiros séculos. Esse texto de Atos expressa, segundo nosso entender, o sentido de unidade: batizar em nome de Jesus para perdão dos pecados, receber o Espírito que o Pai deu ao Filho (At 2,38). Há uma ação trinitária unificadora a partir de Cristo.

Vamos encontrar no livro dos Atos outras passagens que demonstram algumas peculiaridades, tais como, por exemplo, no caso de Felipe, que batizava na Samaria (At 8, 9-17), mas os batizados ainda não haviam recebido o Espírito, o que aconteceu com a chegada dos apóstolos, expressando que batismo e recebimento de Espírito podem ser realizados em momentos diferentes, não fere a unidade; e ainda o batismo da casa de Cornélio no qual o Espírito Santo veio enquanto Pedro proferia o querigma, antes do batismo (At 10, 44-48). A unidade não significa realizar a celebração toda num único momento e que a inversão da ordem, batismo antes ou depois do recebimento do Espírito, não invalida o resultado. Batismo e recebimento do Espírito são momentos interligados que conduzem à vivência eucarística, daí que nos textos seguintes o autor vai fazer os resumos da vida em comunidade, da vivência eucarística.

Nos versículos seguintes, 2,42-47, é expresso o modo de vida cristã da comunidade dos batizados, uma espécie de resumo da maneira de viver cristã, uma vivência de comunhão: “Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.” (2,42); e ainda: “Dia após dia,

---

<sup>149</sup> ONATIBIA, I., Batismo e Confirmação, p. 33.

unânicos, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração.” (2,46) Há quatro elementos importantes: o ensinamento, a comunhão, a fração do pão e as orações. O ensinamento dos apóstolos evoca que “o ponto de partida de uma comunidade cristã é a escuta da palavra.”<sup>150</sup> A comunhão é a novidade cristã, unidos na fé, partilhavam os bens, em uma fraternidade, pois pelo batismo tornam-se filhos no Filho do Pai: “Dado o contexto de Atos, precisado mais adiante na retomada do tema, pode-se dizer que a comunhão fraterna é a união espiritual dos crentes baseada na mesma fé e no mesmo projeto de vida.”<sup>151</sup> A fração do pão liga-se, provavelmente, à ceia eucarística, que conforme nos informa a primeira carta aos Coríntios, os primeiros cristãos celebravam “como parte de uma refeição comunitária.”<sup>152</sup> As orações são indicadores de que os cristãos rezavam em comum, como deve ser uma comunidade fraterna que vive na alegria e na simplicidade da vida cristã, numa verdadeira mistagogia, mesmo que não se use esse termo.

Gostaríamos de chamar atenção para a iniciação de Paulo: após o encontro com o ressuscitado na viagem para Damasco, Paulo perde a visão e fica três dias sem comer até que Ananias, imbuído pelo Espírito do Senhor, vai à casa, onde o então Saulo estava, impõe-lhe as mãos e Saulo fica repleto do Espírito, recupera a vista, então se batiza e se alimenta. (At 9, 15-19). Esse texto é extraordinário pois indica um caminho desde a era apostólica de ingresso na comunidade, Saulo teve um encontro místico com Cristo, ele viu o Cristo ressuscitado, uma espécie de êxtase, no entanto foi iniciado para fazer parte da comunidade do Senhor. Percebe-se nesse trecho um ritual no sentido de ações dotadas de significado: impor as mãos, o batismo e o alimentar-se. O livro de Atos é muito significativo ao demonstrar como a Igreja crescia através do batismo, de uma iniciação, não se ingressava na comunidade dos portadores do Espírito sem batizar-se. Não se está afirmando que a comunidade é dona do Espírito Santo, ele é livre, mas está na Igreja, movimentando-a, guiando-a.

Na primeira Carta aos Coríntios encontram-se um dos “testemunhos históricos mais antigos sobre a iniciação cristã.”<sup>153</sup> Para chamar atenção aos cristãos

<sup>150</sup> FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 76.

<sup>151</sup> FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 76.

<sup>152</sup> COMBLIN, J., Atos dos Apóstolos, p. 107.

<sup>153</sup> OÑATIBIA, I., Batismo e Confirmação, p. 38.

de Corinto, que poderiam estar se afastando das práticas cristãs, Paulo relembra-lhes os momentos de sua iniciação, a fim de ressaltar o compromisso com a vida nova: “Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.” (1Cor 6,11). Percebe-se o roteiro da celebração, o batismo e o selo do Espírito que incorpora à comunidade (santificados e justificados) na teologia trinitária. Mais adiante, em outro texto importante, 1Cor 10,1-22, o autor faz uma releitura dos fatos do Êxodo, para exemplificar o que estava acontecendo no presente com a comunidade de Corinto, que não estava reconhecendo a graça de Deus, não estava vivendo a comunhão fraterna. Paulo fará um tipo de correspondência entre os fatos passados no Êxodo e os presentes em Corinto, evidenciando uma sacramentalidade na história da salvação. No Êxodo (Êx16-17), os hebreus “foram batizados em Moisés,” foram libertados pela água, passaram para uma nova vida e comeram e beberam do alimento espiritual. Apesar disso, a maioria não reconheceu a Deus, não acolheu a Deus e por isso morreu. Paulo está demonstrando que é preciso permanecer na fé, suportar as tentações de desvio. Somos batizados para viver em comunhão senão caímos na idolatria, ou seja, entramos em comunhão com o que não é de Deus, aí morremos.

Assim, batismo e eucaristia são dinâmicas da história da salvação, são meios de comunicação de Deus ao longo da história: o batismo liberta para experimentar a vida em comunhão fraterna no amor com Deus e com os irmãos. O banhar-se e o alimentar-se são ações tipicamente humanas que se transformam em espaço da comunicação de Deus. A partir desse argumento, exemplo, figura, do Antigo Testamento, Paulo vai olhar para o presente para demonstrar à comunidade de Corinto como está se desviando da “ceia do Senhor,” em 1 Cor 11,17-34.

O texto valoriza a comunidade unida, congregada, para participar da eucaristia. Se a comunidade vem para a reunião dividida, é porque não compreende o sentido do que está celebrando: o Novo Testamento mostra a assembleia como lugar de oração, de repartir o pão, assim se tem a presença do Espírito (At 2, 42). No entanto, havia divisões nas reuniões dos coríntios, e as celebrações precisam refletir a prática do Evangelho.<sup>154</sup> A eucaristia é comunhão numa atitude de amor, de humildade, de partilha do alimento concreto para expressar a partilha espiritual, pois Deus se

---

<sup>154</sup> MAZZAROLO, I., Primeira Carta aos Coríntios, p. 169.

expressou na história e morreu, se partiu por todos nós. O cristianismo não é um intimismo, uma abstração, parte da história para transcender. É preciso que a salvação aconteça no mundo nos atos concretos da comunidade, que se reflete na vida de cada cristão, ganhando o mundo. Por isso, eucaristia implica vivência fraterna, no amor, no perdão, a nova vida como Cristo viveu. O batismo e a eucaristia devem ser experiência de vida cristã:

O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que participamos desse único pão. (1Cor 10, 16-17)

Então: “Portanto, meus irmãos, quando vos reunirdes para a Ceia, esperai uns pelos outros.” (1Cor 11-33). Aquilo que se celebra deve se concretizar nos atos.

Em Ef 1,13-14, Oñatibia considera que há “uma descrição detalhada da estrutura da iniciação cristã.”<sup>155</sup> O trecho faz parte do hino de louvor (Ef 1, 3-14) que pode ser considerado uma síntese teológica sobre o projeto redentor de Deus em Cristo.<sup>156</sup> Após a bênção (1,3), o autor expõe a teologia da redenção na qual Deus nos escolheu para sermos filhos adotivos em Cristo (1,5-6), e em Cristo tudo se esclarece pois nele Deus deu a conhecer o mistério (1,9) e é em Cristo que se realiza o batismo no selo do Espírito (1,13-14).

Diante do exposto, entendemos que o Novo Testamento compreende a Iniciação cristã a partir do sentido de *mystérion*, visto que o mistério é Cristo com sua cruz, morte e ressurreição (Ef 3,3-10). Portanto, todas as suas ações, palavras mensagens são mistérios (*mystéria*), que continuam em sua Igreja, um só corpo dos batizados em Cristo. Igreja é o espaço da Iniciação cristã, que conduz a uma experiência de vida sacramental. Há um entendimento claro que emana dos textos de que o batismo insere no mistério de Cristo através da Igreja, que se conforma como espaço dos mistérios. Dessa forma quando os primeiros cristãos pensam em *sacramentum* entendem como revelação do *mystérion/mysterium*, como uma experiência que configura a Cristo. Há uma centralidade cristológica do mistério e da Iniciação cristã: iniciar-se é ser batizado, receber o Espírito, participar da ceia eucarística, vivendo uma vida eucarística, na “fração do pão.” O partir o pão é uma

<sup>155</sup> OÑATIBIA, I., Batismo e Confirmação, p. 44.

<sup>156</sup> MAZZAROLO, I., Carta aos Efésios, p. 34.

vida nova concreta. Assim, experiência é vida cristã, é viver imitando a Cristo: “sede meus imitadores” (1Cor 11,1). O batismo engloba o recebimento do Espírito, não há batismo sem o Espírito, pois é pelos seus dons que impulsionam os cristãos à missão: batismo-unção-ceia são um conjunto unitário de Iniciação, significando a completude da Iniciação. A unidade é uma categoria teológica: unidade entre Antigo e Novo Testamento, apesar das diferenças e descontinuidades, unidade entre os sacramentos, apesar das especificidades. Para participar da ceia é necessário o batismo; o batismo em Cristo pressupõe o recebimento do Espírito, seja antes ou depois do batismo. A eucaristia vivifica, aprofunda o batismo e a unção, por isso se repete. É das páginas do Novo Testamento que nascerá o sentido de sacramentos-mistérios a partir do desenvolvimento da Iniciação cristã, tanto que no século III, a Tradição apostólica de Hipólito de Roma já descreve um processo de Iniciação bem completo.<sup>157</sup> Dessa mesma época, Tertuliano com seu tratado sobre o Batismo também apresenta um processo bem delineado de Iniciação cristã.

Os primeiros cristãos nas páginas do Novo Testamento entendem Mistério como o projeto de Deus que se revelou em Jesus Cristo (Ef 3, 9-11) e, por meio Dele, Deus nos convidou a sermos seus filhos (Ef 1, 3-6). O convite à filiação é uma chamada a experimentar a vivência desse Mistério no Espírito, fazendo parte de um mesmo Corpo (Ef 3, 3-7). A ação do Pai, que nos torna filhos através do Filho no Espírito, revela a ação trinitária de Deus, não como um conhecimento inatingível reservado aos perfeitos, como entendiam as religiões místicas, mas como ação de Deus mesmo na história da qual todos são chamados a participar. Essa participação, esse tornar-se filho, essa pertença necessita de um caminho, de uma iniciação, mesmo que essa palavra não se encontre. Para viver essa experiência de filiação é preciso uma resposta, acolhida na fé, que não ocorre de forma mágica ou instantânea, é preciso ser batizado no Espírito para pertencer à família, ao Corpo de Cristo: “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1 Cor 12,13). O batismo é, no Novo Testamento, a forma de ingresso na vida cristã, é mergulho na nova vida, morrendo e ressuscitando com Cristo:

Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte

<sup>157</sup> HIPÓLITO DE ROMA, Tradição Apostólica, parte II, p. 46-60.

para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova. (Rm 6, 3-4).

O batismo conecta a Cristo e à sua ação salvífica, ao Mistério Pascal. O Novo Testamento é a raiz estruturante para a Iniciação cristã. Mistério é a presença de Deus na história, na união entre divino e humano, que após sua morte e ressurreição continua presente em sua Igreja, em sua comunidade no Espírito. Comunidade que se torna um corpo no Corpo de Cristo pela graça do Espírito, que reúne todos os filhos no Filho. Pertencer a esse corpo é filiar-se, é tornar-se filho de um Pai. O ingresso nessa comunhão misteriosa ocorre por meio do batismo, que conduz à ceia da comunhão, à vivência da experiência de Deus. Esse sistema de Iniciação se desenvolverá nos três primeiros séculos, porém seu auge ocorre nos séculos IV e V com o processo catecumenal e as catequeses mistagógicas e o sentido pleno de sacramentos-mistérios.

### 3.2

#### **Sacramentos-mistérios nas catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão**

Neste tópico pretendemos demonstrar que o pleno desenvolvimento do sentido de sacramentos-mistérios, no século áureo da Iniciação cristã, se explicita nas catequeses mistagógicas. Escolhemos para exemplificar as catequeses de Cirilo de Jerusalém e de Ambrósio de Milão, o primeiro por ser da tradição pastoral oriental e o segundo, da ocidental. Apesar de tradições diferentes expressam pontos de contato que evidenciam a unidade da Igreja.

No período da Patrística, os denominados Padres da Igreja desenvolverão o conteúdo do termo *mysterion*, em consonância com o sentido neotestamentário: a vontade de Deus que se revela e realiza em Cristo (Rm 16,25). Assim, as ações salvíficas concretas da história de Jesus são mistério, tais como a natividade de Cristo, a Encarnação de Jesus, o batismo. Inácio de Antioquia, no século II, fala do batismo como *mysterion*, em Ign. Mg. 9,1, que é considerado “o texto patrístico mais antigo de uma teologia misteriosa batismal.”<sup>158</sup> Aos poucos, os Padres utilizam o termo *mysterion* como sinônimo de outras ideias a fim de demonstrar “a relação

---

<sup>158</sup> FINELON, V., Teologia do Mistério, p. 37.

e a unidade dos eventos da antiga e da nova aliança.”<sup>159</sup> Os Padres aprofundam uma ligação que já se encontrava presente na forma de interpretar a dinâmica da salvação: havia uma mentalidade escatológica já presente no Antigo Testamento, desde o cativeiro, quando os profetas anunciavam as promessas de Deus, sendo que a pregação apostólica testemunhou que, em Cristo, essas promessas se cumprem.<sup>160</sup> Essa mentalidade se expressa numa forma de fazer teologia, a tipologia bíblica, numa correspondência entre o Antigo e o Novo Testamento que continua na sua Igreja, nas suas ações.<sup>161</sup> Segundo Daniélou, há uma “tipologia sacramentária ao lado da tipologia cristológica.”<sup>162</sup> Essa tipologia já se encontra no Novo Testamento: “O Evangelho de João nos apresenta no maná uma figura da Eucaristia. A Primeira Carta aos Coríntios nos apresenta, na travessia do Mar Vermelho, uma figura do batismo.”<sup>163</sup> O termo *mystérion* vai significar assim ações salvíficas de Deus em Cristo e, por conseguinte, na Igreja.

O termo *mystérion* no século IV possui relevo no campo litúrgico-sacramental, principalmente no processo catecumenal de Iniciação cristã no qual a mistagogia era o tempo especial.<sup>164</sup> Nesses quatro primeiros séculos, a palavra grega *mystérion* no ambiente latino cristão foi transliterada para *mysterium*, porém, a partir do século III, Tertuliano emprega o termo *sacramentum* para batismo e eucaristia. Esse termo era do campo jurídico-militar e etimologicamente tem o sentido de instrumento, meio para o sagrado. Essa tradução, esse uso de *sacramentum* para se referir a *mystérion* foi acontecendo aos poucos, assim, de acordo com Grossi,<sup>165</sup> desde o século II, os tradutores das comunidades bíblicas latinas já usavam o termo *sacramentum* para indicar mais concretamente “sinal sagrado,” dessa forma “os sacramenta do verdadeiro Deus e os sacra dos pagãos traduzem o termo *mystérion*.”<sup>166</sup> Ocorre uma movimentação de sentido do termo *sacramentum* que vem da linguagem militar para designar mais concretamente o sentido abstrato de *mystérion*, porém acaba recuperando o sentido de *mystérion* e os dois termos se tornam sinônimos:

<sup>159</sup> FINELON, V., Teologia do Mistério, p. 36.

<sup>160</sup> DANIÉLOU, J., Bíblia e Liturgia, p. 30-31.

<sup>161</sup> DANIÉLOU, J., Bíblia e Liturgia, p. 30-31.

<sup>162</sup> DANIÉLOU, J., Bíblia e Liturgia, p. 31.

<sup>163</sup> DANIÉLOU, J., Bíblia e Liturgia, p. 31.

<sup>164</sup> COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 136.

<sup>165</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1493.

<sup>166</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1493.



Pouco a pouco, *sacramentum* recuperou os significados de *mysterion*, e os dois termos se tornaram sinônimos; com o emprego da metonímia, *sacramentum* passou a designar o próprio conteúdo da iniciação batismal e as figuras bíblicas, os acontecimentos tipológicos, as doutrinas próprias do cristianismo.<sup>167</sup>

Cabe ressaltar que Tertuliano é quem visibilizará o sentido teológico de sacramento, como afirma Finelon:

Nos textos de Tertuliano, se encontra o primeiro emprego teológico do termo *sacramentum*. Na verdade, partindo da teologia bíblica, o autor africano dá continuidade à teologia econômica, ressaltando as relações entre Antigo e Novo Testamento e à centralidade de Cristo nesta história. Todavia, dá um passo além, pois chama de *sacramentum* tanto o Batismo, quanto a Eucaristia. Estas duas realidades celebrativas da Igreja são sacramentos porque manifestam a salvação e a atualizam na vida dos seus participantes. O autor ainda faz alusão à relação entre o voto prometido do soldado romano e a adesão do catecúmeno ao símbolo da fé, na celebração do Batismo.<sup>168</sup>

Essa tradução de mistério para sacramento expressa uma concepção de que o simbólico expressava uma realidade, um evento. Os sacramentos como mistérios expressavam o evento Cristo na dinâmica da sua vida, morte e ressurreição, um Deus que entrou na história e revelou a trinitariedade divina. A Iniciação cristã, com as catequese mistagógicas, buscavam demonstrar que a experiência celebrativa era local da história da salvação:

Na mistagogia cristã se tem um implicar-se/desdobrar-se do divino na história, confiado ao rito, isto é, ao símbolo sacramental. A visão tipológica, que está na base da mistagogia, descobre os “tipos/figuras” que no curso da história dão razão aos sinais sacramentais, preenchendo-os com o significado de Cristo.<sup>169</sup>

O encontro mistério/sacramentos conduzirá a uma terminologia litúrgico-sacramental patrística que expressa o simbolismo como meio de comunicação objetiva: os sacramentos-mistérios possuem uma “realidade de presença diferente da originária, mas igualmente real.”<sup>170</sup> Entende-se que os Padres ao falarem do batismo, da unção, da eucaristia entendem como elementos de um conjunto que une liturgia, escritura, tradição, fé, espiritualidade a partir do Mistério Pascal de Cristo:

O significado dos sacramentos pode ser colhido junto aos Padres da Igreja só em um quadro de conjunto, no âmbito dos sinais rituais como ligação e expressão do culto

<sup>167</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1493.

<sup>168</sup> FINELON, V., Teologia do Mistério, p. 50.

<sup>169</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1498.

<sup>170</sup> MARSILI, S., Sacramentos, p. 1060.

cristão a Deus e à *traditio*/transmissão do Evangelho no *sensus Ecclesiae* de crer e de orar.<sup>171</sup>

Os sacramentos, para os Padres, não são rituais convencionais, pelo contrário expressam o conjunto da obra da salvação, são espaço sagrado da experiência de Deus. Podemos perceber isso claramente no desenvolvimento da Iniciação cristã no processo catecumenal que tinha uma visão de conjunto unitário que envolvia os ritos do batismo, a unção do Espírito, a memória da última ceia numa “sacramentária unitária.”<sup>172</sup> Assim, sacramentos-mistérios expressam uma mentalidade que une os aspectos teológicos da salvação:

Ao lado da questão terminológica do “mistério-sacramento-mistagogia” que estava em maior evidência, ou seja, um vocabulário a elaborar, no período patrístico veio se articulando uma sacramentária (ritos – sacramentos) de imposição unitária. Não era dividida entre momento litúrgico-pastoral, antropológico e comunitário (eclesial e social), trinitário-cristológico, se bem que as tonalidades expressivas de cada sacramento como do seu conjunto fossem certamente distintas.<sup>173</sup>

Iniciar, na Igreja Antiga, é sobretudo conduzir os neófitos a viverem a experiência sagrada do encontro com Deus, a viverem a experiência do mistério nos mistérios. Essa experiência de iniciação possuía um dinamicismo concreto no qual o elemento litúrgico-celebrativo era fundamental para o processo de iniciação, pois batismo-unção-eucaristia não eram ritualidade simplesmente eram tempo-espaço da presença de Deus, daí a necessidade de uma compreensão de todo movimento simbólico celebrativo, era a etapa mistagógica. A mistagogia cristã teve seu pleno desenvolvimento no século IV “centrada sobre a explicação aos batizados (os *fideles* ou iluminados) dos mistérios cristãos...”<sup>174</sup> As dimensões cristológica, pneumática e eclesiológica dos sacramentos, na formação catecumenal, se explicitavam através das denominadas catequeses mistagógicas, realizadas após as celebrações sacramentais:

Em suas grandes linhas, podemos observar que a formação propriamente catecumenal se realizava mediante a catequese bíblica, centrada na narração da História da salvação; a preparação imediata ao Batismo, por meio da catequese doutrinal, que explicava o Símbolo Apostólico e o Pai-Nosso, recém-entregues, com suas implicações morais; e a etapa que sucedia os sacramentos de iniciação, mediante

<sup>171</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1485.

<sup>172</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1507.

<sup>173</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1507.

<sup>174</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1496.

a catequese mistagógica, que ajudava a interiorizar tais sacramentos e a incorporar-se na comunidade.<sup>175</sup>

O catecúmeno ingressava num processo de escuta da Palavra, de vivência celebrativa e de aprofundamento da vivência celebrativa. Nesse processo, as catequeses mistagógicas visavam conduzir os neófitos à compreensão do sentido teológico e simbólico dos ritos litúrgicos, do batismo, da unção e da eucaristia, expressando a importância de se vivenciar gradualmente a graça recebida na celebração. Conduzir o neófito ao mistério implica que para ser cristão não basta um entender doutrinas ou um assentimento moral, é preciso encontro com uma pessoa, Jesus Cristo, que confere uma mudança existencial, um renascimento, uma maneira de ser mergulhado no amor e na alegria, que integra todas as dimensões. Esse encontro se desenvolve na comunidade, espelho da trindade do Deus cristão.

As catequeses mistagógicas eram homílias centradas nas escrituras e no litúrgico-simbólico, porque os ritos, os gestos, as palavras, o litúrgico-sacramental expressava um acontecimento: o Mistério Pascal do Senhor.<sup>176</sup> Para os primeiros cristãos era necessário ter plena consciência da graça ofertada através dos sacramentos, por isso a celebração dos sacramentos de iniciação era uma etapa fundamental e fundante da vida cristã, que não se encerrava na celebração, precisava ser aprofundada num caminho mistagógico: “é importante observar que, para os Padres da Igreja, na categoria de neófitos estão não apenas os recém-batizados, mas todos os fiéis.”<sup>177</sup> Fato que revela a compreensão de um processo de caminho permanente para o desenvolvimento da fé, sendo que a catequese mistagógica se situa mais como uma orientação mistagógica que percorre toda a vida cristã. Após a celebração dos sacramentos os fiéis participavam da comunidade, acompanhando os ensinamentos homiléticos:

Essa orientação catecumenal específica dirigia continuamente os fiéis para o redescobrimento e para a celebração da Palavra de Deus e da morte e ressurreição do Senhor não apenas como mais um conteúdo catequético, mas como mistério que penetrava toda a sua vida pelo Espírito de Deus.<sup>178</sup>

<sup>175</sup> COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 108.

<sup>176</sup> COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 79.

<sup>177</sup> COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 79.

<sup>178</sup> COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 113.

Essas catequeses são verdadeiras teologias porque vão mostrar a ação de Deus na economia salvífica presentificando-se através dos mistérios, dos sacramentos, principalmente o batismo e a eucaristia. No século IV encontramos os principais textos:

Os principais documentos que refletem tal prática são as Catequeses, de Cirilo de Jerusalém (348-351); as Homilias catequéticas, de Teodoro de Mopsuéstia (388-428); as Catequeses batismais, de João Crisóstomo (388-397); os Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios, de Ambrósio de Milão (380-397); os Discursos catequéticos, de Gregório de Nissa (388-396) e A instrução dos catecúmenos, de Agostinho (413-426).<sup>179</sup>

Dentre esses textos, as *Catequeses Mistagógicas*, de Cirilo de Jerusalém e *Sobre os Sacramentos e Sobre os Mistérios* de Ambrósio, que se dirigem aos neófitos, recém-batizados, para explicar-lhes o sentido dos sacramentos da Iniciação cristã, expressam o sentido mistérico dos sacramentos, testemunhando a importância da mistagogia para a Iniciação Cristã e a estrutura teológica unitária dos sacramentos da Iniciação cristã.<sup>180</sup> Essa mentalidade unitária salvífica perpassa na correspondência entre os dois Testamentos, na tipologia, continua na Igreja e em suas ações, proféticas, caritativas, litúrgicas-sacramentais e se desenvolve nos sacramentos da Iniciação cristã. Assim, o Mistério revelado em Cristo continua nos mistérios de sua Igreja e os sacramentos são espaço dos mistérios, são, pois, sacramentos-mistérios.

As catequeses mistagógicas de Cirilo e de Ambrósio demonstram que batismo-unição e eucaristia possuem um desenvolvimento unitário na história da salvação. Batismo-unição-eucaristia pertencem ao âmbito das ações comunicativas de Deus ao longo da história da salvação. Não pretendemos e nem podemos fazer uma exegese dos textos de Cirilo e Ambrósio, a nossa intenção será destacar os aspectos principais que evidenciem o sentido mistérico dos sacramentos da Iniciação, ou seja, sua pertença à história salvífica iniciada no Antigo Testamento, plenificada em Cristo e que continua pela ação do Espírito na Igreja e nas suas ações. A escolha dos referidos autores ocorre em virtude de serem representantes de duas tradições eclesiais e pastorais, Cirilo, da tradição oriental e Ambrósio, da tradição ocidental. Embora de diferentes tradições testemunham a unidade da Igreja.

<sup>179</sup> COSTA, R. F., A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p. 41-42.

<sup>180</sup> PACHECO, L. C. L., Iniciação cristã na Igreja Antiga, p. 179.

Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão pertencem ao contexto histórico inicial da virada constantiniana, no qual o cristianismo começa a ser aceito até tornar-se a religião oficial do Império, ocasionando mudanças no agir pastoral e nos séculos seguintes um declínio do catecumenato. Cirilo, que foi bispo de Jerusalém no século IV, deixou uma obra vasta, dentre elas, as Catequeses Mistagógicas nas quais trata da explicação dos sacramentos da Iniciação Cristã àqueles que foram recém-batizados na Páscoa. São cinco catequeses: a primeira fala da Renúncia e da profissão de fé batismal trinitária, a segunda, do Batismo, a terceira, da Unção, a quarta da Eucaristia e a quinta, da Celebração Eucarística. Já Ambrósio, testemunha da tradição ocidental, segue, em geral, os ritos de Iniciação da Igreja de Roma,<sup>181</sup> e nos seus escritos catequéticos, especificamente “Sobre os Sacramentos” (*De Sacramentis*) e “Sobre os Mistérios” (*De Mysteriis*) pode-se evidenciar o caráter mistérico do sentido de sacramentos.

Esse ensinamento sobre os mistérios ocorre após a celebração dos sacramentos, os recém-batizados já possuem conhecimento dos eventos da Escritura e, do ensinamento moral, agora, os neófitos entrarão em contato “com o sentido do que se passou”<sup>182</sup> durante o batismo. Cirilo explica cada ação, cada gesto e frases pronunciadas durante a celebração em consonância com os eventos do Antigo e Novo Testamentos: “Ora, é preciso que saibais que na história antiga há uma figura desse gesto.”<sup>183</sup> Os gestos não são aleatórios, há uma razão incrustada na história que desvenda o sentido desse gesto: o evento da libertação do povo hebreu. No entanto, esse evento do Antigo Testamento se plenifica no Novo Testamento em Cristo, é a passagem da figura à realidade. Cirilo, seguindo os ritos da Igreja de Jerusalém, -- entrada no átrio, voltado para o Ocidente, a Renúncia a todo mal, a Profissão de fé trinitária -- vai conduzindo o neófito a compreender que aquilo que foi celebrado continua uma história que se renovou em Cristo, da mesma forma o neófito foi renovado: “uma vez que fostes renovados e passastes do que era velho para o que é novo.”<sup>184</sup> Cirilo compreende o batismo como renovação, passagem do velho para o novo, o batismo é incorporar-se à morte e ressurreição de Cristo: “Num mesmo instante, morrestes e nascestes, e aquela água de salvação

<sup>181</sup> PACHECO, L. C. L., Iniciação cristã na Igreja Antiga, p. 173.

<sup>182</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses Mistagógicas, I,1, p. 552.

<sup>183</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses Mistagógicas, I,1, p. 552.

<sup>184</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses Mistagógicas, II,1, p. 554.

tornou-se para vós, ao mesmo tempo, sepulcro e mãe.”<sup>185</sup> Mais adiante (2, 6-7) vai explicitar que batismo não consiste apenas em perdoar os pecados mas nos torna participantes, integrantes, de sua morte e ressurreição, ou seja, percebe-se o sentido de batismo como filiação: “O batismo não é visto por Cirilo apenas no seu caráter de purificação para recebimento pós-batismal do Espírito Santo. É entendido como participação nos sofrimentos de Cristo, o que confere ao batizado a graça da adoção à filiação divina.”<sup>186</sup>

O batismo em Cristo torna o batizado semelhante ao Filho de Deus e leva à unção. A unção é um desdobramento do batismo, pois Cristo ao imergir nas águas consagrou-as e ao emergir o Espírito Santo desceu e permaneceu sobre Ele. Assim: “Também a vos de modo semelhante, depois que emergistes da piscina das águas sagradas, foi concedido o crisma, imagem real daquele com que Cristo foi ungido e que é, sem dúvida, o Espírito Santo.”<sup>187</sup> O batismo se realiza na trinitariedade, pois assim como o Pai ungiu o Filho com o Espírito Santo assim o batizado é ungido no Espírito pelo Pai, tornando-se participante da natureza de Cristo.<sup>188</sup> Cirilo prossegue, ao tratar da eucaristia, destaca a íntima comunhão com Deus, que transforma os neófitos em “portadores de Cristo.”<sup>189</sup>

Nas catequeses mistagógicas de Cirilo podemos perceber as teologias de Paulo, Rm 6, e de João 3,<sup>190</sup> o batismo como participação no sofrimento, morte e ressurreição de Cristo, como um novo nascimento, como filhos no Filho. Batismo, unção e eucaristia são celebrados conjuntamente em momentos que vão se completando, assim ser iniciado é ser batizado e ungido para assim, transformado, poder receber o Corpo e o Sangue do Senhor. Cirilo chama atenção o tempo todo para que os neófitos, compreendendo o sentido que vem das Escrituras, dos eventos salvíficos, possam transcender, ir além do que os sentidos mostram e, para isso, é preciso fé. Os mistérios dos sacramentos expressos simbolicamente nos gestos, nas palavras, compreendidos a partir das escrituras, são acessados se houver fé. Para ele “...o mistério, no rito, é sempre expressado em forma simbólica, isto é, realiza verdadeiramente o que significa.”<sup>191</sup>

<sup>185</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas*, II,4, p. 555.

<sup>186</sup> PACHECO, L. C. L., *Iniciação cristã na Igreja Antiga*, p. 171.

<sup>187</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas*, III,1, p. 557.

<sup>188</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas*, III, 2-3, p. 557.

<sup>189</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas*, IV, 3-7, p. 559-560.

<sup>190</sup> PACHECO, L. C. L., *Iniciação Cristã na Igreja Antiga*, p. 171.

<sup>191</sup> ADRIANO, J., *Sacramentologia Fundamental*, p. 29.

E é destacando a importância da fé que Ambrósio de Milão inicia sua catequese “Sobre os Mistérios.” A salvação tem como mediação a história do mundo e a Escritura é a luz que ilumina essa história.<sup>192</sup> Ambrósio, como Cirilo e os demais autores da Patrística, utiliza o método tipológico através do qual relaciona os eventos do Antigo Testamento, do Novo Testamento e os ritos litúrgicos.<sup>193</sup> Dessa forma, segundo Mazza,<sup>194</sup> seu vocabulário está ligado a esse método exegético tipológico, então mistério, sacramento, figura, forma, tipo, possuem uma proximidade de significado, porém não são simplesmente sinônimos, visam garantir a unidade da história da salvação:

Trata-se, portanto, de um vocabulário que tem o objetivo de garantir a unidade da história da salvação, por meio dos dois Testamentos. Sucessivamente, pode ser empregado para indicar também a relação de unidade que existe entre a ordem da criação e a ordem da salvação, mas, sobretudo, é utilizado para designar a unidade e a identidade entre a salvação a que se chega nos sacramentos e a salvação como foi realizada na história.<sup>195</sup>

O que são mistérios e o que são sacramentos para santo Ambrósio e de que maneira suas catequese nos ajudam a compreender os sacramentos da iniciação cristã como um tempo-espaço além do ritual e como um *locus* temporal da experiência de Deus? Em “Sobre os Mistérios,” Ambrósio deixa claro que esse momento catequético é diferente do anterior (quando os aspirantes adquiriam conhecimento literal das narrativas bíblicas e o ensinamento moral), pois, os agora neófitos, encontram-se em uma nova circunstância, já celebraram os sacramentos e, por isso, o autor vai “falar dos mistérios” e dar “a explicação dos sacramentos.”<sup>196</sup> Apontando a fé como condição essencial para o batismo, o autor enfatiza o uso dos sentidos para despertar a memória do ouvinte e conduzi-lo à contemplação dos mistérios. É preciso recordar o que se viveu, aquilo que os sentidos nos fizeram tocar, ouvir, ver. Seguindo o rito da Igreja de Milão, Santo Ambrósio começa sua catequese recordando “O que fizemos no sábado?” (Sobre os sacramentos I,2) e a partir da recordação do que se viveu no celebrativo, o autor explica o significado do batismo, tendo como fonte a Escritura, relacionando os eventos do Antigo e Novo Testamento.

<sup>192</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 38.

<sup>193</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 38.

<sup>194</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 39.

<sup>195</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 39.

<sup>196</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Mistérios I,2, p. 81.

O primeiro aspecto a ser destacado é que, ao longo de suas catequeses, os sentidos da audição e da visão (“Escuta.”, “viste”) têm importância primordial bem como as ações (“renunciaste”, “aproximaste”), o que indica a necessidade de trazer para o presente o fato vivido para ressignificá-lo a partir do sentido objetivo: “Ambrósio pretende demonstrar que os neófitos experimentam o mistério salvífico, iniciado nos tempos bíblicos e continuados nos ritos da Igreja.”<sup>197</sup> Ambrósio conduz o neófito a utilizar a memória, revivendo a celebração, e meditar sobre ela na escuta do sentido que vem da Escritura, que ilumina o vivido na celebração e vai conduzindo o neófito ao mistério:

Em seguida, te aproximaste, viste a fonte, viste também o sacerdote junto à fonte. Nem posso duvidar que em teu ânimo não poderia acontecer o que aconteceu naquele sítio de Naamã, o qual, embora purificado (entretanto antes duvidava). Por quê? Vou dizer. Escuta. Entraste, viste a água, viste o sacerdote, viste o levita. Por acaso alguém diria: Isso é tudo? (...) Viste aquelas coisas que pudeste ver com os olhos do teu corpo e com os olhares humanos; não viste aquilo que se realizou, mas o que se vê.<sup>198</sup>

Ambrósio busca conduzir os neófitos a um caminho de transcendência que parte do visível, do dado antropológico, dos meios humanos para se chegar ao invisível, àquilo que se “realizou.” Essa realização não é algo abstrato, o batismo, apesar de invisível, está incrustado na história da salvação (a passagem dos judeus pelo mar, a cura de Naamã no Jordão), no entanto, em Cristo, há um novo momento, pois se os judeus que atravessaram o mar morreram no deserto, agora há uma nova fonte: “aquele que passa por esta fonte não morre, mas ressuscita.”<sup>199</sup> Essa fonte contém a graça de Cristo no Espírito, pois ao mergulhar na água no rio Jordão, Cristo está assumindo visivelmente nossa história e o Espírito Santo desce com Ele: “Vê que toda justiça está assentada no batismo.”<sup>200</sup>

O Batismo de Jesus no Jordão demonstra a forma como a ação trinitária de Deus se expressa na história: é o Filho que mergulha, que desce na história e o Espírito desce com Ele, mas a voz que orienta é a do Pai. O batismo é presença trinitária de Deus na história, na vida de cada batizado. Qual é a fonte do batismo? Ambrósio responde conjugando a teologia paulina e joanina:<sup>201</sup> “Vê onde deves ser

<sup>197</sup> BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 133.

<sup>198</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos, I, 9, p. 33.

<sup>199</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos I, 12, p.34.

<sup>200</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos I, 15, p.35.

<sup>201</sup> PACHECO, L. C. L., Iniciação cristã na Igreja Antiga, p. 176.



batizado, de onde vem o batismo, senão da cruz de Cristo, da morte de Cristo. Aí está todo o mistério: ele sofreu por ti.”<sup>202</sup> O batismo, que no Antigo Testamento era figura, em Cristo, na sua morte e ressurreição, se realiza plenamente. O batismo para Ambrósio, assim como em Cirilo, é participação na morte e ressurreição de Cristo, todo aquele que mergulha na água do Espírito morre e ressuscita na graça de Cristo, é “regeneração”: “Neste sentido Ambrósio desenvolve toda uma doutrina da Graça que perpassa toda a história da salvação cujo fim é a redenção do ser humano através da incorporação à morte e ressurreição de Jesus nos sacramentos de iniciação cristã.”<sup>203</sup> O batizado é incorporado ao que Cristo viveu, à sua dor, e à sua glória, portanto, o batismo regenera, gera de novo, torna o batizado filho do Pai em Cristo. Essa ação regeneradora completa-se com a unção, o *myrum*:

Ontem falamos sobre a fonte, cujo formato tem certa aparência de sepulcro, no qual nós, que cremos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, somos recebidos e imersos; depois, ressurgimos, isto é, somos ressuscitados. Recebe também o *myrum*, isto é, o unguento, na cabeça.<sup>204</sup>

Ambrósio associa a unção, após o sair da água, à ressurreição, pois é feita sobre a cabeça, “onde reside o sentido do homem sábio.”<sup>205</sup> A unção complementa, aperfeiçoa a obra, que é uma ação regeneradora do Pai: “O que é regeneração? Nos Atos dos Apóstolos encontra-se aquele versículo que se diz no salmo 2: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” parece se referir à ressurreição.”<sup>206</sup> Assim como Cristo realizou a vontade do Pai livremente, conscientemente, demonstrando ser seu Filho, o batizado torna-se filho no Filho para livremente, conscientemente, realizar a vontade do Pai. É preciso que o Espírito infunda seus dons para que se possa realizar a vontade do Pai. Após o lava-pés e a entrega das vestes, os neófitos recebem o selo do Espírito Santo com os dons e assim estão em condições de participar da ceia do Senhor. Para Ambrósio, mistério é o plano de Deus expresso na história da salvação.<sup>207</sup> Os sacramentos expressam a exterioridade do mistério, expressam o plano visível do mistério.<sup>208</sup>

<sup>202</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos II, 6, p. 40.

<sup>203</sup> PACHECO, L. C. L., Iniciação cristã na Igreja Antiga, p. 176.

<sup>204</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos III,1, p. 47.

<sup>205</sup> PACHECO, L. C. L., Iniciação cristã na Igreja Antiga, p. 177.

<sup>206</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, Sobre os Sacramentos III,2, p. 47.

<sup>207</sup> Seguimos aqui Enrico Mazza que cita Francesconi, G., “A descoberta do “mysterium” torna-se, assim, a percepção de um projeto unitário de Deus que vai se manifestando como história da salvação” (MAZZA, E., A mistagogia, p. 40).

<sup>208</sup> ADRIANO, J., Sacramentologia Fundamental, p. 32.

As catequese mistagógicas de Ambrósio e de Cirilo de Jerusalém demonstram como os Padres nos primeiros séculos compreendiam os sacramentos de iniciação: batismo-unção-eucaristia são um conjunto unitário, que se desenvolve em momentos celebrativos, o batismo não é apenas um rito, é um tempo novo, que culmina na eucaristia. Na unidade dos sacramentos da iniciação há uma unidade teológica, pois o banho, a unção e a nutrição são meios de incorporação a Cristo, de participação no Mistério, pois pelo batismo o cristão se torna filho de Deus, ungido pelo Espírito para participar da ceia comunitária. A mistagogia visa levar o fiel a perceber o sentido de celebrar, a internalizar, a viver como filho de Deus, aberto à orientação do Espírito numa comunidade eclesial, comunidade que se reúne na mesma mesa. Iniciar é tornar-se Filho de Deus em Cristo e movido pelo Espírito para formar comunhão.

Os Padres valorizavam a experiência, a *dynamis* interior que leva a uma mudança externa, não estavam preocupados com conceituação dos sacramentos. Cirilo de Jerusalém e Santo Ambrósio demonstram bem isso. Santo Ambrósio tem a peculiaridade de, apesar de pertencer à tradição ocidental, possuir influência da tradição oriental: era um conhecedor do grego, e de certa forma sintetiza essas tradições, além de junto com Gregório de Nissa, ser considerado um dos fundadores, no Ocidente, da espiritualidade litúrgico-sacramentária.<sup>209</sup> Ambos os autores buscam não conceituar o batismo ou a eucaristia, e sim levar a uma experiência, conduzir ao sentido profundo do que foi externado no rito, no momento celebrativo. Esse sentido profundo pode ser desvendado através da hermenêutica das Escrituras. Assim, Palavra-vida-celebração são presença de Deus cujo centro é Jesus Cristo com seu Mistério.

Nesses dois autores fica evidente o sentido de unidade dos sacramentos da Iniciação cristã, que não implica uniformidade de ritos e de tempos, mas implica unidade teológica trinitária, pois a partir do Filho se revela plenamente a ação do Pai no Espírito. Longe de ser uma ação intimista, as catequese mistagógicas evidenciam os sacramentos como ações incrustadas na história, nos eventos do Antigo e do Novo Testamento. Exatamente, por estarem vinculados a uma história, a um evento, é que os sacramentos contribuíam para a ressignificação do viver do cristão, pois batizar-se era participar de uma história que estava em andamento, que

---

<sup>209</sup> GROSSI, V., Sacramentos nos Padres da Igreja, p. 1509.

teve um fato pleno na cruz de Cristo, na sua vida, nas suas dores, e na ressurreição, na alegria do Espírito e na comunhão fraterna, na convivência com o próximo. Os sacramentos como mistérios expressavam um projeto de Deus desde a criação.

### 3.3

#### **A fragmentação da unidade batismo-unção-eucaristia**

A partir da virada constantiniana começam a ocorrer mudanças que ao longo dos séculos levarão a uma nova configuração do sentido dos sacramentos na vida da Igreja e na vida dos crentes. Três fatores históricos sucessivos foram causando modificações na prática pastoral cristã: Constantino, em 313, publica o edito de Milão, que concede liberdade religiosa a todos os cidadãos do Império Romano; em 380, o imperador Teodósio reconhece o cristianismo como religião oficial do Império; o terceiro fator foi a queda do Império Romano do Ocidente em 470. Com Constantino cessam as perseguições aos cristãos; depois ao se tornar religião oficial o cristianismo muda de posição no Ocidente, batizar-se não é mais um autêntico desejo de seguir a Cristo, mas uma necessidade diante da mudança social e política, se o rei é batizado todo o povo passa a ser cristão; por fim, com a queda do Império Romano uma mudança estrutural entra em curso:

Sem dúvida, tempo de paradoxos para a comunidade cristã: por um lado, consegue organizar as forças sociais e imprimir-lhe um espírito; mas por outro, paga um preço bastante elevado, a começar da substituição do clima fraterno e da índole efetivamente comunitária pelo oficialismo impessoal de uma grande instituição pública.<sup>210</sup>

O aumento do número de pessoas a serem batizadas, a conversão em massa, era um problema, pois as comunidades não estavam preparadas, não tinham uma estrutura para realizar uma iniciação assim, então a preparação foi se realizando em menor tempo. O catecumenato vai desaparecendo, dando lugar a uma preparação para o batismo,<sup>211</sup> uma instrução para se aprender os conteúdos da fé. Aqui pode-se dizer que começa a fragmentação dos sacramentos da Iniciação cristã porque se perde o sentido da Iniciação à vida cristã e se volta para uma atitude de batizar como uma obrigação social. Se a sociedade toda é cristã, o não-cristão se encontra em uma situação desfavorável, portanto batizar é preciso. Logo, se forma a mentalidade

<sup>210</sup> COLA, G., O Sacramento-assembleia, p. 68.

<sup>211</sup> BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A catequese na vida da Igreja, p. 65.

do batismo necessário para a salvação da alma e com a ampliação das paróquias, o número insuficiente de bispos, no Ocidente, a crisma vai sendo reservada para depois do batismo e da eucaristia, ou seja, os sacramentos da iniciação não são mais realizados numa mesma celebração, porém a fragmentação decorre não apenas porque são celebrados em momentos diferentes; a fragmentação decorre porque desfez-se o sentido de Iniciação à vida cristã. Começa a ser importante ‘receber e ministrar o sacramento,’ é o que mais adiante se denominará sacramentalização ou catecumenato social.<sup>212</sup> É o sacramento pelo sacramento, o sentido histórico-salvífico vai se perdendo juntamente com o sentido litúrgico.

Paulatinamente, no campo da teologia sacramental, começa-se uma busca por definir os sacramentos, que conduzirá a um campo abstrato, distanciado da dinâmica trinitária e eclesiológica. Já, em Agostinho, de certa forma, em virtude das contendas da sua época, se pode vislumbrar uma abertura para posteriormente se buscar de uma definição conceitual de sacramentos, porém será a partir do segundo milênio, que a permutabilidade que havia entre os termos *mysterion* e *sacramentum* foram se tornando cada vez mais distantes. O termo *sacramentum* passou a indicar, embora não unicamente, porém, cada vez mais, o aspecto ritual e progressivamente foi ficando reservado aos sete.<sup>213</sup> Se de início, na Igreja latina, mistério e sacramentos eram quase sinônimos, aos poucos “*sacramentum* salientará mais o sentido sacramental-ritual da Igreja, enquanto *mysterium* assumirá o significado de conteúdo intelectual da formulação teológica.”<sup>214</sup> A partir do século XII,<sup>215</sup> se inicia uma sistematização em busca da definição dos sacramentos que modifica inteiramente a abordagem realizada pela teologia patrística: “Os Padres da Igreja iluminam o *mysterion* de tal forma que o veem como um todo, sem a necessidade de analisá-lo e observar isoladamente cada uma das partes. A teologia escolástica, porém, enfoca subsequentemente cada uma das partes.”<sup>216</sup>

Hugo de São Victor (1141), influenciado por Santo Agostinho e pelo Pseudo-Dionísio, entende o sacramento “como elemento material sensível que designa e contém uma graça espiritual.”<sup>217</sup> Ele não fala do número dos sacramentos, mas já

<sup>212</sup> CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B., Catequese, Liturgia e Mistagogia, p. 38.

<sup>213</sup> NEUNHEUSER, B., Mistério, p. 760.

<sup>214</sup> CORDEIRO, J. M. G., A sacramentalidade e a ministerialidade no primeiro milênio através de alguns testemunhos patrísticos, litúrgicos e teológicos, p. 129.

<sup>215</sup> Período de florescimento da teologia escolástica, que terá seu auge no século XIII.

<sup>216</sup> FABER, E-M., Doutrina Católica dos Sacramentos, p. 54.

<sup>217</sup> LARRABE, J. L.; SIMON, A., Los sacramentos em nuevas perspectivas de Robert Hotz, p. 338.

distingue Batismo e Eucaristia de outros ritos e interpreta os sacramentos como remédio para o doente, para o homem pecador.<sup>218</sup>

Pedro Lombardo (1160) introduz a noção de causalidade e de “*signum*”, une essas duas noções, distinguindo o sacramento em sentido estrito, abrindo caminhos, de certa forma, para o setenário sacramental.<sup>219</sup> Para ele, “sinal” é o termo genérico da definição de sacramento, e “causa” ou causalidade é o elemento específico do sinal sacramental, que só ocorre, segundo ele, nos sete sacramentos ou “setenário.”<sup>220</sup> A partir de então o número sete vai se impondo aos poucos e será “adotado pelo Magistério no Concílio de Lyon em 1274(DH 860).”<sup>221</sup>

Aos poucos se elabora um vocabulário específico, técnico para sacramentos: “*sacramentum tantum*” (é o sinal visível do rito, gestos, palavras), “*res sacramentum*” (são os efeitos, o caráter, nos sacramentos que conferem, e o corpo e o sangue de Cristo na eucaristia), “*res tantum*” (a graça comunicada no sacramento).<sup>222</sup> E se aprofundavam os debates em relação ao *opus operatum/opus operandi*, intenção do ministro, disposição de quem recebe, o caráter sacramental, a instituição dos sacramentos.<sup>223</sup>

Ghislain Lafont,<sup>224</sup> ao tratar do período entre 800-1153, observa que a liturgia se universaliza, porém dessa universalização resulta uma “individualização dos sacramentos,” que passam a ser entendidos como remédio, gerando uma preocupação com a sua eficácia, esquecendo-se do caráter simbólico.<sup>225</sup> Um dos fatores dessa individualização é a progressiva ruptura no processo de iniciação cristã na alta Idade Média. A ruptura não implica apenas o fato de a confirmação ser celebrada em outro momento, e sim o rompimento da dinâmica da iniciação em virtude de uma mentalidade que não se foca mais numa vida cristã, mas que teme “a danação do não-batizado.”<sup>226</sup> Batizar-se é prioritariamente salvar-se do inferno, é um remédio estritamente necessário, individual, deixando os tempos litúrgicos em segundo plano. Além disso, segundo Lafont, “as controvérsias em torno da presença efetiva e do fim da comunhão dos leigos com o cálice provocam a separação entre

<sup>218</sup> BOROBIO, D., História e Teologia Comparada dos Sacramentos, p. 37.

<sup>219</sup> ADRIANO, J., Sacramentologia fundamental, p. 38.

<sup>220</sup> BOROBIO, D., História e Teologia Comparada dos Sacramentos, p. 39.

<sup>221</sup> FABER, E-M., Doutrina Católica dos Sacramentos, p. 54.

<sup>222</sup> ADRIANO, J., Sacramentologia fundamental, p. 39.

<sup>223</sup> LARRABE, J. L.; SIMON, A., Los sacramentos en nuevas perspectivas de Robert Hotz, p. 338.

<sup>224</sup> LAFONT, G., História Teológica da Igreja Católica, p. 96.

<sup>225</sup> LAFONT, G., História Teológica da Igreja Católica, p. 96.

<sup>226</sup> LAFONT, G., História Teológica da Igreja Católica, p. 97.

batismo e eucaristia.”<sup>227</sup> Se o sacramento é um remédio, há uma preocupação com o efeito, com a eficácia, deixando-se de lado o sentido experiencial simbólico.

A preocupação com a eficácia vai guiar a teologia sacramental de Tomás de Aquino: “De que modo os atos humanos, dos quais alguns exigem a utilização de elementos sensíveis (água, óleo, vinho, pão) podem produzir um efeito sobrenatural, dar a graça?”<sup>228</sup> A eficácia só pode derivar de Cristo e, essa variedade, ele vai definir, unificar, como “sinal,” que não é um vaso que contém o remédio, ele é o medicamento para o homem pecador. Então, o sacramento é um sinal que santifica: “um sinal sensível de realidades espirituais, que realiza a santificação em virtude da paixão de Cristo, e nos alcança a graça que é garantida a vida eterna.”<sup>229</sup> A base, o fundamento, de todos os sacramentos é o evento pascal de Cristo, causa eficiente, sendo a causa formal, a graça e as virtudes e a causa final, última, a vida eterna.<sup>230</sup> A relação de sinal-significado explica-se com as categorias de matéria e forma, *res et verba*, que constituem o sacramento, dois princípios que se complementam.<sup>231</sup> A centralidade em Cristo conduz Tomás a enfatizar a presença e a eficácia da paixão de Cristo, “que se atualiza na ação cultual dos sacramentos, pelos quais Cristo continua seu sacerdócio, e pelos quais se exerce o louvor a Deus e a santificação do homem.”<sup>232</sup> Os sacramentos são necessários por conta das limitações humanas, apesar da gratuidade de Deus. Ele explica o setenário sacramental comparando as necessidades entre a vida sobrenatural e a vida natural e mostra as diversas relações que “unem todos os sacramentos àquele que é seu centro e ponto mais alto: a eucaristia.”<sup>233</sup> Santo Tomás consegue construir um edifício que vai determinar o sentido de sacramentos da Escolástica e da Igreja.

Conforme Xavier Basurko, que segue Yves Congar, a Escolástica se centrou demasiadamente em “bases cristológicas da ordem sacramental,” deixando de lado a pneumatologia, a eclesiologia dos sacramentos, formando um “cristomonismo,” que, sem a teologia da comunidade, resulta num individualismo e privatização do sacramento, além disso, o racionalismo escolástico quer definir, analisar,

<sup>227</sup> LAFONT, G., História Teológica da Igreja Católica, p. 97.

<sup>228</sup> ROGUET, A-M., Introdução. In: Suma Teológica IX, p. 13.

<sup>229</sup> BOROBIO, D., História e Teologia comparada dos sacramentos, p. 40.

<sup>230</sup> ADRIANO, J., Sacramentologia fundamental, p. 46.

<sup>231</sup> ADRIANO, J., Sacramentologia fundamental, p. 47.

<sup>232</sup> BOROBIO, D., História e Teologia comparada dos sacramentos, p. 41.

<sup>233</sup> ROGUET, A-M., Introdução. In: Suma Teológica IX, p. 14.

empobrecendo o conteúdo sacramental e, por fim, a cristandade medieval vive voltada para um além-mundo.<sup>234</sup>

Como se pode perceber, essa estrutura medieval levou a uma coisificação dos sacramentos, a um sentido muito distante daquele dos primeiros cristãos, levou a um afastamento do sentido histórico-salvífico dos sacramentos, por conseguinte a uma perda do sentido unitário bíblico-patristico dos sacramentos da Iniciação Cristã, uma vez que a celebração já não é percebida em ligação com a sua fonte principal, que é o mistério de Cristo.<sup>235</sup> É o que acontece, por exemplo, na eucaristia, conforme nos explica Marsili, que, para os Padres, “na celebração, mediante o *rito mistérico ou sacramental*, está presente a morte de Cristo ocorrida no passado,” porém, na Idade Média, as mesmas palavras tinham o sentido de tornar presente somente a figura de sua morte, ou seja, o celebrativo perde seu conteúdo.<sup>236</sup> A liturgia vai se tornando obrigação de ofício e fonte de espiritualidade para os ministros ordenados, os demais batizados cada vez mais “assistem” à celebração como se estivessem diante de um espetáculo, a assembleia se distancia do saber litúrgico.<sup>237</sup> A comunidade se afasta do sentido do encontro para celebrar e se fixa no dado exterior dos ritos, o que gera uma assembleia cada vez mais passiva e alienada.<sup>238</sup>

A assembleia litúrgica eclesial não é mais o ambiente idôneo para a revelação e vivência dos mistérios cristãos. Ela é substituída pela escola, que assume o caráter doutrinário, e não mistagógico. A fé e seus conteúdos místéricos são objeto de estudo e não de vivência ou experiência.<sup>239</sup>

A vivência mística passa a ser uma experiência dos santos, dos iluminados e o devocionismo, e outras práticas populares vão se colocando para preencher esse espaço.<sup>240</sup> O final da Idade Média encontrará as assembleias passivas, segmentadas, e com o cultivo de uma piedade subjetiva, sentimentalista, cultivando devoções: “A centralidade do mistério pascal cede lugar à adoração ao santíssimo sacramento e outras devoções.”<sup>241</sup> É preciso ressaltar que essa piedade popular, ou devocionismo

<sup>234</sup> BASURKO, X., A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, p. 111.

<sup>235</sup> CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B., Catequese, Liturgia e Mistagogia, p. 41.

<sup>236</sup> MARSILI, S., Teologia da celebração da eucaristia, p. 106.

<sup>237</sup> AUGÉ, M., Liturgia, p. 46.

<sup>238</sup> COLA, G., O sacramento-assembleia, p. 70.

<sup>239</sup> CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B., Catequese, Liturgia e Mistagogia, p. 39.

<sup>240</sup> COLA, G., O sacramento-assembleia, p. 75.

<sup>241</sup> CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B., Catequese, Liturgia e Mistagogia, p. 39.

(peregrinações, romarias, a pregação itinerante dos frades mendicantes), em certo sentido constitui a experiência possível de espiritualidade, diante de uma situação de isolamento do fiel, de fraca participação litúrgica, pois preenchem um vazio.<sup>242</sup>

Toda essa insatisfação desembocará na *Devotio* moderna, séculos XIV-XVI, que tem como característica “a prática ascética e o metodismo na oração, não privada de afetuosidade, especialmente na meditação da vida de Cristo.”<sup>243</sup> É um movimento importante, porém na busca por um encontro com Deus rompe com o que é externo, a liturgia, os sacramentos, porque “o interiorismo religioso é a meta a ser alcançada.”<sup>244</sup> Esse movimento tem um dado importante que não se pode deixar de expressar, que é, na busca religiosa de Deus, a percepção de que a interioridade humana é habitada por Deus<sup>245</sup> e pode se abrir ao amor ofertado ou pode se fechar e se frustrar. Infelizmente, essa busca religiosa cairá num individualismo subjetivista, “um individualismo religioso”:

Para que se produza uma vida espiritual “nova”, é preciso voltar-se para uma profunda vida interior, orientada para a imitação de Cristo, e que se deve alcançar através da meditação e da oração pessoal. É o verdadeiro momento do nascimento do individualismo religioso: a salvação não é tanto alcançada através dos mistérios de Cristo (Sacramentos), que realizam o mistério de Cristo total, que é a Igreja, mas é o resultado de um esforço psicológico.<sup>246</sup>

Chega-se à Idade Moderna em contenda com os reformadores e o Concílio de Trento vai se pronunciar a favor dos sete sacramentos (DH 1601), assumindo os princípios básicos da escolástica, o que gerou um entendimento por parte dos protestantes como uma posição a favor dos sacramentos em oposição à palavra e à fé, daí que com o decorrer do tempo os católicos terão a alcunha de “Igreja dos sacramentos” e os protestantes, de “Igreja da palavra.”<sup>247</sup> É o nascimento da era dos catecismos, centrados no conteúdo doutrinal (mandamentos de Deus, da Igreja, lista de pecados e virtudes em forma de perguntas e respostas), sendo a catequese uma maior atribuição dos pais. A catequese fica assim mais restrita à doutrina e como preparação para recepção dos sacramentos, que se afastam do sentido mistérico-salvífico, distantes do contexto eclesial e do antropológico, o que suscita uma

<sup>242</sup> COLA, G., O sacramento-assembleia, p. 75.

<sup>243</sup> AUGÉ, M., Liturgia, p. 48.

<sup>244</sup> FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p. 54.

<sup>245</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., Santa Teresa de Jesus, p. 21.

<sup>246</sup> MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 80.

<sup>247</sup> BASURKO, X., A vida litúrgico-sacramental da igreja em sua evolução histórica, p. 123.



mentalidade individualista e mágica.<sup>248</sup> A renovação da teologia sacramental, com o retorno do conceito de mistério e a redescoberta da necessidade do sentido de Iniciação à Vida Cristã, somente dará sinais no início do século XX, após o desenvolvimento do movimento litúrgico, o retorno às fontes bíblico-patristicas, as novas linhas do pensamento contemporâneo e o Concílio Vaticano II.

### 3.4

#### **O retorno do mistério e da unidade dos sacramentos de Iniciação cristã**

O Concílio Vaticano II representou um momento muito especial na vida da Igreja. O século XX foi um tempo de efervescência no campo teológico e eclesial com reflexões transformadoras, que levaram a florescer o Movimento Litúrgico,<sup>249</sup> que se conjuga com outros movimentos como o catequético e o retorno às fontes bíblico-patristicas.<sup>250</sup> Toda essa vontade de renovação desemboca no Concílio Vaticano II, que abre muitas portas no campo pastoral, na relação da Igreja com o mundo, na busca de uma maneira mais dialogal para evangelizar. Ao compreender a Igreja como Mistério, o Concílio renova a percepção que a Igreja tem de si mesma a partir do retorno à sua origem, aos primeiros cristãos, é uma volta para se poder caminhar em direção ao futuro, e destaca a sacramentalidade da Igreja, como continuadora da obra de Cristo no mundo.

A teologia sacramental ganhará um impulso muito grande, no início do século XX, a partir da teologia dos mistérios de Odo Casel,<sup>251</sup> que ao realizar uma pesquisa profunda nas Escrituras, nos textos patristicos e nos textos litúrgicos mais antigos, conclui que o conceito de mistério apresenta três sentidos: o primeiro é Deus nele mesmo, na sua transcendência e imanência; o segundo, a revelação de Deus em Cristo, com sua vida, morte e ressurreição; e o terceiro, o culto cristão como presença do Senhor.<sup>252</sup> Segundo Casel, o mundo busca o Mistério, porém o verdadeiro

<sup>248</sup> BASURKO, X., A vida litúrgico-sacramental da igreja em sua evolução histórica, p. 125.

<sup>249</sup> As raízes do Movimento Litúrgico remontam ao Iluminismo, porém, concretamente seu início se situa no primeiro decênio do século XX. (FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p.82-83).

<sup>250</sup> Por movimento catequético, seguimos os esclarecimentos de Moraes: "...o trabalho, mais ou menos organizado, de um grande número de agentes de pastoral, pastoralistas, pedagogos e teólogos que, articulados entre si nas suas práticas e reflexões, criaram e difundiram o processo de renovação da organização pastoral catequética" (MORAES, O. A., A catequese hoje, p. 263).

<sup>251</sup> "Essa é uma doutrina que ajudou a descobrir a estrutura unitária e compacta do sistema sacramental. Graças a ela, volta-se aos grandiosos termos(...) com os quais os Padres da Igreja expressaram sua fé nas realidades sacramentais. (FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p. 202)

<sup>252</sup> CASEL, O., O Mistério do culto no cristianismo, p. 18-19.

Mistério é revelado em Cristo e a Igreja, pela ação do Espírito Santo, participa desse Mistério, dessa obra redentora em Cristo, presente nos mistérios, na liturgia e nos sacramentos.<sup>253</sup> A obra redentora de Cristo torna-se presente através dos símbolos do culto cristão sacramentalmente, como uma mística da história da redenção, atualizando o mesmo e único ato.<sup>254</sup> Ele descobre o cristianismo como uma religião mistérica na qual Cristo é o centro principal que continua presente na liturgia e nos sacramentos, o culto é espaço de presença do mistério, ou seja, continua na sua Igreja: “Esse *mysterium* pode ser enunciado na única palavra *Christus*, designando ao mesmo tempo a pessoa do Salvador e seu Corpo místico que é a Igreja.”<sup>255</sup> Essa presença mistérica tem o vértice na eucaristia, mas os demais sacramentos possuem natureza análoga à eucaristia.<sup>256</sup>

O pensamento de Odo Casel contribui para evidenciar que o termo *mysterion/mysterium* unifica a tríade “Deus-Cristo/igreja-ações sacramentais.”<sup>257</sup> Assim, recupera a dimensão objetiva da liturgia e a face de mistério dos sacramentos, resgatando o fundamento histórico-salvífico dos mesmos, abrindo caminhos para se pensar os sacramentos numa perspectiva existencial, além de tratar do sentido pleno do simbólico como realidade. Redescobre a categoria de iniciação cristã “que transforma o homem em membro *vivo* de Cristo, em cristão.”<sup>258</sup> A teologia dos mistérios se desenvolve e se aprofunda com outros teólogos, como Guardini, Vagaggini, Warnach, Marsili.

Essa teologia é acolhida pelo Magistério na *Mediator Dei* de Pio XII, sobre a presença de Cristo na liturgia, pelo Concílio Vaticano II, com destaque na *Sacrosanctum Concilium* e na *Lumen Gentium*, que são dois documentos dogmáticos que recuperam o sentido teológico de mistério como suporte para a nova compreensão de Liturgia, de Igreja e de renovação da vida sacramental, e, portanto, de uma recuperação do sentido de Iniciação cristã. Iremos considerar a seguir alguns aspectos da *Sacrosanctum Concilium* e da *Lumen Gentium* a fim de visibilizar a importância da recuperação do conceito de mistério, em seguida trataremos da importância da retomada do sentido unitário da Iniciação cristã.

<sup>253</sup> CASEL, O., O Mistério do culto no cristianismo, p. 20.

<sup>254</sup> FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p. 180-181.

<sup>255</sup> CASEL, O., O Mistério do culto no cristianismo, p. 22.

<sup>256</sup> FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p. 182.

<sup>257</sup> NEUNHEUSER, B., Mistério, p. 764.

<sup>258</sup> CASEL, O., O Mistério do culto no cristianismo, p. 32.

A *Sacrosanctum Concilium* retoma a reflexão sobre o mistério, já no Proêmio, quando apresenta a Liturgia, não mais como um tratado sobre ritos, e sim como obra de nossa Redenção do mistério de Cristo.<sup>259</sup> Na verdade, o programa do Concílio encontra-se na abertura da Constituição, que, inclusive, leva o nome do Concílio, que propõe fomentar, acomodar, favorecer, promover, ou seja, renovar a vida da Igreja, cuidando de maneira especial da reforma e do incremento da Liturgia.<sup>260</sup> O Concílio vai integrar a Liturgia como momento da história da salvação, retirando-a da posição jurídicista e rubricista, conforme Marsili afirma:

A Liturgia retomava o lugar de verdadeira “tradição”, isto é, transmissão do mistério de Cristo através de um rito, que é ao mesmo tempo realização e revelação do mesmo mistério, de modo sempre novo e sempre adaptado ao suceder-se dos tempos e ao variar dos lugares.<sup>261</sup>

Entendendo a Liturgia como lugar do mistério de Cristo, o documento vai apresentar a Liturgia na história da salvação na dimensão trinitária, como ação querida por Deus, realizada pelo Filho e que continua na Igreja repleta do Espírito e se efetiva na Liturgia pelos sacramentos da Iniciação, que inserem os homens no mistério pascal.<sup>262</sup>

Toda a obra do Pai, em Cristo, desemboca em sua Igreja com a qual nasce a Liturgia, que celebra no presente a memória passada nos impulsionando ao futuro. A cada celebração litúrgica, principalmente a dominical, se recorda o caminho da história da salvação, desde a leitura dos textos do Antigo Testamento, com os salmos, passando para os textos do Novo Testamento e o Evangelho, até chegarmos à comunhão eucarística, que, como ceia do Senhor, em comunhão com todos, glorifica a todos. A Liturgia é definida, já no primeiro capítulo, como “cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força.”<sup>263</sup> Porém, a ação da Igreja não se esgota na Liturgia, é preciso que os fiéis, nas suas vidas, vivam sua fé, testemunhando no mundo.<sup>264</sup> É necessária a participação plena dos fiéis, consciente e ativa, para que possam viver efetivamente de maneira cristã. Para que isso aconteça, o documento aponta a necessidade de

<sup>259</sup> SC 2.

<sup>260</sup> SC 1.

<sup>261</sup> MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 106.

<sup>262</sup> SC 5-6.

<sup>263</sup> SC 10.

<sup>264</sup> SC 9-10.

implementar a reforma dentro da tradição, mas com espírito aberto às mudanças.<sup>265</sup> Dessa forma, deve-se ter os seguintes pressupostos: as ações celebrativas são ações da Igreja, caráter comunitário por excelência,<sup>266</sup> como uma sinfonia de orquestra onde haja o regente e todos trabalhem em conjunto, visando a harmonia da celebração. Na estrutura da missa, a pregação deve retirar os temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, sendo momento também de breves esclarecimentos.<sup>267</sup> Percebe-se uma necessidade de um ensinamento litúrgico, o documento fala de uma “catequese litúrgica.” Ao tratar do “mistério da eucaristia,” o documento explicita o sentido originário do sacramento como “sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento”<sup>268</sup> e afirma a necessidade de se aprender a viver eucaristicamente:

E aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e assim diariamente sejam consumados, tendo a Cristo como Mediador, unidos com Deus e entre si, para que Deus afinal seja tudo em todos.<sup>269</sup>

Eucaristia não se realiza apenas num rito, é comunhão de vida com o próximo e com Deus, expressando amor e união, é a vivência do Mistério Pascal. O documento ressalta o caráter essencial dos sacramentos como a “santificação” dos homens, função espiritual, e “edificação” da Igreja e do culto, e, portanto, “alimentam,” “fortalecem” e “exprimem” a fé.<sup>270</sup> O documento aponta os sacramentos como ações essenciais construtoras da Igreja, não são apenas sinais restritos ao culto, à celebração, inserem-se na dinâmica viva da Igreja.

O Concílio expressa uma nova maneira de compreender a Liturgia, a partir do mistério, que é Cristo, uma prova do amor de Deus pela humanidade, o grande sinal carregado de conteúdo: “Cristo é o grande “sacramento” primordial, a Palavra que se fez carne, e os sinais litúrgicos do culto cristão dizem respeito ao “sacramento” primordial.<sup>271</sup> Assim, os sinais litúrgicos cristãos expressam e efetivam o “real” e permanente mistério de Cristo porque efetuam a mesma realidade que eles

<sup>265</sup> NEUNHEUSER, B., História da Liturgia, p. 540-541.

<sup>266</sup> SC 26.

<sup>267</sup> SC 35.

<sup>268</sup> SC 47.

<sup>269</sup> SC 48.

<sup>270</sup> SC 59.

<sup>271</sup> MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 126.

refletem.<sup>272</sup> O Concílio Vaticano II, a partir do conceito de mistério, abre caminhos para se compreender a sacramentalidade da história da salvação, revalorizando o papel da história, da humanidade, da pessoa, nessa comunicação de Deus: Cristo é a luz que nos insere no coração de Deus por desejo de Deus. Um novo entendimento de Liturgia suscita um renovado entendimento de Igreja, pois a Liturgia é o culto da Igreja, é ação da Igreja orante, que precisa refletir no mundo.

O primeiro capítulo da *Lumen Gentium* expressa a natureza e a missão da Igreja, que é ser mistério-sacramento, resgatando um sentido vitalizador para o campo sacramental porque evidencia o dinamismo trinitário da economia salvífica, e recoloca a natureza eclesiológica e pneumatológica dos sacramentos, além de expressar o dado antropológico de base. Os sacramentos não são ritos da Igreja, não são “administrados” para serem “recebidos” como uma graça mágica; os sacramentos são mediações pneumáticas eclesiais, são lugares reais de encontro com Cristo no Espírito. Todos os gestos, sinais, símbolos se inserem na história da salvação e presentificam o hoje da salvação na força do Espírito Santo.

A Igreja durante séculos viveu sob a eclesiologia de ‘sociedade perfeita’ que entendia a Igreja como “sociedade dos verdadeiros cristãos, isto é, dos que foram batizados, creem e professam a doutrina de Cristo, participam dos seus sacramentos e obedecem aos Pastores por ele constituídos.”<sup>273</sup> A *Mystici Corporis*, de Pio XII teria começado a corrigir essa concepção ao tratar da graça e dos carismas na realidade do corpo social da Igreja,<sup>274</sup> porém foi o Concílio Vaticano II que superou essa visão da Igreja ao entendê-la como *mysterion*, no sentido bíblico-patristico, como “desígnio divino de salvação que vai se realizando e revelando na história humana.”<sup>275</sup>

O termo mistério não se identifica com segredo, mas como visibilidade de Deus na dinâmica trinitária, significa a Igreja na história “entre os tempos, ou seja, colocada entre a sua origem nas missões divinas e a sua plena realização na glória de Deus tudo em todos.”<sup>276</sup> Recupera-se o sentido mais profundo da Igreja em consonância com as origens e a relação com a Trindade: “Mistério é

<sup>272</sup> MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 126.

<sup>273</sup> PIO X, PP. *Catechismo della Dottrina Cristiana*, VI, 105. (Apud ALMEIDA, A. J., *Lumen Gentium*, transição necessária, p. 74).

<sup>274</sup> ALMEIDA, A. J., *Lumen Gentium*, transição necessária, p. 74.

<sup>275</sup> ALMEIDA, A. J., *Lumen Gentium*, transição necessária, p. 75.

<sup>276</sup> ALMEIDA, A. J., *Lumen Gentium*, transição necessária, p. 77.

indubitavelmente o amor de Deus revelado plenamente em Jesus Cristo, à luz do Espírito, por desígnio do Pai, cabendo à Igreja ser, em Cristo, sacramento da união de Deus e a humanidade.”<sup>277</sup> O mistério da Igreja se coaduna com a Igreja Povo de Deus, outro sentido bíblico que expressa a vocação à comunhão. Na verdade, a Igreja mistério se concretiza com a Igreja Povo de Deus, não como um povo separado, diferenciado da humanidade, mas como “sacramento visível da unidade salvadora,”<sup>278</sup> como luz para todos os povos, numa abertura à humanidade, como elemento mediador entre Deus e a humanidade.

O Concílio evidencia a lógica da salvação revelada em Cristo e legada à sua Igreja: o acontecer de Deus na vida humana, que era projeto do Pai, é abraçado na missão de amor e doação do Filho, continua pela ação do Espírito em sua Igreja. Esse é o mistério da Igreja: ser um corpo místico pneumático a partir da morte, ressurreição de Cristo, que comunicou o seu Espírito.

Esse corpo místico nasce, se forma pelo batismo e vive, se constitui, na comunhão do pão,<sup>279</sup> da qual se alimenta e cresce em Deus, com seus ministérios e caminha no mundo, como “assembleia visível e comunidade espiritual.”<sup>280</sup> Esse corpo místico tem a missão de revelar ao mundo “o mistério de Cristo, até que por fim ele se manifeste em luz total.”<sup>281</sup> A Igreja é o espaço de ação do Espírito Santo, é ele que move e impregna o ser da Igreja, interna e externamente, é o mistério da Igreja. O Concílio se utiliza de um conceito da tradição para renovar a forma de compreender a Igreja e todas as instâncias pastorais e evangelizadoras.

A compreensão da Igreja como sacramento evidencia um sentido além do setenário, uma realidade mais abrangente e plena que ajuda a reconfigurar o sentido dos sete e a perceber a responsabilidade do conjunto dos batizados. De acordo com Dionísio Borobio, o Concílio Vaticano II trouxe à tona as “realidades sacramentais”, Cristo, a Igreja, o cristão (como sacramento existencial), e o próprio mundo como realidade criada, “sacramento cósmico.”<sup>282</sup> A Igreja se entende sacramento como ‘sinal’ de Cristo, visibilidade de Cristo, anunciadora de Cristo, peregrina nos passos de Cristo até encontrar sua glória escatológica. Dessa forma,

<sup>277</sup> GONÇALVES, P. S. L., *Eclesiologia de Comunhão*, p. 24.

<sup>278</sup> LG 9.

<sup>279</sup> LG 7.

<sup>280</sup> LG 8.

<sup>281</sup> LG 8.

<sup>282</sup> BOROBIO, D., *Celebrar para viver*, p. 104-110.

crece cada vez mais a consciência da responsabilidade dos batizados e da comunidade eclesial,<sup>283</sup> daí a preocupação expressa nos vários documentos com os processos de transmissão da fé a fim de que os cristãos vivam a sua fé na comunidade e no mundo, superando o dualismo vida na igreja e vida no mundo.

O Concílio Vaticano II abre um caminho que ainda estamos trilhando com avanços, recuos e desafios para anunciar o Evangelho não apenas com palavras, mas com palavras e vida. Para que essa renovação efetivamente aconteça, é necessário repensar o processo de Iniciação cristã, uma das instâncias fundamentais de transmissão da fé. O primeiro documento do Concílio, a *Sacrosanctum Concilium*, já recomenda a restauração do catecumenato<sup>284</sup> e a revisão do rito da Confirmação a fim de se evidenciar a unidade da iniciação cristã.<sup>285</sup>

Restaurar o catecumenato implica retomar o sentido unitário da Iniciação cristã, uma vez que já não vivemos tempos de cristandade. É preciso um novo processo que entenda a iniciação cristã como iniciação à vida cristã, ser cristão é viver como cristão. Caso contrário faz-se um contratestemunho. Segundo Lelo, era esse o propósito da comissão preparatória, ao incluir na SC os artigos 64,65,66 e 71: recuperar o sentido da iniciação “como uma nova forma de vida, que implica a mudança existencial da vida de uma pessoa para uma forma inteiramente cristã.”<sup>286</sup>

Outro documento conciliar, o decreto *Ad Gentes*, ao tratar da atividade missionária da Igreja, vai dedicar parágrafos preciosos sobre a Iniciação Cristã catecumenal.<sup>287</sup> De início, aprofunda, esclarece, o número 64 da SC, ao dizer que o catecumenato é o caminho para se ingressar na fé cristã pela Igreja por meio das cerimônias litúrgicas, não como uma exposição de dogmas e preceitos e sim “uma educação para toda a vida cristã e um tirocínio de certa duração, com o fim de unir os discípulos com Cristo seu Mestre.”<sup>288</sup>

Educar é uma ação mais plena do que instruir, educar implica preparar a pessoa humana em várias dimensões. Só que há um objetivo bem claro nessa pedagogia, nessa condução: educar para a vida cristã significa aprender a conviver com Cristo, a se unir a Ele, pois, ele é o Mestre. Portanto, os catecúmenos devem ser “convenientemente

<sup>283</sup> BOROBIO, D., Celebrar para viver, p. 109.

<sup>284</sup> SC 64.

<sup>285</sup> SC 71.

<sup>286</sup> LELO, A., A Iniciação cristã, p. 32.

<sup>287</sup> AG 14.

<sup>288</sup> AG 14, 894.

iniciados no mistério da salvação,” em consonância com a “prática dos costumes evangélicos e pelos ritos sagrados.”<sup>289</sup>

Há duas ações primordiais: a prática, a vivência pastoral e a celebração. Dessas ações os catecúmenos nos tempos oportunos são “introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus.”<sup>290</sup> Em sequência, *Ad Gentes* expressa o sentido triunitário dos sacramentos da Iniciação cristã: o batismo mergulha o fiel na vida de Cristo, tornando-se filho adotivo, com a unção do Espírito, para junto com a comunidade participar do memorial eucarístico da morte e ressurreição do Senhor.<sup>291</sup> O documento destaca, assim, a relação teológica do batismo à eucaristia, do encontro com Cristo, no campo pessoal ao aprofundamento na vivência eucarística, na vivência de comunhão, com o Povo de Deus. E é nessa vida em comunhão que a Iniciação Cristã prossegue, pois a Iniciação Cristã é tarefa de “toda a comunidade dos fiéis, de modo especial, dos padrinhos,”<sup>292</sup>

O esclarecimento do documento *Ad Gentes* sobre o catecumenato lança o olhar para a tradição dos primeiros séculos da era cristã, para a missão de anunciar e viver o Evangelho em sua radicalidade. Tarefa que implica uma mudança no agir pastoral e uma mudança de mentalidade sobre Iniciação Cristã: sair da pedagogia da instrução, que serviu à cristandade, e ingressar na pedagogia do mistério, que significa conduzir o cristão a uma conversão, a uma vida missionária, a uma vida que testemunhe a comunidade cristã no mundo.

A partir desse resgate do Concílio, a Igreja, em 1972, publica o RICA, que foi traduzido e editado no Brasil, em 1974: “O RICA define-se por ser um ritual litúrgico que propõe um caminho a ser percorrido de acordo com as idades e necessidades de cada realidade.”<sup>293</sup> O RICA significa uma mudança muito profunda no agir pastoral, pois se apresenta como um itinerário de iniciação que conduz o ser humano a uma progressiva mudança que o encaminhe à proximidade com Deus, através das etapas do catecumenato, das orações, dos ritos, tendo a celebração sacramental como elemento “orientador de sentido do processo.”<sup>294</sup>

<sup>289</sup> AG 14, 894.

<sup>290</sup> AG 14, 894.

<sup>291</sup> AG 14, 895.

<sup>292</sup> AG 14, 897.

<sup>293</sup> CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B., *Catequese, Liturgia e Mistagogia*, p. 86.

<sup>294</sup> LELO, A. F., *A Iniciação Cristã*, p. 46.



Aos poucos os pastoralistas vão refletindo sobre as mudanças necessárias para que se aplique essa pedagogia no cotidiano da vida da Igreja. São vários os documentos produzidos sobre Iniciação cristã, semanas catequéticas para que se possam compreender e implementar as mudanças. Dessa maneira, a Igreja foi ampliando a sua concepção sobre a Iniciação catecumenal, e hoje fala-se em Iniciação à Vida Cristã em inspiração catecumenal.

A palavra inspiração quer significar que não há um modelo único, pois, a diversidade das comunidades é grande, o que implica respeitar a diversidade num caminho conjunto. Além disso, apesar de haver quatro tempos marcados, o querigma e o mistagógico não se limitam um ao início e o outro ao final. O querigma e o mistagógico são a própria essência da Iniciação catecumenal e devem acompanhar todos os tempos. Houve uma evolução na reflexão.

O aspecto que nos chama atenção é que, de início, havia uma dificuldade muito grande para se compreender o sentido de mistagogia, houve uma redescoberta pastoral e que continua em curso sobre o sentido de mistagogia, de sua relação com os sacramentos e com a catequese. No entanto, é de fundamental importância, para compreender o sentido de mistagogia, de maneira adequada, a redescoberta do sentido dos sacramentos como mistério, o que conduz a uma redescoberta do sentido pleno de conjunto dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã a fim de que se possa sair de uma pastoral estática sacramentalista para uma pastoral mistagógica. Enquanto os sacramentos forem percebidos apenas como uma celebração social, externa à vida dos celebrantes, não se vivenciará o sentido pleno de Iniciação à Vida Cristã.

Mistagogia implica viver no mistério, como filhos do Pai em Cristo na força do Espírito que habita na comunidade eclesial, essa é a dinamicidade trinitária dos sacramentos da Iniciação à vida cristã: Batismo e Unção devem conduzir a uma plena vivência de uma “cultura eucarística,” o cultivo de vida própria do cristianismo.

## Conclusão

Fizemos um percurso para demonstrar como os sacramentos perderam a sua face principal de sentido, seu conteúdo essencial como mistérios. Batismo-unção-

eucaristia eram sacramentos-mistérios, ações pneumáticas da presença de Cristo, espaço-tempo de realização da história da salvação. Esse sentido ficou esquecido, obscurecido, num abstracionismo coisificante, que na prática pastoral se traduz em celebrações como atos sociais individuais: tornaram-se coisas da Igreja, externas à vida. Na base do afastamento do sentido originário dos sacramentos estão causas históricas, pastorais, mudança de mentalidade, que levam ao desfazimento do sistema catecumenal, -- uma maneira de iniciar na vida cristã da Igreja dos primeiros séculos, - à fragmentação da unidade dos sacramentos da iniciação cristã, a uma mentalidade que separou os sacramentos e a vida, afastou mistério e sacramentos. Os sacramentos se tornaram remédios eficazes para a salvação individual.

Essa história começa a mudar a partir dos estudos do Movimento Litúrgico, que traz à tona o conceito de *mystérion*. Um conceito fundamental para a Igreja dos primeiros cristãos. O Movimento Litúrgico, os estudos da teologia sacramental contemporânea, à volta fontes bíblico-patristicas, desembocam no Concílio Vaticano II, no século XX, que recuperará o sentido dos sacramentos a partir do conceito de *mystérion*, redescobrimo a sacramentalidade, o sentido pleno da Iniciação à vida cristã e a necessidade de uma reflexão pastoral que evidencie a unidade dos sacramentos da iniciação cristã.

Dividimos o capítulo em quatro tópicos. No primeiro, abordamos a origem do termo *mystérion* a partir das religiões iniciáticas gregas como algo oculto para os de fora, trazendo para o mundo antigo o sentido de algo sobrenatural, além da compreensão humana. Os primeiros cristãos, vivendo nesse contexto histórico em contato com pagãos e judeus, vão compreender o *mystérion* como o projeto de Deus que se realiza em Cristo. O Novo Testamento, em suas páginas, apresenta Jesus Cristo com sua vida, morte e ressurreição, como a revelação do Mistério de Deus por puro amor de Deus. O desejo de Deus de comunicar o seu amor aos homens continua em sua Igreja que anuncia o mistério e se entende como mistério.

Os textos do Novo Testamento mostram as ações da Igreja continuadoras dos atos de Cristo. O livro de Atos dos Apóstolos, ao mostrar o crescimento da Igreja, atesta que o batismo, com o recebimento do Espírito, é incorporação a Cristo e a sua Igreja. Vários textos do Novo Testamento expressam a iniciação cristã como experiência de Deus: não se ingressa na comunidade sem o batismo. O termo *mystérion* encontra-se no Novo Testamento nos sinóticos, cartas paulinas,

deuteropaulinas, com centralidade na pessoa de Cristo. Jesus Cristo é o iluminador de todas as ações da Igreja que são por isso também mistérios(*mystéria*) no plural. O Novo Testamento apresenta um novo conceito de mistério, que sai da esfera do segredo, do silêncio, do oculto, pois Cristo crucificado e ressuscitado é a sabedoria de Deus que entra na história (1 Cor 2,7).

A história é o lugar da atuação de Deus, desde o Antigo Testamento por meio de profetas e sinais, e em Cristo, Deus mesmo entrou na história, o mistério se revelou sem perder o mistério. O mistério encontra-se ofertado a todos os que abrem seu coração, é graça (Mc 4,11), é Jesus mesmo. Os primeiros cristãos desejam comunicar e anunciar esse mistério de Deus, assim nasce a iniciação cristã, que forma a comunidade. No evento de Pentecostes, a cena descreve um roteiro de iniciação: a ação do Espírito, o anúncio de Pedro, o arrependimento, a fé, o batismo e o recebimento do Espírito. Dessa forma, se é inserido na comunidade para viver uma existência eucarística, fraterna, de partilha concreta do pão, de oração e de ensinamento. Uma verdadeira vivência mistagógica mesmo que essa palavra não apareça.

Na primeira Carta aos Coríntios, Paulo relembra os momentos da iniciação deles a fim de ressaltar o compromisso com a vida nova (1Cor 6,11). A carta aos Efésios, verdadeiro tratado teológico, como consideram alguns estudiosos, trata da unidade da Igreja e descreve um itinerário de iniciação, no hino de abertura, com o aspecto pneumatológico. Os primeiros cristãos testemunham que não se ingressa na comunidade sem o batismo, entendido com um conjunto global de iniciação: batismo, recebimento do Espírito e ceia. Batizar-se é incorporar-se à vida de Cristo tornando-se filho no Filho do Pai. O sentido unitário dos sacramentos-mistérios da iniciação cristã encontra-se no Novo Testamento e será desenvolvido pela Patrística.

No segundo tópico, tratamos das catequeses mistagógicas como espaços do desenvolvimento pleno do sentido dos sacramentos de iniciação como mistérios. As catequeses mistagógicas eram o tempo de internalização do que fora vivido nas celebrações de iniciação dentro do catecumenato. A Igreja nos primeiros séculos, tendo auge nos séculos IV e V, desenvolveu uma forma de iniciação que passava pela escuta da Palavra, ensinamento doutrinal, celebração dos sacramentos da iniciação e aprofundamento da vivência dos sacramentos na celebração. O objetivo

era conduzir o neófito a uma vida efetivamente cristã, na junção liturgia/celebração e vida.

Tais catequeses espelham o entendimento dos Padres sobre os sacramentos como mistérios, como ações simbólicas que realizam, que se inserem, que continuam a história da salvação, num processo integrador a partir de uma mentalidade tipológica. Os sacramentos da iniciação eram celebrados em momentos sucessivos que conduziam à transformação do iniciando. O batismo, a água que lava, água da criação, que regenera para tornar a pessoa filho no Filho através da unção do Espírito Santo. O Espírito unge, sela, une ao Pai no Filho e insere a viver a eucaristia, a vivência fraterna que se expressa no partir o pão na ceia do Senhor.

Toda essa beleza sacramental precisava ser vivenciada, daí as catequeses mistagógicas, a Palavra que conduz ao mistério: assim como Jesus falou, explicou, curou e sua Palavra tocou os ouvintes, a Igreja, que não tem mais a presença física do Senhor, usa os sacramentos e fala deles para que os ouvintes sejam tocados. Porém, isso só é possível pela ação do Espírito, presente na Igreja, e pela fé, a abertura dos ouvintes. As catequeses mistagógicas expõem o conteúdo próprio dos sacramentos: os mistérios.

Dessa forma, escolhemos as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém e de Ambrósio de Milão para exemplificar essa mistagogia, pois Cirilo representa a tradição pastoral do Oriente e Ambrósio, a do Ocidente, ambos se encontram nesse processo mistagógico. Ambos são catequistas, evangelizadores, suas catequeses destinam-se a um ouvinte direto, aos recém-batizados, usam a palavra para narrar a história do amor de Deus no meio dos homens. Uma história que não acabou, continua na Igreja na qual o batismo, a unção e a eucaristia atualizam-na, porque se relacionam com ela.

No terceiro tópico tratamos da coisificação dos sacramentos, de como a partir, principalmente, da virada constantiniana e da queda do Império Romano, a Igreja cresceu de repente, passando à religião oficial do estado, e o sistema catecumenal de iniciação cristã foi se desfazendo: começa o batismo de massas, aumentam as paróquias, a mentalidade vai se modificando, o batismo passa a ser uma obrigação (numa sociedade ocidental cristã, quem não é batizado sofre consequências), soma-se a isso a mentalidade de salvação das almas. Os sacramentos começam a ser entendidos como remédios, há uma preocupação com a eficácia e com a definição

dos sacramentos até chegar aos sete. Não que seja um problema os sete sacramentos, o problema foi a limitação de sentido, uma exterioridade, uma perda do sentido pleno do simbólico como se fosse algo que não carrega realidade. O aumento das paróquias, a necessidade do batismo para salvar a alma do indivíduo, a unção reservada ao bispo, levou a pastoral a deixar a crisma para depois. Assim, aos poucos, a unidade dos sacramentos vai se fragmentando, não porque a celebração ficou para depois e sim porque se tentou explicar a crisma separada do batismo. Essa mentalidade é que leva à fragmentação: buscar um sentido próprio para a crisma como sacramento do Espírito e o batismo como o perdão dos pecados. Perde-se o sentido eclesial dos sacramentos, numa individualização, enquanto isso a eucaristia se centra na presença real de Cristo. Essa situação se conjuga com uma liturgia que se afasta da assembleia (perde-se o sentido da liturgia) cada vez mais passiva e distante, os fiéis voltam-se para devocionismos.

Essa situação começa a dar inícios de mudança com o Movimento Litúrgico e os estudos sobre os mistérios. Chegamos ao quarto tópico no qual tratamos da recuperação do sentido de mistério a partir dos estudos iniciados nos mosteiros, na abadia de Maria Laach, com destaque para Odo Casel e sua teologia dos mistérios, que, ao estudar as fontes bíblico-patristicas, vai encontrar a riqueza desse conceito, impulsionando outros autores a estudar a teologia sacramental. O Concílio Vaticano II, recuperando o conceito de Igreja mistério, leva todas as suas instâncias eclesiais a se reconfigurar. A Igreja mistério é e deve ser sacramento, sinal, de Cristo diante da humanidade; ela é assim um Povo de Deus, que caminha na terra, anunciando e testemunhando Cristo.

A sacramentalidade da Igreja redescobre o seu sentido pleno original dialogante com o mundo, daí que se volta para os processos de transmissão da fé, recuperando o catecumenato para a iniciação cristã e, por conseguinte, a necessidade de reflexão do retorno à unidade dos sacramentos de iniciação cristã, o que implica repensar o seu sentido a partir da trinitariedade do Deus cristão. A mistagogia é caminho renovador para se vivenciar os sacramentos da iniciação, contribuindo para uma formação cristã plena e global, numa vivência eucarística.

**4****Do Batismo à Eucaristia: uma proposta de itinerário mistagógico para a atualidade**

A unidade é uma categoria teológica relacional pois evidencia um fio condutor que une batismo-unção e eucaristia, expressando a trinitariedade de nosso Deus: em Cristo tudo se reúne e plenifica. É a partir da encarnação que Cristo nos revela o que é ser Filho de Deus ungido pelo Espírito. O Espírito permanece com ele e o impele a seguir na missão até as últimas consequências. A dinâmica trinitária se expressa numa relação que une os diferentes, formando uma comunhão na qual nossa Igreja deve se espelhar e viver. Essa unidade trinitária se realiza no amor. A Igreja habitada e movida pelo Espírito deve viver numa comunhão fraterna de amor. Os sacramentos de iniciação expressam essa triunidade, pois o batismo e a unção tendem para a eucaristia, vivência fraterna, de comunhão.

O batismo marca o início de um processo de crescimento, de mudança, que impulsionado pela unção, leva a participar da ceia eucarística, que se repete, a fim de aprofundar a existência fraterna. Batismo, unção e eucaristia são expressões do próprio Deus que sendo Filho e Ungido doou-se como alimento, fez-se alimento, sendo Corpo formou um corpo místico. Compreender os sacramentos em sentido unitário implica a percepção do batismo, da crisma e da eucaristia, além de um evento social-habitual. Implica evidenciar a radicalidade que Cristo demonstrou ao mergulhar nas águas do Jordão: entrega total à missão que Deus-Pai lhe confiou. Essa missão se realiza na força do Espírito, é a unção. A crisma se volta, assim, para o batismo, para impelir o cumprimento da missão. Missão que se realiza na entrega ao próximo e ao Pai na cruz, que é simbolizada na ceia do Senhor. Todo esse processo se pauta no amor de Deus. A mistagogia é o caminho para se experienciar esse processo amoroso de Deus.

Diante dos estudos que fizemos nos capítulos anteriores, podemos entender que a mistagogia é uma experiência de encontro com Deus na comunidade eclesial, é um método de iniciação e de aprofundamento cristão que parte da experiência celebrativa para explicar o sentido histórico-salvífico dos sacramentos. Mais que uma explicação é uma condução, é uma maneira de levar o outro a perceber a ação amorosa de Deus na história e seu desdobramento nos símbolos sacramentais e na sua própria vida. É assim uma teologia, pois o intuito é falar de Deus, de suas ações na sua Igreja. Mistagogia não se traduz numa ação imaginativa subjetivista.

A escritura está na base desse método ou dessa teologia, pois ela é o fio condutor dos ritos e na raiz desse processo está a fé de que Deus continua por meio do Espírito a agir em sua Igreja. Partimos do princípio de que na cultura judaico-cristã as celebrações são espaço de encontro com Deus, recordam uma ação concreta de Deus na história: a libertação da escravidão e a cruz, a morte e ressurreição de Jesus Cristo. As celebrações na cultura judaico-cristã não são eventos mágicos intimistas. No Novo Testamento, Deus entrou na história, trazendo um novo tempo, que vivemos toda vez que seguimos seus passos.

Os sacramentos cristãos, como espaço de realização salvífica, colocam o cristão em comunhão com o evento central do Mistério de Cristo. Daí que a mistagogia ajuda a compreender o caminho de Deus na história, através do aprofundamento do sentido simbólico dos sacramentos. A água é a criação mais fundamental de Deus para o homem, ela traz vida, regeneração, mudança, transparência, mas também pode trazer a morte, a destruição. Cedo a humanidade se encantou com a água e tanto os filósofos, como Tales de Mileto, que dizia ser a água o princípio dos seres,<sup>295</sup> quanto os mitos da Mesopotâmia sobre dilúvio, expressam a importância da água para a vida na terra. O Antigo Testamento entende a água criadora na junção do Espírito que pairava sobre ela (Gn 1,2).

O Novo testamento assume o batismo como elemento fundamental do nascimento da Igreja: o batismo de água e do Espírito. Os elementos da natureza se transformam em meios que expressam a ação de Deus, a água se transforma em símbolo, um elemento que reúne, que é meio de encontro entre Deus e os homens. Isso é sacramento. Um itinerário mistagógico hoje envolve todas as pastorais e, primordialmente, a catequese por ser uma das principais instâncias transmissoras da fé.

Uma catequese de iniciação ou uma catequese permanente ou de acompanhamento dos iniciados precisa sempre se mover do querigma ao mistagógico, ajudando a aprofundar a vida cristã. Vida cristã que se inicia com o batismo e se aprofunda na vivência eucarística semanal para cultivar uma vida eucarística. É preciso ressignificar o significado do batismo-unção-eucaristia, destacando-se a unidade trinitária deles a fim de se evidenciar uma vivência mistagógica. Daremos um passo de cada vez: o primeiro é considerar os

---

<sup>295</sup> MONDOLFO, R., O pensamento antigo, p. 37.

sacramentos de IVC na sua dinâmica mais própria: na dimensão da unidade; em seguida trataremos da formação de uma “cultura eucarística” como base para uma vivência mistagógica nos dias de hoje, ou melhor, como necessária; então repensaremos algumas linhas pastorais a partir da dimensão sacramental-mistérica e, por fim, só realizaremos ações concretas se os agentes se dispuserem a isso.

#### 4.1

#### **Considerações sobre uma teologia triunitária dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã**

Os sacramentos são ações eclesiais que estruturam a Igreja. A Igreja é o conjunto de batizados que vive a fé de domingo a domingo na celebração, no trabalho caritativo comunitário e no mundo, com suas ações proféticas, na luta diária pela justiça, na denúncia contra as injustiças sociais, no respeito ao meio ambiente e no respeito à pessoa humana. As pessoas vêm à Igreja para pedir o batismo, a crisma, a eucaristia, o matrimônio, o perdão dos pecados. A participação na vida eclesial começa em geral em torno da procura de um sacramento. A Igreja prepara seus filhos para viverem plenamente os sacramentos nas catequeses de iniciação, nas catequeses de preparação para o matrimônio, nos cursos de formação sacerdotal. A Igreja como sacramento de Cristo sempre anuncia a Palavra e testemunha na celebração e nas suas ações no mundo. A Igreja é uma grande casa catequética, que faz ressoar o amor de Cristo no mundo. Ressoar implica fazer som, se fazer ouvir no testemunho no mundo. Para isso a redescoberta do sentido mistérico precisa adentrar no campo pastoral.

É preciso ressignificar as mentalidades pastorais na percepção do sentido dos sacramentos a partir do redimensionamento de sentido dos sacramentos de iniciação cristã. Há uma mentalidade individualista em relação aos sacramentos da iniciação que perpassa a pastoral: um centramento em relação aos efeitos do batismo numa leitura individual, a crisma como o momento de recebimento de dons especiais e a eucaristia, um remédio sagrado. Ficam esquecidos a vocação profética do batismo, o compromisso eclesial, a vivência eucarística. Os tempos atuais exigem que os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã sejam refletidos em sua dinâmica de conjunto, restaurando o nexo que os une a fim de que se resgate o sentido mistagógico dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã.



O Concílio Vaticano II apontou essa necessidade de resgate de sentido ao recuperar o catecumenato e pedir que se refletisse sobre a unidade entre batismo e crisma. O resultado do apelo do Concílio se expressou concretamente no RICA,<sup>296</sup> um livro litúrgico que precisa ser aprofundando pastoralmente. Nos seus primeiros artigos, nas Observações preliminares, citando texto do Concílio<sup>297</sup> destaca a teologia da filiação no batismo, a teologia da unção na crisma e a teologia da comunhão eucarística. O batismo é o sacramento da transformação, o homem se torna filho de Deus pela água e pelo Espírito; a crisma, doando o mesmo Espírito, configura ao Senhor, conforma os corações para viverem a nova vida na oferta eucarística, participando da unidade como membros do povo de Deus.<sup>298</sup> Os três sacramentos se complementam, e assim conduzem os fiéis a viverem como filhos de Deus em Cristo no mundo e na Igreja.<sup>299</sup>

Os sacramentos da iniciação expressam a teologia trinitária a partir de seus fundamentos teológicos, pois a vida de Jesus testemunha, ao cumprir sua missão, acompanhado pelo Espírito, o que é ser Filho do Pai. O batizado vive como filho adotivo de Deus em Cristo na força do Espírito, participando da comunhão eucarística de mesa. Iniciar-se na vida cristã é adentrar em uma vida de comunhão de pessoas divinas tal qual Jesus Cristo nos revelou. Iniciar-se na vida cristã é de certa forma estar na contramão de uma época marcada pelo individualismo, que percorre todas as relações, inclusive religiosas.

É fato que muitos cristãos ainda vivem sem uma pertença comunitária e possuem uma imagem de Deus distante do Deus Trindade. Apesar de professar o Credo e glorificar o Deus Trindade, é provável que muitos fiéis ainda vivam uma imagem de um Deus distante ou centrada num cristomonismo ou em um pneumatomonismo ou priorizando devocionismos que não constroem. Não temos como tratar aqui do problema da imagem de Deus dos cristãos, o que queremos destacar é que a compreensão dos sacramentos da iniciação cristã numa visão triunitária enriquece a pastoral, ajuda a amadurecer a imagem de Deus, pois batismo e crisma se complementam e tendem para a eucaristia, que é o centro do Mistério Pascal. Sentar-se à mesa para participar da ceia do Senhor significa uma atitude de

---

<sup>296</sup> Publicado em 1972, chega ao Brasil em 1974.

<sup>297</sup> Nas Observações preliminares cita Ad Gentes 14.

<sup>298</sup> RICA, Observações preliminares 1 e 2.

<sup>299</sup> RICA, Observações preliminares, 2.

vida fraterna, pois na ceia do senhor não há exclusão e todos devem partilhar o alimento, oferecendo a vida nas mãos de Deus numa postura de humildade e serviço. Uma Iniciação à Vida Cristã em inspiração catecumenal implica pastoralmente recuperar a unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, num itinerário que caminha do querigma à mistagogia.

A inspiração catecumenal se realiza num processo que vai da palavra à mistagogia, da mistagogia à palavra numa circularidade progressiva que inicia e acompanha o iniciado para perseverar na fé. Nessa mentalidade catecumenal, os sacramentos da iniciação revelam a vida em comunhão, pois trindade é comunhão de pessoas. O batismo torna o fiel filho do Pai no dom do Espírito que conforma o batizado em Cristo; é o Espírito que conduz a Cristo para que se possa viver no Pai no amor eucarístico.

A eucaristia é o ponto central do Mistério Pascal, pois o penetra, o revela e é o sentido primordial da vida cristã, a vivência na comunhão fraterna. A fé deve crescer, amadurecer, a iniciação coloca o cristão em abertura à ação do Espírito que não é mágica, se vislumbra na comunidade eclesial por meio da escuta da Palavra, do alimento da eucaristia e das ações proféticas, é a conversão pastoral em estado permanente de missão,<sup>300</sup> pois a fé é eclesial, recebemos da Igreja, do testemunho dos apóstolos e, assim, seguimos nos passos de Cristo.

Os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã se inserem no plano da salvação e inserem os cristãos na salvação. No entanto, sem a vivência comunitária os cristãos correm o risco de viver uma fé individualista e subjetivista, que pode se traduzir num contratestemunho diante do mundo. Celebrar e viver da fé celebrada é o grande desafio da Igreja atual, conforme afirma Boselli: “Viver da liturgia que se celebra significa viver daquilo que a liturgia faz viver: o perdão invocado, a Palavra de Deus escutada, a ação de graças elevada, a Eucaristia recebida como comunhão.”<sup>301</sup>

O primeiro sentido do batismo, que vem da etimologia da palavra,<sup>302</sup> é o de imergir, de mergulhar na água. A água é elemento físico vital para os seres humanos, elemento criador, que gera a vida, que limpa, lava, mas também pela sua força pode destruir. Esse sentido potente da água como fonte de vida, e como a força que lava até a morte, é transplantado para o campo simbólico. As abluções,

<sup>300</sup> EG 25.

<sup>301</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 9.

<sup>302</sup> “Batismo significa “imersão”, “banho” (ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p. 233).

as lavagens, eram frequentes no mundo antigo como símbolo de purificação.<sup>303</sup> Assim, o batismo não é uma novidade cristã, porém o batismo cristão ressignifica o sentido de batismo, que não é mais uma simples purificação, mas uma vida nova na água e no Espírito (Jo 3, 4-5): é morrer e ressuscitar com Cristo, é a inserção no mistério pascal.<sup>304</sup>

Essa vida nova implica o perdão dos pecados, isto é, se recolocar no caminho de filho de Deus. Naturalmente, podemos dizer que somos todos criados por Deus, somos sua obra, porém em Cristo o homem se torna algo novo, nasce de novo. Esse nascimento ofertado por Deus em seu Filho requer uma abertura do homem através do arrependimento, de uma disposição para Deus na fé. Infelizmente, ao longo da história, como vimos, os sacramentos passaram a ser entendidos como remédio<sup>305</sup> para os males da alma, e o perdão dos pecados se dotou de uma conotação moralista. O arrepender-se implica o deixar o “homem velho para trás” e se dispor para viver a vida nova, arrepender dos pecados é se colocar novamente à disposição do serviço de Deus, da escuta de Deus, da obediência a Deus, como Cristo se colocou. Ao perdoar os pecados o batismo abre o homem para viver como filho de Deus: o sentido teológico do batismo é a filiação, é colocar o homem no caminho de volta ao Pai. O batismo de Jesus no Jordão ajuda a compreender a teologia da filiação.

O relato do batismo no Jordão, descrito nos quatro Evangelhos ( Mc 1, 9-11; Mt 3, 13-17; Lc 3, 21-22; Jo 1, 31-34.), apesar das nuances diferenciais, apontam a missão profética de Jesus, o servo que assume os pecados humanos em solidariedade com os irmãos.<sup>306</sup> A ação teofânica se inicia, após o mergulho de Jesus, que indica uma aceitação livre para a missão, com a abertura dos céus e a descida do Espírito, seguida da Palavra reveladora de Deus, expressando a filiação de Jesus e a sua declaração.

Borobio<sup>307</sup> relaciona a manifestação do Espírito, conjugada com a Palavra de Deus, em paralelo com outros relatos como em Pentecostes (a manifestação do Espírito suscita a pregação) e em Gênesis (a relação entre Espírito sobre as águas e a palavra criadora de Deus).<sup>308</sup> O batismo marca o início do ministério de Jesus que

<sup>303</sup> BOROBIO, D.; TENA, P., Sacramentos da Iniciação Cristã, p. 78.

<sup>304</sup> GOEDERT, V. M., Teologia do Batismo, p. 58.

<sup>305</sup> Conforme abordamos, os sacramentos foram se coisificando e a iniciação cristã se fragmentou.

<sup>306</sup> BOROBIO, D.; TENA, P., Sacramentos da Iniciação Cristã, p. 80-81.

<sup>307</sup> BOROBIO, D.; TENA, P., Sacramentos da Iniciação Cristã, p. 83.

<sup>308</sup> BOROBIO, D.; TENA, P., Sacramentos da Iniciação Cristã, p. 83.

caminhará na unção do Espírito até a morte de cruz. Borobio conclui o entendimento sobre o batismo de Jesus como:

Um sinal profético magnífico do mistério pascal; como gesto ritual iniciatório cristão: um banho na água e no Espírito para o perdão dos pecados e para sermos, no Filho, constituídos e manifestados filhos de Deus pelo perdão dos pecados.<sup>309</sup>

O que nos interessa aqui é demonstrar que, na principal fonte do batismo cristão, o sentido primordial é o de filiação. A unção do Espírito é a força do amor que guia e conforma para realizar o caminho de Filho do Pai. Unção, de acordo com Taborda, é um dos nomes do Espírito (*Spiritualis unctio*), tornando-se, dessa forma, expressão da doação do Espírito.<sup>310</sup> O sentido antropológico é medicinal: curar, amaciar, proteger, e, além disso, encontra-se no Antigo Testamento o sentido jurídico-sacral, que é o de derramar óleo sobre a cabeça de uma pessoa para conferir glória e poder. Desse sentido jurídico, usa-se o verbo *msh* (hebraico) de onde deriva o termo Messias e *chrío* (grego) de onde vem a palavra Cristo.<sup>311</sup> O sentido de unção liga-se assim diretamente à ação do Espírito. Há uma tradição desde o Antigo Testamento na qual o Messias (O ungido) esperado é o portador do Espírito: o “Ungido de YHWH,” o eleito.<sup>312</sup> O Novo Testamento afirmará que o Ungido é Jesus de Nazaré, o Cristo: “Eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus.” (Jo 1, 34).

No discurso de Pedro na casa de Cornélio, Pedro fala que o Espírito unge Jesus depois do batismo: “...depois do batismo proclamado por João, como *Deus o ungiu com o Espírito Santo* e com poder...” (At 10, 37-38). O gesto litúrgico da unção relaciona-se ao significado de Cristo, o Ungido, que expressa sua missão messiânica de instaurar o Reino de Deus entre nós. Unção significa doação do Espírito, o próprio Espírito: “O dom profético do Espírito é, em última análise, idêntico à unção.”<sup>313</sup> Os primeiros cristãos não entendiam a unção separada do batismo, pois assim como Jesus, após o batismo, saiu em missão com a força do Espírito, os cristãos ungidos no Ungido têm como missão anunciar o Evangelho. Na relação trinitária se pode dizer que o Pai unge, o Filho é o Ungido e o Espírito Santo é a Unção.<sup>314</sup> A unção é a força do amor do Espírito Deus para levar os

<sup>309</sup> BOROBIO, D.; TENA, P., Sacramentos da Iniciação Cristã, p. 84.

<sup>310</sup> TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 198.

<sup>311</sup> TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 199.

<sup>312</sup> TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 200.

<sup>313</sup> TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 205.

<sup>314</sup> SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 278-279.

batizados a cumprir sua missão de filhos adotivos do Pai em Cristo, participando de uma vida eucarística de serviço, de comunhão, de solidariedade e amor ao próximo.

A crisma só pode ser entendida plenamente em sua relação com o batismo, como teologia da unção. É sabido que a origem do sacramento da crisma ocorre a partir de ritos pós-batismais, ou imediatamente seguintes ao batismo ligados ao recebimento do Espírito. Os problemas pastorais levaram a se deixar a crisma para depois, e com o tempo a teologia que se construiu em torno da crisma, associando-a ao evento de Pentecostes, trouxe problemas: se o Espírito é dado no batismo, conforme atesta o Novo Testamento, qual o lugar teológico da confirmação?<sup>315</sup> A resposta mais evidente é a de que é a crisma liga-se ao batismo e o complementa,<sup>316</sup> além disso, em cada sacramento o Espírito vem, de uma maneira especial, para conformar os caminantes da fé em Cristo. A crisma enriquece o batismo, que fundamenta a crisma e ambos tendem para a eucaristia.

O batismo insere o fiel na nova vida, renascendo para viver na relação filial a serviço do Pai, a crisma nos atrai e sela para viver essa relação a partir do Filho Jesus, que na comunhão da eucaristia, torna-se fonte e alimento de todo viver. A eucaristia é o sacramento da unidade, é a mesa da reunião, do encontro, do pão que se reparte simbolicamente para se concretizar existencialmente. Na última ceia Jesus antecipa simbolicamente o que iria viver concretamente, fisicamente, e pede que se refaça esse ato como memória de tudo o que se passou nele. Então, a eucaristia se repete a cada semana para que, impulsionado pelo Espírito, o cristão possa viver eucaristicamente na mesa do mundo, nos encontros do mundo.

O encontro cristão implica a existência do outro, do diferente, do que precisa de mim, daquele de quem me torno próximo, pois Jesus ao sentar-se à mesa inclui a todos os que sofriam. A imagem do grande banquete de Deus, da grande festa, se realiza em Cristo. Os batizados são o povo voltado para Deus que vive cultivando uma existência eucarística. Em Cristo nos tornamos filhos do Pai para viver no Espírito eucarístico do amor e da fraternidade. A Eucaristia é o Deus mesmo em oferta ensinando aos homens que viver para Deus é amar concretamente o próximo, tornando-se próximo. Em seguida, pretendemos tratar da eucaristia, centro da vida cristã, como uma experiência reveladora do amor de Deus no coração do mundo.

<sup>315</sup> NOCKE, F-J., Doutrina Específica dos Sacramentos, p. 235.

<sup>316</sup> O batismo e a confirmação devem ser vistos em “sua fundamental unidade” (TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 26).

## 4.2

### A formação de uma “cultura eucarística” a partir de uma vivência mistagógica hoje

Uma cultura eucarística implica viver a partir do que se celebra, eucaristia é comunhão de mesa, é partilha, é doação, portanto, para formar uma cultura eucarística é necessário experimentar o sentido pleno de eucaristia. A vivência mistagógica é a base para uma mudança interior que se expresse numa vida de amor ao próximo num convívio comunitário, pois nossa fé é comunitária, recebemos dos apóstolos que testemunharam uma vida com Jesus. Em um mundo tão complexo, tão alheio à profundidade do amor de Deus, há um alimento que nunca passa, que nunca se perde: um Deus que se entregou na cruz por puro amor ao Pai e aos humanos, que com sua morte não encerrou o amor, pois Ele ressuscitou e continua presente no Espírito amando os homens. Seu gesto é uma fala à humanidade de que é dedicando a vida ao próximo que se encontrará a presença de Deus e o caminho de paz para construção do mundo.

A entrega de Jesus Cristo é um acontecimento no qual Jesus anuncia, durante a ceia da Páscoa judaica, a sua morte e ressurreição, antecipando sacramentalmente o que aconteceria fisicamente na história.<sup>317</sup> Jesus inaugura um novo tempo, uma Nova Aliança e pede que seus discípulos repitam o gesto de abençoar e partir o pão, de abençoar e beber o vinho como memória de sua Paixão.

A comunidade vai repetir esse gesto sacramentalmente de geração a geração, sob as espécies do pão e do vinho, não o acontecimento histórico, esse aconteceu uma única vez: “Mas, pelo gesto simbólico instituído no Cenáculo (a ação de graças sobre o pão e o vinho como memorial de Cristo), a comunidade aqui reunida volta a ser apresentada ao evento irrepetível do Calvário e do túmulo vazio.”<sup>318</sup>

Para Raniero Cantalamessa, em certo sentido, o sacrifício da cruz de Jesus continua até nossos dias: “Este sacrifício termina e não termina, é momentâneo e duradouro: é momentâneo segundo a história; é duradouro segundo o Espírito.”<sup>319</sup> Assim, os sacramentos são possíveis devido à presença do Espírito Santo na Igreja. Os sacramentos apontam sempre para uma realidade, há um conteúdo a ser descoberto por trás dos símbolos, é preciso disposição para encontrar.

<sup>317</sup> CANTALAMESSA, R., O mistério da Ceia, p. 12.

<sup>318</sup> TABORDA, F., Da celebração à teologia, p. 50.

<sup>319</sup> CANTALAMESSA, R., O mistério da Ceia, p. 19.

O conteúdo é sempre Cristo no seu Mistério Pascal, sua vida de cruz, morte e ressurreição, que nem sempre conseguimos entender na sua riqueza e profundidade. A Eucaristia é o sacramento do amor por excelência, é o sacramento da reunião, da mesa, é o que nutre e alimenta a Igreja. É o que demonstra na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, o papa Bento XVI, ao tratar da Eucaristia como mistério da fé, mistério celebrado e mistério vivido, ou seja, *lex orandi, lex credendi, lex vivendi*. Vivemos da fé que celebramos.

A Eucaristia é o sacramento do amor de Deus pois Deus mesmo se oferece, se entrega como alimento à humanidade: “No sacramento da Eucaristia, Jesus mostramos de modo particular a verdade do amor, que é a própria essência de Deus. Esta é a verdade evangélica que interessa a todo o homem e ao homem todo.”<sup>320</sup> O gesto de doar a sua vida em favor do outro, de partilhar o pão, sintetiza todas as ações de Jesus, toda a sua vida, morte e ressurreição.

Essa verdade de fé fundamental de um Deus que doou a sua vida em favor dos homens, e sacramentalmente encontra-se no meio do povo, é o centro da fé da Igreja que a alimenta e revigora continuamente. Deus nos amou de uma maneira sem limites, e nessa força do amor celebrado, o cristão é impulsionado a dela viver. Dessa forma, o documento faz uma afirmação importante: “Testemunha-o a própria história da Igreja: toda a grande reforma está, de algum modo, ligada à redescoberta da fé na presença eucarística do Senhor no meio do seu povo.”<sup>321</sup> Estamos novamente em tempos de redescoberta da centralidade da eucaristia, o significado da presença de Deus no meio do povo. É preciso, pois, ter consciência de que ao celebrar a eucaristia participa-se da mesa do Senhor, da partilha com os irmãos.

O que se partilha é a própria vida, não apenas verbalmente, porque o cristão se compromete a viver em comunhão com os seus irmãos na mesa da vida do mundo na caridade, na solidariedade, nas ações concretas cotidianas. O sacramento da eucaristia expressa a essência trinitária de Deus, no pão e no vinho o Filho se doa à humanidade e ao Pai na força do Espírito, é uma ação de amor trinitário:

Deus é comunhão perfeita de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito. Já na criação, o homem fora chamado a partilhar, em certa medida o sopro vital de Deus (Gn 2,7). Mas, é em Cristo morto e ressuscitado e na efusão do Espírito Santo dado sem medida (Jo 3,34), que nos tornamos participantes da vida divina.<sup>322</sup>

---

<sup>320</sup> SCa 2.

<sup>321</sup> SCa 2.

<sup>322</sup> SCa 8.

A Eucaristia nos torna participantes desse mistério de fé, que alimenta a Igreja, os sacramentos, cada membro do corpo de Cristo. Bento XVI destaca a relação entre Espírito Santo e eucaristia, tantas vezes esquecida, é no Espírito que Jesus pode oferecer sua vida, pois depois de ressuscitado pode derramar o Espírito, inserindo os discípulos na sua missão, impelindo-os a anunciar o Evangelho, a formar comunidades, a formar sua Igreja: “Portanto, é em virtude da acção do Espírito que o próprio Cristo continua presente e activo na sua Igreja, a partir do seu centro vital que é a Eucaristia.”<sup>323</sup> A Eucaristia constitui o ser e o agir da Igreja.<sup>324</sup> Portanto, os sacramentos estão vinculados e ela, todas as ações da Igreja estão vinculadas a ela e tanto os sacramentos quanto as ações da Igreja a ela se ordenam. “Esta relação íntima da Eucaristia com os demais sacramentos e com a existência compreende-se, na sua raiz, quando se contempla o mistério da própria Igreja como sacramento.”<sup>325</sup>

O Mistério da Igreja é ser sacramento da comunhão trinitária. A maravilha de um Deus que é comunhão e quer ensinar aos homens que o modo próprio e essencial para gerar vida é ser comunhão: uns voltados para os outros. A Igreja mistério é a comunhão fraterna do povo de Deus. Toda essa riqueza da Eucaristia precisa estar acessível pastoralmente como caminho da iniciação cristã. Aqui o Papa Bento apresenta a questão que nos move:

A propósito, devemos interrogarmos(...) se nossas as comunidades cristãs têm suficiente noção do vínculo estreito que há entre Baptismo, Confirmação e Eucaristia; de facto, é preciso não esquecer jamais que somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia. Este dado implica o compromisso de favorecer na acção pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de iniciação cristã.<sup>326</sup>

No nosso entender essa questão que o papa aponta, e vem desde o Concílio sendo vislumbrada, a partir da recuperação do catecumenato, é de vital importância. A compreensão fragmentária dos sacramentos, além de desvincular a crisma do batismo, contribui para a ideia de que a crisma é o objetivo final da iniciação, o sacramento da maturidade, o sacramento da doação dos dons do Espírito. Somos batizados e crismados para viver na comunhão eucarística, na celebração, na comunidade e na vida, existencialmente, testemunhando o Deus Trindade. Não saímos da iniciação prontos e acabados, por isso a Eucaristia se repete, porque é no

---

<sup>323</sup> SCa 12.

<sup>324</sup> SCa 15.

<sup>325</sup> SCa 16.

<sup>326</sup> SCa 17.



continuar, no permanecer na comunhão comunitária que se aprofunda o que recebemos no batismo:

Mas é a participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa, em nós, o que recebemos no Baptismo. Também os dons do Espírito são concedidos para a edificação do corpo de Cristo (1Cor 12) e o crescimento do testemunho evangélico no mundo. Portanto, a santíssima Eucaristia leva à plenitude a iniciação cristã e coloca-se como centro e termo de toda a vida sacramental.<sup>327</sup>

O Papa pede que se preste atenção ao tema da ordem dos sacramentos no campo pastoral, que é ajudar os fiéis a compreenderem e a posicionarem o sacramento da Eucaristia como centro.<sup>328</sup> A filiação no batismo precisa crescer na unção dos dons do Espírito. Os dons do Espírito devem ser postos a serviço da comunidade, devem ser testemunhados no mundo. A iniciação cristã tende para a Eucaristia, a experiência de entrega, de doação de Deus mesmo à humanidade, o que conduz a Igreja viver nessa comunhão, que vai se aperfeiçoando conforme se participa da vida eclesial.

A questão que se coloca aqui é o tema da ordem dos sacramentos de iniciação, é preciso recuperar a Eucaristia como elemento para o qual tende a iniciação: o cristão é filho do Pai em Cristo na unção do Espírito para viver em comunhão, da mesa eucarística para o mundo. É necessário pensar no percurso educativo das comunidades,<sup>329</sup> a fim de se recuperar a unidade dos sacramentos da iniciação e o sentido pleno da Eucaristia como mistério de comunhão e, por conseguinte, como cultivo de uma cultura eucarística.

O tema teológico principal do sacramento da Eucaristia é a mesa, o banquete, o ser alimento e nutrição de toda vida eclesial:

Desde a aliança do Sinai até a congregação da comunidade na experiência pascal a Ceia sempre é sinal de aliança: A aliança de Deus com os homens se realiza quando homens se aliam entre si. No comer e beber em comum se recebe a vida, celebra-se a aliança que possibilita a vida.<sup>330</sup>

Esse sentido de mesa, de reunião, de encontro de pessoas para partilhar, de memorial, ficou encoberto pela predominância da teologia da presença real. Ao recuperar o sentido de comunhão de mesa, resgata-se o aspecto de agradecer pelo pão

<sup>327</sup> SCa 17.

<sup>328</sup> SCa 18.

<sup>329</sup> SCa 18.

<sup>330</sup> NOCKE, F., Doutrina Específica dos sacramentos, p. 263.

e o vinho, fruto da natureza e do trabalho humano, ambos dons de Deus. Ao se reunir, a comunidade celebrante realiza o agradecimento (eucaristia), que dá nome ao sacramento, expressando a atitude dos celebrantes diante da graça ofertada por Deus e assim se colocam eles mesmos em disposição de oferta da vida nas mãos de Deus. No entanto, a eucaristia, como os demais sacramentos, não se celebra como um fim em si mesma, ela tem alcance na sociedade, a partir dos atos da vida de Jesus, que as primeiras comunidades expuseram no Novo Testamento.

O Novo Testamento mostra nas primeiras comunidades, a ceia do Senhor como exemplo concreto de saciar a fome dos irmãos: no evangelho de Marcos, Jesus tem compaixão da multidão que está com fome e diante da proposta indiferente dos discípulos de mandar embora a multidão, Jesus lhes diz: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37), ou seja, reparta com eles o que vocês têm. O livro de Atos mostra as comunidades crescendo, se reunindo “e punham tudo em comum.” (At 2, 44), concretizando na vida a partilha vivida na celebração. A Eucaristia nos coloca em sintonia com as dores do mundo, pois a fome é resultado de uma sociedade injusta, desigual, que não se preocupa com os pobres. Essa sociedade é formada por indivíduos que, a exemplo dos discípulos, queriam solucionar de imediato o problema sem se solidarizar com o outro, sem se colocar no lugar do outro e a solução era bem simples: partilhar o que se tem numa atitude fraterna. Essa reflexão vem para a existência a partir do dado sacramental: todos reunidos para celebrar em torno da mesa do Senhor.

“O que fizemos da Eucaristia?” indaga Boselli ao refletir sobre como a relação entre a Eucaristia e a solidariedade com os pobres ficou esquecida nos últimos tempos e afirma:

A celebração da Eucaristia é também ação profética celebrada por um povo de profetas que, realizando o gesto de *fractio panis* como sinal de partilha, proclama diante do mundo, em nome de Deus, o dever de compartilhar os dons por ele distribuídos e de partir o pão para saciar o faminto.<sup>331</sup>

Para cultivar uma vida eucarística é preciso compreender o sentido pleno que une mesa do Senhor, comunhão, partilha, pois a realidade nos interpele a não ficarmos inertes diante dos pobres, a ouvirmos a voz de Jesus que diz: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37).

---

<sup>331</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 165.

A celebração eucarística é a fonte que impulsiona o cristão a se tornar semelhante ao alimento que recebe: isso é mistagogia, quando a celebração gera uma forma de viver dela. Assim, pode aflorar uma cultura eucarística. A eucaristia é fonte de comunhão, de oferta de vida, de partilha, de caridade, de solidariedade, de alegria, de encontro com os irmãos, de participar de um banquete e receber o corpo do Senhor no corpo eclesial. A Eucaristia também nos leva a refletir o porquê de tantos passarem fome, o porquê de tantas desigualdades, despertando o desejo de mudanças, de colaborar na construção de uma sociedade mais justa, fraterna, levando ao mundo o sentido da fraternidade cristã.

Pelo batismo, a Igreja como mãe gera seus filhos para que possam participar da assembleia eucarística e viver eucaristicamente. Cultivar uma vida eucarística implica sentar-se à mesa com os pobres, ter solidariedade com os que sofrem, compromisso pessoal e comunitário, saber perdoar.

Pela eucaristia carregamos Cristo em nós, no coração do mundo, é um Deus para nós: “A criação encontra sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa, quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela criatura.”<sup>332</sup>

Uma cultura eucarística deve mostrar a presença de Deus no mundo. O pão partido se torna memorial da presença de Deus no mundo, no meio de nós. Eucaristia é por excelência o sacramento, é sinal de Deus no mundo por meio de homens e mulheres incorporados à Igreja de Cristo: “Alimentando-nos da Eucaristia, somos sempre mais imersos no Cristo e sempre mais ligados a toda a humanidade: nossa presença deveria ser aquela de Cristo.”<sup>333</sup>

#### 4.3

#### **Renovação de ações pastorais à luz da dimensão sacramental-mistérica**

Mergulhar no mistério é uma experiência do amor de Deus, da história de amor de um Deus que se doou à humanidade, servindo ao projeto do Pai, e o caminho de todo cristão é experimentar e aprofundar esse amor, vivendo numa comunhão fraterna em uma comunidade que traduza no seu testemunho a presença

<sup>332</sup> LS 236.

<sup>333</sup> CÂMARA, H., Apêndice (BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 183).

de comunhão divina. A renovação das ações pastorais está em curso desde o Concílio Vaticano II, que num percurso histórico, é muito recente, apesar de passados mais de cinquenta anos. É do Concílio que vem o desejo de recuperação do catecumenato, levando os pastoralistas a refletir sobre esse processo dos primeiros tempos da Igreja e a buscar implementar as mudanças necessárias. Nessa caminhada, vai se aprofundando o sentido de mistagogia, de mistério, de querigma no âmbito pastoral e paroquial.

A palavra mistério no cristianismo, como vimos aqui, durante todo o percurso dessa dissertação, se visibiliza nas ações, na vida, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo. Falar de mistagogia não implica uma ação subjetiva, contemplativa, distante do mundo, pelo contrário, falar de uma pastoral mistagógica implica o voltar-se para a Palavra de Deus, na Escritura e na celebração. Querigma e mistagogia são tempos no caminho iniciático catecumenal, que hoje a Igreja prefere expressar como inspiração catecumenal, porque vivemos em outros tempos, não se copia o passado fielmente, mas se inspira no que há de positivo. Portanto, o caminho de renovação passa por uma pastoral de inspiração catecumenal, a partir da catequese como agente impulsionadora de mudança. Essa inspiração começa na Palavra de Deus na Sagrada Escritura onde se encontram várias formulações do querigma, o anúncio do Evangelho que os primeiros cristãos espalhavam pelo mundo sem medo, em meio às contendas culturais da época. O querigma é Jesus Cristo, o anúncio do amor de Deus pela humanidade, que precisa sempre ser comunicado, falado, transmitido, num itinerário que vá aprofundando e encarnando o querigma na vida da comunidade, na celebração e vida existencial cristã, num processo gradual, catequético, educativo.

Todas as pastorais precisam de alguma maneira seguir esse itinerário, tendo como pressuposto que a Igreja não é um escritório de administração, não é uma escola pública ou particular, não é uma empresa, é casa de Deus, é casa de oração, é casa de encontro, é casa de reunião de pessoas que têm um mandato do Senhor para segui-lo e testemunhá-lo. Assim, a primazia das ações eclesiais é de Deus: “O princípio da *primazia da graça* deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização.”<sup>334</sup> Todo fazer da Igreja, toda ação pastoral, precisa ser guiada por esse princípio, estar a serviço da ação de Deus, ser

---

<sup>334</sup> EG 112.

instrumento de Deus, entender que não temos o controle de todas as ações e os resultados e o fracasso também são parte da caminhada. Diante da cruz, os discípulos fugiram porque sentiram o fracasso da missão, sentiram-se desamparados, sem entender, paralisados até a ressurreição de Jesus. Somente esse fato inusitado e sem explicação para a razão, pode ter retirado esses homens do ostracismo e levado à missão até a morte. A Igreja que segue os passos de Cristo vive de morte e ressurreição, e sabe, tem a fé de que o Espírito de Deus está sempre com ela em todos os momentos, jogando luzes nas sombras.

Outro dado fundamental é que na Igreja povo de Deus todos os batizados são “evangelizadores natos”. O batismo incorpora o fiel na comunidade eclesial, o Espírito que habita na Igreja, habita em cada batizado. Nascemos pelo batismo missionários: “Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização.”<sup>335</sup> É preciso incentivar o protagonismo missionário em cada batizado, falar de Deus na simplicidade do dia a dia, levando alegria e esperança; o que não exclui a necessidade de crescer na fé, no aprofundamento do Evangelho, mas não precisa esperar anos, fazer cursos, se sentir incapaz de transmitir, a quem necessita, os conteúdos básicos da fé. Essa ação se constitui, não um dever obrigatório num sentido moral, mas num exercício de caridade com o próximo: falar que Deus nos ama, perdoa, e está de braços abertos na espera do sim; falar da gratuidade do amor de Deus que transforma vidas.

A partir desses pressupostos, a comunidade possui pastorais com seus carismas, e o carisma catequético tem por sentido primordial a transmissão da fé. A catequese inicia na fé e, para a fé, e acompanha o caminhar do cristão em todas as suas instâncias. Por isso, podemos ter catequese de formação bíblica, de formação litúrgica, de formação para as famílias, catequese de perseverança. A Igreja globalmente deve ser uma grande casa de catequese, no sentido essencial que está inscrito na etimologia da palavra catequese, *katechein*, “fazer ressoar.”<sup>336</sup> A Palavra de Deus deve tocar, ser ouvida, ser levada aos que abrirem seus corações. Esse é o papel da catequese. Assim, uma catequese em inspiração catecumenal se desenvolve em quatro dimensões: a querigmática (centrada na Sagrada Escritura), a celebrativa (centrada na liturgia, sacramentos e oração), a comunitária (centrada

---

<sup>335</sup> EG 120.

<sup>336</sup> DC 55.

nas ações caritativas da Igreja) e a existencial (centrada nos desafios do mundo, da história).

A renovação pastoral a partir da catequese exige uma mudança de mentalidade: a catequese, diante do exposto, não é apenas uma preparação para sacramentos. Não é escola para recepção para sacramentos. Os sacramentos não são para serem recebidos e acabou. Os sacramentos são celebrados para transformar a vida do fiel em Cristo. Aqui a recuperação pastoral da unidade dos sacramentos de Iniciação ajuda a compreender o sentido salvífico unitário do batismo, crisma e eucaristia. Os três sacramentos expressam a ação trinitária de Deus, a partir de Cristo, de tornar os homens filhos adotivos de Deus.

O que significa ser filho de Deus? Receber uma graça para se proteger e ter saúde? Ter a certeza de que nada de mal lhe acontecerá? Ter a garantia de um emprego? Ter a garantia da salvação? São perguntas próprias do ser humano e são legítimas, diante de um mundo às vezes tão caótico. Porém, a vivência sacramental, - que só pode se aprofundar na pertença à comunidade - vai desvendando para o cristão o que é ser filho de Deus. É o conviver com os irmãos na comunidade que conduz a uma resposta aos anseios por Deus: a leitura da Palavra na celebração e em encontros bíblicos, a participação na celebração eucarística, os envolvimento nas ações desenvolvidas durante o ano litúrgico, os retiros de oração, os encontros para festejar, a participação nas catequese de formação permanente, a participação em ações solidárias e caritativas da Igreja e do mundo. O cristão cresce na comunidade, que nunca é perfeita, mas é aquela na qual deve estar e ela é a fonte para viver no mundo, denunciando as injustiças, colaborando, testemunhando a presença de Deus no mundo como faz o nosso Papa Francisco. Em seus discursos e ações se coloca ao lado dos pobres, da justiça, se posiciona contra a desigualdade social, busca uma nova economia que ponha a vida no centro e a natureza criada por Deus.

Toda essa reconfiguração demanda tempo e resiliência, começando com ações que se estruturam em torno da linguagem, da pedagogia e da sensibilidade catequéticas para impulsionar a missionariedade, o profetismo e o testemunho. Assim, concretamente a Iniciação à Vida Cristã precisa evidenciar a ligação originária e essencial entre batismo e crisma, que direcionam para a eucaristia. A eucaristia que sintetiza toda a vida da Igreja no aspecto reunidor da comunhão de mesa, ressignificando o sentido de presença real de Cristo. Como afirma Boselli,

um dos problemas centrais do cristianismo é compreender a Igreja como comunhão, Corpo de Cristo numa cultura marcada pelo individualismo.<sup>337</sup> Ao participarmos da comunhão, Cristo se doa a nós, membros do seu corpo, que é a Igreja numa junção entre Cristo e sua comunidade eclesial, o que significa um compromisso de cada um dos membros de, ao estar no mundo, ser o rosto visível de Deus para a humanidade a partir da unidade com sua Igreja. É preciso compreender, meditar e internalizar a riqueza da eucaristia para que efetivamente se viva uma ‘cultura eucarística’ na diversidade. A Igreja pode ter diversidade, não divisões, não separações. Falta a compreensão, que não é algo apenas intelectual, falta deixar florescer em cada um a sabedoria de Deus que está nos batizados pela presença do Espírito. Não é um intimismo, é se colocar no mundo a partir da celebração, entendendo a história que se está vivendo.

É preciso devolver a mística ao batizado: como filho de Deus, seu corpo se torna casa do Espírito e precisa ser nutrido por Cristo na comunhão eucarística. O cristianismo tem muito a oferecer a um mundo que se resente da ausência do sagrado e se perde em espiritualidades sentimentalistas e subjetivistas. Os sacramentos expressam uma mística que ficou encoberta, porque se perdeu o saber dos sacramentos e, por conseguinte, o sabor. É preciso transmitir às novas gerações o sentido original dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã, com seu simbolismo realizador da salvação. Toda a liturgia dos sacramentos possui um significado profundo para a vida de cada batizado, crismado ou eucaristizado: “A Liturgia é vida, vivência em comunidade, relação sagrada entre Deus e seu povo; celebração do mistério pascal de Cristo no hoje da história.”<sup>338</sup> Não é um rito pelo rito. A catequese, durante o itinerário catecumenal, deve conduzir o catequizando, despertando esse significado espiritual, pois é a ação do Espírito que doa a graça e conforma os corações. Para despertar esse significado espiritual, esse sentido do simbólico nos sacramentos, essa mudança de percepção em relação aos sacramentos, a catequese, e a pastoral em sua totalidade, precisa ter atenção aos processos de comunicação linguísticos: A linguagem da fé deve atingir os ouvintes, pois a mensagem cristã gravada nas Escrituras tem mais de dois mil anos. Então, é

<sup>337</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 182.

<sup>338</sup> FONTOURA, R. A.; BOCALETE, R., Mística, Liturgia e Mistagogia na Iniciação à Vida Cristã, p. 77.

preciso atualizar a linguagem, transmitir a essência, porém observando os aspectos culturais da atualidade.

A catequese, como a ponta de lança da renovação, precisa estar em conjunto com as demais pastorais. As pastorais precisam sair de seus espaços limitantes e se abrir para trabalhar em conjunto, de maneira diversa, mas com uma pedagogia que tenha o querigma e a mistagogia como peças fundamentais. Então, deve haver uma pedagogia querigmática e mistagógica que inspire todas as pastorais de uma paróquia e inspire a pastoral em geral. A catequese é como um agente impulsionador de mudanças, movimentando as pastorais, aprendendo com elas e ensinando. Então, por exemplo, a pastoral familiar precisa de uma dinâmica catequética: uma formação centrada na Escritura, na liturgia, no sentido dos sacramentos, que leve um apoio e um esclarecimento às famílias, que têm o direito de saber manusear a bíblia, de conhecer e meditar sobre as passagens do evangelho, sobre o sentido da celebração, sem ser um ensinamento escolar, mas uma forma de encontro. A palavra ‘encontro’ deve permear as pastorais e a catequese.

A catequese é um encontro entre catequistas e catequizandos e catecúmenos, onde catequista e catequizandos e catecúmenos aprendem e ensinam mutuamente. É claro que o catequista tem o seu papel e o seu saber, como um guardião da palavra de Deus, um mistagogo, porém tem a humildade de estar a serviço do Reino e, portanto, ter a certeza de que o Espírito transmite dons a todos, mesmo aos mais simples, e pode sempre nos surpreender. O Espírito surpreende Pedro na casa de Cornélio: desce sobre os pagãos, que teoricamente nada sabiam da fé, enquanto Pedro realizava a pregação, não precisou esperar o fim da fala, do anúncio, da catequese, de Pedro. (At 10, 44-48). Então, devemos sempre ter em mente de que a ação é primeiramente de Deus. A catequese é uma fala e uma escuta, sempre atenta aos sinais de Deus. Portanto, é preciso sensibilidade, um sentir a mudança, um perceber a novidade, a criatividade, a espontaneidade. Nenhuma pedagogia, nenhum método catequético pode ser rígido, imutável, aliás todas as ações eclesiais são guiadas pelo Espírito e, em algum momento, sempre pode haver surpresas.

Não basta uma pedagogia ou um método elaborado se não houver o senso mistagógico, ou seja, a condução ao mistério de Cristo, ao amor de Deus pela humanidade. Esse senso mistagógico não se realiza só com palavras e explicações do significado dos ritos, mas com um testemunho de amor fraterno numa experiência comunitária: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos



apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações,” (At 2, 42), era o testemunho dos primeiros cristãos. Quando a comunidade se reúne para rezar, para louvar e agradecer a Deus, deve ter consciência da graça vivida naquele momento e da responsabilidade de testemunhá-la na comunidade e no mundo. Por isso, no itinerário catequético a Palavra precisa se encarnar na celebração e na vida, nas ações que defendem os pobres, os que sofrem, os desamparados, os que se encontram nas periferias existenciais, como um espaço transformador.

Na Iniciação à Vida Cristã deve haver integração entre anúncio, ensinamento, liturgia e sacramentos, vida comunitária e existência histórica. Na base da pastoral dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã há necessidade de concretamente vivenciar os sacramentos da Iniciação em unidade, daí que a pastoral do batismo precisa atuar como uma pastoral de Iniciação à Vida Cristã e não apenas como uma pastoral que batiza crianças, que recebe inscrições para batizados, nas quais os pais e padrinhos ouvem palestras por dois dias, batizam os filhos e ponto final. Já existem esforços para mudar essa realidade, porém a passos lentos.

O batismo é uma ocasião primordial para se evangelizar as famílias que vêm batizar seus filhos, pois é insuficiente batizar as crianças e depois só retornar na época da primeira comunhão. Continua se reproduzindo um tipo de batizado sem compromisso comunitário. É preciso uma catequese efetivamente familiar com uma pedagogia própria, que conduza os pais ao seu papel de sujeito da catequese, na medida em que os pais evangelizados também evangelizam os filhos. O futuro do cristianismo está nos jovens e nas crianças e a família é o primeiro acesso a eles. A Iniciação à Vida Cristã de crianças, de jovens e das famílias merecem atenção especial da Igreja.

#### 4.4

#### **O papel dos agentes pastorais**

Sem a participação efetiva dos agentes de pastorais, dos leigos juntamente com o clero, num processo renovador de mentalidades, assumindo o seu papel de sujeito no processo evangelizador com compromisso e responsabilidade, não há como efetuar mudanças. A Igreja, as pastorais, a liturgia, a catequese, todas essas instâncias se efetivam porque há seres humanos no desenvolvimento delas. Por ser

um corpo de batizados, portanto, portadores do Espírito, é preciso que todo agente de pastoral redescubra a sua força interior de ser evangelizador com espírito: “Evangelizadores com Espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo.”<sup>339</sup> Assim como os apóstolos se abriram ao Espírito em Pentecostes, nos diz o Papa Francisco,<sup>340</sup> saindo de si mesmos e anunciando o Evangelho, os agentes pastorais devem se deixar transformar pelo Espírito para evangelizar, pois todas as ações da Igreja das mais simples às mais complexas se inserem no processo de evangelização, ou seja, levar Jesus Cristo vivo, ressuscitado à humanidade. É preciso mais que palavras e ações, é preciso principalmente “uma vida transfigurada pela presença de Deus.”<sup>341</sup>

Essa exigência, à primeira vista parece tão imensa, afinal os agentes de pastorais são pessoas comuns, vivendo sua religião em um mundo contemporâneo, com muitas demandas e problemas. Evangelizadores com espírito, com ânimo, com desejo, com alegria de servir mesmo na imperfeição e com seus limites, são “evangelizadores que rezam e trabalham.”<sup>342</sup> Rezar e trabalhar não significa aderir às “propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração.”<sup>343</sup> É o cultivo de um espaço interior através da leitura orante da Palavra, dos espaços celebrativos da Igreja, para impulsionar as ações pastorais. O agente pastoral necessita trazer em sua vida, em seus gestos, na maneira de se relacionar com o próximo, a marca do seu batismo: expressar no mundo a filiação do Pai, mesmo que de maneira imperfeita pois não está imune ao pecado, porém deve haver uma coerência entre a vida comunitária e a vida no mundo, ou melhor, o comunitário, o celebrativo precisa se desdobrar no mundo. A tarefa do povo de Deus é ser sal da terra e luz do mundo tanto clérigos quanto leigos, porém aqui desejamos tratar do papel dos agentes pastorais leigos.

A CNBB no documento 105, fruto da 54ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de 2016, afirma que: “Cada cristão leigo é chamado a ser sujeito eclesial para atuar na Igreja e no mundo.”<sup>344</sup> Ser sujeito é ter uma

---

<sup>339</sup> EG 259.

<sup>340</sup> EG 259.

<sup>341</sup> EG 259.

<sup>342</sup> EG 262.

<sup>343</sup> EG 262.

<sup>344</sup> Doc 105, 1.

atuação participativa, compromissada, assumindo sua corresponsabilidade e protagonismo na construção do Reino de Deus em comunhão com todo o povo de Deus.<sup>345</sup> Todos os membros do Corpo de Cristo, sua Igreja, devem trabalhar em comunhão a fim de evangelizar e colaborar no desenvolvimento do projeto de Deus para as sociedades. O documento destaca a índole secular dos leigos, a vocação própria de estar no mundo, vivendo pelo testemunho da fé; mas também enfatiza a participação na ação pastoral da Igreja.<sup>346</sup> Esse compromisso na participação pastoral eclesial é uma ação própria do batizado, selado pelo Espírito na Confirmação para viver e exercer seu carisma pastoral-eclesial.<sup>347</sup>

Essa ação batismal precisa ser desenvolvida, ela não nasce pronta, o cristianismo não é mágica, todos os processos sacramentais precisam florescer e isso só é possível na pertença comunitária. Ninguém pode ser cristão sozinho assim como ninguém se salva sozinho. É preciso retornar à coragem para conviver, viver em comunidade, estar na comunidade, participar de suas ações, apesar das dificuldades relacionais humanas. Retomamos aqui a linha de reflexão que guia essa dissertação, o espaço celebrativo sacramental, espaço próprio do cristão, precisa ser revalorizado como espaço de encontro com Cristo e sua comunidade, espaço de espiritualidade do Mistério, que alimenta o interior a fim de movimentar as ações externas. Sem uma mudança interior, sem uma mudança de mentalidade, que suscite a alegria de servir, acabam-se repetindo as mesmas atitudes de sempre: a pastoral como uma extensão da escola, como um trabalho de Igreja, como algo suplementar, que pode ser substituído por outra atividade; ou então a fixidez num modelo que sempre foi assim e não deve mudar. Para uma mudança de mentalidade, o documento afirma a importância da Iniciação à Vida Cristã como “a fonte e a origem do discipulado e da missão.”<sup>348</sup>

A Igreja assumiu como urgência ser casa da Iniciação à Vida Cristã,<sup>349</sup> o que significa que a comunidade inicia, educa, acompanha, todas as pastorais convergem para uma vivência anunciadora, educadora e testemunha do amor de Cristo. Assim, a Igreja é uma grande casa catequética, porém há pessoas que especificamente são chamadas a realizar essa ação, esse “ministério.” Como ponto de partida para a

---

<sup>345</sup> Doc 105, 3.

<sup>346</sup> Doc 105, 7.

<sup>347</sup> Doc 105, 8.

<sup>348</sup> Doc 105, 105.

<sup>349</sup> Doc 107, 64.

renovação de mentalidade, para passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária-profética, destaca-se o papel do catequista atualmente na Igreja, pois toda mudança começa pelos processos educacionais. A catequese, como ação educativa da Igreja, tem no catequista um agente de transformação.

Recentemente, o Papa Francisco em forma de *Motu Proprio* instituiu o Ministério do catequista,<sup>350</sup> concretizando um caminho iniciado no Concílio Vaticano II, a partir da reflexão sobre a colaboração dos leigos na catequese.<sup>351</sup> A ministerialidade do catequista significa favorecer “o resgate da riqueza ministerial presente na grande comunidade dos batizados. Não se trata, portanto, de um prêmio a um grupo, ainda que significativo, mas de uma maturação eclesial.”<sup>352</sup> A vocação do catequista se insere na vocação do povo de Deus, “na grande comunidade dos batizados” e por essa peculiaridade, pode-se entender que o catequista é o rosto da comunidade, reflete a comunidade e, ao mesmo tempo, a alimenta e faz crescer: “A vocação específica do catequista, portanto, tem sua raiz na vocação comum do povo de Deus, chamado a servir o desígnio salvífico de Deus em favor da humanidade.”<sup>353</sup>

O catequista tem um papel fundamental na caminhada do povo de Deus, a instituição do ministério ilumina, traz à luz, a eclesialidade da catequese: instância visibilizadora da Igreja de Cristo. A ministerialidade é um serviço a outrem, é um carisma, é uma graça, um dom do Espírito, que vem do Pai inspirado “na figura humilde e pobre do Filho encarnado.”<sup>354</sup> O ministério é um serviço reconhecido pela Igreja em prol da comunidade e, por conseguinte, da humanidade. O catequista tem uma função peculiar, que é o “serviço pastoral de transmitir a fé” em suas diferentes etapas desde o querigma, passando pela instrução à preparação para o Sacramentos da Iniciação Cristã até a formação permanente.<sup>355</sup> Em consonância com o Diretório para a Catequese, a Carta Apostólica afirma a identidade do catequista como “testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhador e pedagogo que instrui em nome da Igreja.”<sup>356</sup> São três aspectos ou funções inerentes à

<sup>350</sup> Publicada em 10 de maio de 2021 a Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium*, instituindo o Ministério do catequista.

<sup>351</sup> MORAES, A., O Ministério do catequista e a Iniciação à Vida Cristã, p. 19.

<sup>352</sup> Doc 95, Apresentação à 2ª edição.

<sup>353</sup> DC 110.

<sup>354</sup> Doc 95.

<sup>355</sup> AM 6.

<sup>356</sup> AM 6.

identidade do catequista já desenvolvidos no Diretório de 2020: testemunha da fé e guardião da memória de Deus; mestre e mistagogo; e acompanhador e educador.<sup>357</sup>

Como “testemunha da fé e guardião da memória de Deus,” o catequista vive da Palavra de Deus, do Evangelho, da Boa-Nova, anunciando ao mundo que o amor de Deus continua presente. O catequista é o guardião da Palavra de Deus, anunciando o Evangelho, ensinando e testemunhando. A experiência do encontro com Cristo deve movimentar a sua vida, como esperança para o próximo e credibilidade.

Como mestre e mistagogo, o catequista ensina o conteúdo da fé e introduz ao mistério da fé, que é Cristo morto e ressuscitado, despertando a consciência da Palavra na celebração. Contribui para formar uma mentalidade litúrgico-sacramental, a fim de propiciar uma mudança de percepção em relação aos sacramentos, especialmente os sacramentos da Iniciação, os quais devem ser entendidos na sua unidade e sentido na história da salvação, especialmente a Eucaristia.

Como acompanhador e educador, o catequista é um humanizador, sabe escutar as dores e as alegrias humanas para ressignificá-las a partir do coração do Evangelho. Nesse sentido, o catequista ajuda a Igreja a atualizar seus processos de evangelização, contribuindo para que o diálogo entre Igreja e mundo não se esmoreça.

A complexidade da realidade atual exige muito mais dos pastoralistas, sendo que o catequista – por ser a catequese uma instância fundamental na transmissão da fé – possui uma responsabilidade maior pois educar para a vida é uma tarefa infinita, a vida sempre nos surpreende. Educar para a vida cristã não é instruir apenas, é formar um ser integralmente: esse novo perfil do catequista é um desafio aos pastoralistas e vem sendo construído, não se encontra pronto. É preciso formação e oração, intimidade com a Sagrada Escritura, com a liturgia, com a vida comunitária, é um leque bem mais amplo, porém instigante, e acima de tudo é preciso se deixar conduzir pelo Espírito.

A ministerialidade deve ser entendida como serviço da Igreja ao Pai e ao próximo, não se pode correr o risco de um mal entendimento, catequese é servir a Deus, na caridade de ajudar o próximo a encontrar a felicidade de viver em Cristo. A catequese é ação capaz de renovar sempre a partir da comunidade, o catequista sozinho não realiza a sua missão, por isso a ministerialidade enfatiza o aspecto

---

<sup>357</sup> DC 113.

comunitário, daí que a pastoral catequética deve caminhar em conjunto com as outras pastorais:

Caminhar juntos – ensina o Papa Francisco – é a via constitutiva da Igreja; a cifra que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus; a condição para seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida nesse tempo ferido. Respiro e passo sinodal revelam aquilo que somos e o dinamismo de comunhão que anima as nossas decisões. Somente nesse horizonte podemos renovar de verdade a nossa pastoral e adequá-la à missão da Igreja no mundo de hoje. Somente assim podemos enfrentar a complexidade deste tempo, reconhecidos pelo percurso realizado e decididos a continuá-los com *parresia*.<sup>358</sup>

## Conclusão

Neste capítulo desenvolvido em quatro tópicos refletimos sobre a dinâmica triunitária dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã como possibilidade de evidenciar uma vivência mistagógica atual. Compreender os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã em dinâmica unitária é compreender os três sacramentos no seu sentido originário. O batismo conduz à eucaristia que se repete porque ser cristão é estar em caminho, num caminho de permanência na fé e no amor. A celebração está no coração de Deus por ser uma forma, uma maneira, um meio de comunicação, de encontro entre o humano e o divino. Mergulhar nesse mistério de amor é a experiência do ser cristão, a perda desse saber celebrativo, levou à perda desse sabor, dessa experiência, fragmentando-se o celebrar e o viver, então recuperar esse sentido unitário nos ajuda a penetrar no mistério.

No primeiro tópico, tratamos da teologia dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã que revela a íntima comunhão trinitária: no batismo evidencia-se a teologia da filiação ao Pai; na crisma, a teologia da unção no Espírito e na eucaristia, a teologia da nutrição. Esses três aspectos teológicos unem os sacramentos, evidenciam sua realidade de salvação e exprimem a comunhão eclesial. Os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, como o nome indica, incorporam os homens a Cristo.

Incorporar significa tomar corpo, fazer parte, adentrar naquele corpo de vida cristã. Isso não se realiza de uma forma abstrata, a celebração concretiza uma pedagogia, um caminho, um momento que conduz a outro momento. Essa

<sup>358</sup> Comissão Teológica Internacional. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 120.

incorporação se realiza simbolicamente por mergulho na morte e ressurreição em Cristo pela ação do Espírito, presente na comunidade que celebra, tornando aquele que ingressa filho adotivo de Deus-Pai em Cristo. Agora incorporado à comunidade, o fiel participa da eucaristia, numa vivência fraterna. Batismo, Confirmação e Eucaristia possuem uma relação que os une, que é tornar os homens filhos no Filho do Pai pelo Espírito, participando de uma comunidade pneumática. Somente se tornando filhos é que se pode viver na fraternidade.

O sentido inicial de batismo vem do imergir na água, elemento físico vital que se torna símbolo de mudança, de renovação, de vida nova. O ministério de Jesus começa após o batismo no Jordão, assim relatam os quatro evangelhos. Na sua caminhada pela existência terrena, Jesus não anuncia a si mesmo, mas se coloca a serviço do Deus-Pai, que ele chama singularmente “meu Pai,” toda a vida de Jesus é enfrentar os obstáculos e realizar ações, curas, milagres para demonstrar aos homens a presença do Reino de Deus.

O tempo de existência de Jesus era estar voltado para os outros, o próximo, fazendo-se próximo, no serviço a Deus. A vida de Jesus é servir a Deus e a humanidade na liberdade do Espírito, pois o Espírito encontra-se junto dele nessa missão, o Espírito é dado pelo Pai. Jesus também forma a comunidade dos discípulos, que também permanece com ele. Quando seu tempo está terminando, ou quando sua hora está chegando, conforme entende o Evangelho de João, Jesus se entrega simbolicamente na ceia com os discípulos durante a Páscoa judaica. No partir do pão, é ele mesmo que se reparte, que se oferta a Deus livremente, antecipando a cruz que viveria fisicamente a seguir.

Nessa última ceia, ele pede que a memória desse evento se perpetue, que ela continue a ser realizada por seus discípulos. Do batismo à última ceia chamada eucaristia, Jesus viveu implantando o Reino na companhia do Espírito e em íntima comunhão com seu Pai. Esse trajeto de Jesus é o trajeto da filiação, ser cristão é se tornar filho adotivo de Deus em Cristo na força do Espírito. Trajeto que, após a morte e ressurreição de Jesus, cabe à Igreja com seus membros viver, pois somente vivendo como filhos de Deus e, por conseguinte, irmãos uns dos outros, estaremos na verdadeira fraternidade.

A unção é uma ação antropológica que significa curar, tratar, amaciar, porém, é o próprio nome do Espírito (*Spiritualis Unctio*). O sentido de unção passa pelo Antigo Testamento como Messias (Ungido), que na língua grega se diz *chrío*,

Cristo, o Ungido. A unção se refere à ação do Espírito presente nos escolhidos e no Eleito de Deus, como testemunha o Evangelho de João, e livro de Atos no anúncio de Pedro na casa de Cornélio.

O gesto litúrgico da unção refere-se a Cristo, o Ungido. Os primeiros cristãos sempre entenderam a unção ligada ao batismo: Jesus, após o batismo saiu em missão. Evidencia-se uma relação trinitária entre o Ungido (o Filho), o que Unge (o Pai) e a Unção (o Espírito). Essa teologia explicita a necessidade de se compreender a crisma em relação com o batismo, como compreendiam os primeiros cristãos. É na força do Espírito que Cristo cumpre seu ministério até a cruz quando se entrega ao Pai numa expressão de amor que gera comunhão com a humanidade. Os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã expressam essa ação salvífica de Deus, pois ingressar na vida cristã implica viver nessa comunhão divina. Batismo e crisma tendem para a eucaristia, vivência fraterna, tema do tópico seguinte.

Assim, no segundo tópico, tratamos da Eucaristia, que da celebração, da ceia do Senhor, impulsiona ações concretas na vida de cada cristão, numa mistagogia que conduz à “cultura eucarística.” Aqui evidencia-se a necessidade de uma recuperação da unidade pastoral dos sacramentos da iniciação a fim de que a eucaristia seja tematizada como o centro da vida eclesial. A Eucaristia é o sacramento pleno da comunhão divina com os homens. Percebe-se atualmente uma necessidade de se resgatar o sentido de solidariedade que a eucaristia suscitava nos primeiros tempos antes de se fixar numa presença realística de Cristo, encobrindo o aspecto fundamental de Ceia do Senhor tão testemunhado no Novo Testamento. Uma cultura eucarística parte do mistagógico para o existencial, do celebrar para o viver, levando à compreensão do sentido pleno de mistagogia, que precisa ser experimentado na comunidade eclesial para se desdobrar na vida diária.

No terceiro tópico, refletimos sobre a necessidade de uma pastoral querigmático-mistagógica, numa renovação a partir da catequese como centro irradiador. A comunidade é o espaço de educação da fé e de formação de mentalidade, esse espaço não precisa ser físico, mas deve haver a comunhão de pessoas que juntas se propõem a levar o Evangelho ao mundo na sua radicalidade. É a Igreja em saída da qual fala o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, é o arriscar-se, ir às pessoas como Jesus veio a nós, como os seus apóstolos foram pelo mundo.

Essa movimentação necessita ser impulsionada através dos processos de transmissão da fé. Por meio deles se inicia a renovação pastoral, pois a compreensão



dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã em sentido triunitário, que resgata a plenitude de uma vivência sacramental, exige uma mudança de mentalidade, uma educação integral. Uma pastoral de inspiração catecumenal pressupõe, ou implica, uma catequese de inspiração catecumenal, como elemento impulsionador da mudança.

A catequese anuncia, inicia, gera a fé: é o catequista humanista, que acolhe, que recebe com carinho, que dialoga, escuta e aprende muito, que tem o coração aberto para não julgar apressadamente, com preconceito, entendendo que atualmente as pessoas já não conhecem Jesus Cristo como outrora. Temos de começar de novo, reiniciar, e não deletar. A catequese de inspiração catecumenal se centra nas dimensões da Palavra, da liturgia-sacramentos, da comunidade fraterna, do testemunho na história, é uma ação transformadora, não é uma propaganda visando aumentar fieis para a Igreja, é sair ao encontro de pessoas para dar algo novo à vida delas, dar um bem a uma sociedade às vezes tão fria, tão cruel, tão injusta.

O cristão precisa sentir o aconchego de Deus, por isso a catequese não pode se fixar no estilo professoral, que tantas vezes mais afasta do que aproxima. É uma catequese materna, é uma catequese amorosa, com a alegria do Espírito que envolve, que abre os braços ao outro. É um novo modelo que implica um novo catequista, um novo pastoralista, com mais cheiro do pastor Jesus. Esse modelo catecumenal deve permear todas as pastorais, pois todas devem estar em processo de conversão, como convoca o Magistério de Francisco, o que significa em busca de aprofundamento da fé, de reencontro com a dádiva do Evangelho.

A renovação pastoral necessita de uma renovação de mentalidade, só se renova mentalidade no diálogo educativo. As pastorais precisam assumir sua vocação profética transformadora a partir da sua vocação catequética. Toda pastoral deve ter um espaço de catequese permanente centrada no querigma e na mistagogia. O anúncio de que Deus veio ao mundo, caminhou com os humanos, tornou-se uno com os homens, fazendo o bem, curando, perdendo, incluindo a todos, fazendo a justiça do Reino e foi crucificado, morreu, tudo por amor e graça, e continua presente por meio do seu Espírito na sua Igreja, precisa ecoar em todas as pastorais num trabalho conjunto de formação permanente, que vai da Palavra à oração num processo mistagógico. O amor de Deus pela humanidade é mistério, se expressou no mistério pascal. O cristão precisa aprofundar-se nesse mistério experimentando-

o nas situações comunitárias para transbordar na vida. As pastorais precisam se transformar em espaços querigmáticos-mistagógicos, e a catequese é a agente de mudança nesse novo processo evangelizador.

Chegamos ao último tópico no qual discutimos o papel dos agentes pastorais nessa renovação. A Igreja e as pastorais são movimentadas por seres humanos com seus limites, anseios, sonhos, cultura, ou seja, na sua diversidade. Sem que os agentes de pastorais, sem que o povo de Deus, clero, leigos, consagrados, batizados em geral, se predisponham às mudanças, fica impossível caminhar. É preciso que cada fiel se coloque em estado de conversão, buscando a alegria de ser cristão: são os evangelizadores com Espírito, de que fala o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*.

O encontro com Cristo deveria suscitar uma resposta na alegria, que impulsionasse a missão. É preciso formar agentes missionários na disposição do receber e transmitir, pois só se é cristão sendo. Desde o Concílio que a Igreja recupera o papel dos leigos na Igreja e vem refletindo sobre isso, instituindo ministérios e, recentemente, instituiu o ministério do catequista.

A ministerialidade não é prêmio é serviço à Igreja, é tarefa eclesial que nasce do seio da vocação do povo de Deus. Servir à Igreja é servir a Cristo, um não se dissocia do outro, é uma mentalidade de comunhão, de tornar comum, de conviver com o outro, com o diferente mas com mesmo o propósito, Jesus Cristo. Em um mundo estritamente individualista, é preciso uma mentalidade de comunhão eclesial. A ministerialidade do catequista visibiliza sua responsabilidade e compromisso, tendo sempre em mente que a primazia das ações é de Deus e que como comunidade de filhos do Pai, como irmãos em Cristo, no sopro de amor do Espírito, caminhamos juntos, em dinâmica sinodal. O batismo conduz à vivência fraterna eucarística no amor da comunidade, apesar das imperfeições e problemas.

## 5

### Conclusão

O objetivo de nossa pesquisa era refletir sobre a recuperação da unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã como um caminho de renovação pastoral. Tentamos demonstrar que esse sentido unitário dos sacramentos da iniciação tem na base o conceito de *mysterion*. Então, fizemos um percurso visando vislumbrar essa relação entre sacramentos e mistério, que pode contribuir para um entendimento mais fecundo dos sacramentos de iniciação cristã. A unidade batismo-crisma-eucaristia era evidenciada e vivida pelos primeiros cristãos, principalmente nos primeiros quatro séculos, como sentido pleno da Iniciação à Vida Cristã, pois iniciar-se na vida cristã era mergulhar no mistério de Cristo, na força do Espírito para viver na comunhão eucarística. Esse sentido ficou esquecido por acontecimentos históricos, teológicos e pastorais, até que o Concílio Vaticano II vem buscando resgatar o sentido original de iniciação cristã. Esse caminho continua sendo feito e o Magistério de Francisco vem dar um novo vigor nessa caminhada.

A nossa pesquisa se desenvolveu em três capítulos, nos quais no primeiro, pretendemos evidenciar os desafios que a Iniciação à Vida Cristã atualmente precisa superar, e conduzem a perspectivas, numa espécie de ‘ver’ a realidade pastoral; no segundo, fizemos um discernimento, através de uma abordagem histórico-teológica e pastoral para discutirmos a relação sacramentos-mistério-iniciação, da origem comum à perda de sentido até a recuperação pelo Concílio Vaticano II; no terceiro, refletimos sobre a teologia fundamental dos sacramentos da iniciação cristã e apontamos caminhos de renovação pastoral. O nosso método pretendeu se desenvolver numa hermenêutica do ver/discernir/agir com discernimento.

Dessa forma, no primeiro capítulo destacamos, como primeiro desafio à Iniciação à Vida Cristã, a realidade complexa contemporânea, marcada pela ‘crise de sentido’ expressão de uma mudança de época, na qual as relações se tornam cada vez mais mutáveis e fragmentárias. Essa fragmentação rompe com a integralidade do ser humano num processo cada vez mais crescente de auto referencialidade: onde estão os outros, os pobres, a natureza? Tudo deve ser consumido e descartado, inclusive o ser humano. Diante desse mundo, tantas vezes caótico, a religião não acabou, apesar do ateísmo na Europa, ela se mantém firme e, no Brasil, tem

influenciado o campo político, haja vista as contendas das últimas eleições. No campo pastoral, apesar das mudanças implementadas pelo Concílio Vaticano II, emergem algumas situações de conservadorismos, de retorno a atitudes litúrgicas e de mentalidade pré-conciliar; por outro lado, há muitos batizados ainda não evangelizados, vivendo um cristianismo social. A paróquia, apesar das reflexões magisteriais, ainda precisa avançar muito para se tornar a casa da Iniciação à Vida Cristã.

Diante dessa realidade, o Magistério de Francisco provoca a pastoral, é o segundo desafio que passamos a analisar. Francisco convoca a Igreja a uma conversão e a se colocar em estado permanente de missão, pois é preciso formar mentalidades, não se pode mais apenas iniciar nos sacramentos, pois as dimensões originárias dos sacramentos não são perceptíveis pelos fiéis. Numa cultura de mentalidade individualista, os sacramentos também ainda são entendidos como celebrações sociais externas à vida comunitária eclesial e à vida existencial.

O Magistério de Francisco lança o desafio de se renovar a pastoral a partir de dentro, numa dinâmica de saída, assim cada evangelizador, cada pastoralista, deve estar disposto a anunciar o Evangelho numa missionariedade. É uma nova perspectiva, pois é preciso uma reconversão, uma volta ao primeiro amor, um reencontro com a alegria do Evangelho, é preciso coragem para escutar a voz do protagonismo de Deus, pois é Ele quem age primeiro.

Preocupado com os processos de transmissão da fé, em consonância com as reflexões anteriores dos pastoralistas, catequetas, o Magistério de Francisco convoca a catequese a uma nova relação: uma catequese querigmática e mistagógica na qual o querigma não esteja apenas no começo, mas que se retorne sempre a ele, de variadas formas, e lança um desafio à Iniciação à Vida Cristã. Seguindo as provocações de Francisco, a Igreja do Brasil, que há tempos reflete sobre a Iniciação Cristã (expressão que no Brasil é usada com a palavra 'vida', enfatizando a essência da iniciação), publica o documento 107, itinerário para formar discípulos missionários, usando o método ver-julgar-agir, aponta um novo processo para a Iniciação à Vida Cristã, em inspiração catecumenal. A inspiração catecumenal consiste num eixo que vai da Palavra à celebração numa condução ao mistério de Cristo, a uma mistagogia. O mistério é o projeto do amor do Pai revelado em Cristo e iniciar na vida cristã é penetrar nesse mistério através do mistério Igreja, a comunidade portadora do Espírito Santo. Os processos de

transmissão da fé precisam ser renovados a partir da circularidade querigma-mistagogia que deve estar presente em toda catequética.

Em consonância com o Magistério de Francisco, o Diretório para a Catequese de 2020, que possui pontos de contato com o documento 107, vem apontar caminhos de renovação para a catequese que precisa ampliar suas fronteiras, tornando-se não mais instrutora da fé, como no período de cristandade, mas formando integralmente o ser cristão. O Diretório explicita a identidade da catequese na sua eclesialidade missionária anunciadora da Palavra de Deus. A catequese inicia na fé e para a fé, acompanha o crescimento da fé durante a caminhada cristã. O mistagógico não se coloca apenas no final, como explicação de ritos, pois é um processo que aprofunda a Palavra, na vivência do simbólico, durante a catequese a cada domingo, seguindo a liturgia, o Ano Litúrgico e as atividades pastorais.

Nesse processo, os sacramentos da Iniciação precisam ser compreendidos em sua dinâmica unitária e trinitária pois batizar-se é tornar-se filho no Filho do Pai, na união do Espírito para viver na comunhão eucarística. O batismo é mergulhar na vida eclesial fraterna, caritativa, de partilha do pão, numa comunhão verdadeira para que se possa testemunhar no mundo essa fraternidade. Os documentos apontam que a inspiração catecumenal é o eixo impulsionador da renovação pastoral na dinâmica querigmático-mistagógica e elencam a necessidade de se recuperar o sentido unitário dos sacramentos da Iniciação, repensando a ordem pastoral a fim de evidenciar a centralidade da eucaristia. A inspiração catecumenal é o grande desafio da Iniciação a Vida Cristã e, ao mesmo tempo, aponta novas perspectivas porque leva a repensar a forma de compreender os sacramentos como *mystérion* e, por conseguinte, a rever a unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã.

No segundo capítulo, fizemos uma abordagem histórica com um olhar teológico-pastoral. O termo *sacramentum* é uma tradução da Igreja latina para *mystérion*, um termo grego oriundo das religiões iniciáticas. O conceito de *mystérion* no Novo Testamento recebe um sentido novo: é o projeto de Deus revelado em Cristo. O mistério do amor de Deus pela humanidade se revela em Cristo numa ação trinitária do Filho voltado para o Pai no Espírito. Dessa revelação central emana o entendimento de que os eventos da vida de Cristo e as suas ações, bem como as ações da sua Igreja, são mistério/mistérios. A encarnação de Cristo, a

virgindade de Maria eram mistérios bem como as ações da Igreja como o batismo e a eucaristia, daí que a palavra *sacramentum* traduz o termo *mystérion*. Contudo, é mais que um sentido linguístico, é uma mentalidade que compreende a sacramentalidade da história da salvação, na qual Deus age concretamente por meio de seus sinais até enviar o seu Filho visivelmente numa verdadeira união do divino e do humano, uma mística.

O mistério é revelado em Cristo, porém ainda se esconde, pois, a compreensão em sua totalidade virá no tempo escatológico. É na patrística que esse sentido de sacramentos-mistério ganha força e expressão. A maneira patrística de entender os sacramentos como mistérios tinha sua fonte, metodologia e espiritualidade na Sagrada Escritura porque ela contém as narrativas da presença de Deus na história, nos eventos definitivos da salvação. Os sacramentos-mistério são realidades da presença de Deus, não há uma ideia de separação. Nos primeiros quatro séculos, vamos encontrar um sistema de Iniciação à Vida Cristã que expressa essa mentalidade mistérica dos sacramentos. No entanto, a Iniciação não nasce na época patrística porque podemos encontrar já nas páginas do Novo Testamento roteiros de iniciação cristã, que mesmo sem usar a palavra iniciação, descrevem uma forma de ingressar na comunidade do ressuscitado.

Os primeiros cristãos não concebiam pensar o batismo como algo separado da comunidade, batizar era mergulhar no mistério de Cristo por meio da comunidade eclesial, também entendida como mistério. No Novo Testamento, há várias passagens nas quais encontramos o trajeto da iniciação, como por exemplo no livro de Atos: anúncio, conversão, fé e o recebimento do Espírito. Os primeiros cristãos anunciam, comunicam o mistério de Deus em Cristo e, dessa forma, a Iniciação cristã nasce, pois não havia como participar da morte e ressurreição de Jesus sem a iniciação: batizar, receber o Espírito e participar da ceia. Os cristãos irão aprofundar e formar um tipo de iniciação catecumenal, realizado em tempos a fim de conduzir as pessoas a uma participação na vida de Cristo. Após o tempo de ensinamentos doutrinários, centrado na Palavra e nos símbolos da fé, eram celebrados os sacramentos. Então, os agora neófitos eram educados nas catequeses mistagógicas. Havia uma preocupação com a permanência, com o aprofundar a experiência de fé. As catequeses mistagógicas expressam o sentido pleno de sacramentos-mistérios, que não eram rituais convencionais, e sim experiência sagrada de encontro com Deus. A vida, a história, os personagens, não

incomodavam as catequeses mistagógicas, que visavam ‘explicar’ não especulativamente, mas desvendar, conduzir ao entendimento do significado de se viver uma vida de amor e caridade em Cristo. Não havia necessidade de pensar em causa da graça, pois havia a noção da proximidade com Deus. O imergir na água era estar em proximidade com Deus porque Jesus mergulhou no mundo. Batizar-se e eucaristizar-se era estar mergulhando e em comunhão com Deus na sua Igreja. Esse aspecto começa a se deslocar com a necessidade de definir os sacramentos e nessa definição vai se afastando do sentido de mistério.

Por que os cristãos vão usar esse termo *mysterion*, que é grego? É claro que existem as razões culturais, porém, em nível teológico, os cristãos - vivendo num mundo de mentalidade predominante greco-romana - querem demonstrar que Jesus Cristo trouxe à luz o *mystérion*, ele é o *mystérion* revelado. É, portanto, um sentido dinâmico que remete diretamente para Jesus Cristo, o evento da cruz e da ressurreição, e tudo o que isso implica no âmbito celebrativo.

Com o método patrístico alegórico englobante afluía esse sentido original, que foi sendo substituído por uma maneira filosófica especulativa que buscava definir, limitar, e aos poucos ficou esquecida a relação de mistério dos sacramentos e formou-se uma mentalidade institucionalizadora dos sacramentos, como ‘sinais’ compostos de matéria e forma. O sentido concreto do mistério, a visibilidade dessa mística no agir de Deus na história, na sua Igreja, nos seus mistérios-sacramentos, fica obscurecido. A noção dos sacramentos como participação na vida trinitária, como vivência comunitária celebrativa e testemunhal configurada a Cristo, numa mística sacramental, se esmorece. A expressão ‘mística sacramental’ desaparece ou quase nunca é utilizada.

Os sacramentos perdem seu espaço de acontecimentos da vida eclesial, de força do evento em Cristo, e passam a ser entendidos numa visão individualizante, como uma graça que o fiel recebe. Em consonância com esses acontecimentos, a partir do século V, a iniciação cristã catecumenal começa a desaparecer, devido a fatores históricos que influenciam diretamente a pastoral. O crescimento do cristianismo, o aumento das comunidades, a mentalidade de que o batismo era fundamental para salvar as almas e a crisma, reservada ao bispo, foi ficando para depois. A eucaristia foi se fixando no sentido de presença real de Cristo. Perde-se o sentido de Iniciação à Vida Cristã, pois batizar-se é uma necessidade social, num mundo em que todos são cristãos. Afasta-se o sentido de mergulhar no mistério dos

sacramentos da Iniciação cristã. Sacramento se torna um remédio para resolução de problemas individuais, é toda uma teologia ocidental com predomínio cristocêntrico, obscurecendo o caráter pneumático, trinitário e eclesiológico dos sacramentos. É com o Movimento Litúrgico e a teologia sacramental do século XX que se recupera o sentido de mistério, desembocando no Concílio Vaticano II, que reencontra a Igreja Mistério na comunhão das pessoas trinitárias e se desdobra no povo de Deus participante e convocado a participar dessa comunhão. Assim, o Concílio pede a recuperação do catecumenato e a revisão da crisma a fim de evidenciar a unidade dela com o batismo e a unidade da iniciação cristã. O retorno do catecumenato leva a Igreja a refletir sobre a Iniciação à Vida Cristã de uma maneira renovada.

Assim, entramos no terceiro capítulo, no qual refletimos sobre como do batismo à eucaristia se pode contribuir para a construção de um itinerário mistagógico que renove a pastoral. Mistagógico é conduzir ao Mistério de Deus através da Palavra inscrita nos símbolos sacramentais. A mistagogia aprofunda a Palavra e tem a Palavra como fonte: a água que limpa e lava, na celebração é transformada em elemento criador do Espírito que impulsiona à ação amorosa de Deus. A Iniciação à Vida Cristã, numa inspiração catecumenal, deve conduzir o cristão ao mergulho numa vida marcada pela comunhão trinitária. A comunhão de um Deus que ama e só sabe amar e vive voltado para o Filho e pelo Filho na força do Espírito. Essa comunhão trinitária se expressa nos sacramentos de Iniciação, pois o batismo nos torna filhos no Filho na unção do Espírito que nos conduz à vivência eucarística.

O Batismo expressa a teologia da filiação, é como filho que Jesus cumpre sua missão no amor, toda sua vida de obediência ao Pai, é a expressão mais pura de amor. A crisma só pode ser entendida em relação com o batismo, como a unção, o selo, o impulso vitalizador do Espírito que conduz ao Pai atraindo a todos no Filho, para então participar da ceia do Senhor. Eucaristia é ceia, é comunhão, reunião, é o sacramento da unidade pois reúne todos em torno da mesa do Senhor. Esse sentido fraterno da eucaristia vivido na celebração deve ser testemunhado no mundo para formar uma cultura eucarística.

O cultivo de uma vivência eucarística se inicia na celebração, numa catequese querigmática e mistagógica, numa Igreja casa da catequese, na qual a responsabilidade de evangelizar não é só do catequista, mas de todos, uma pastoral



querigmático-mistagógica. Assim a inspiração catecumenal com um itinerário mistagógico exige uma catequese que se centre em quatro dimensões: Palavra-mistagogia-comunidade-testemunho.

As mudanças não ocorrem de uma hora para outra, é preciso amadurecimento, mudança de mentalidade, o papel dos agentes de pastoral é fundamental, principalmente dos catequistas. O Ministério do catequista instituído pelo Papa Francisco é resultado de uma reflexão da Igreja que vinha se realizando há anos. Longe de ser um prêmio demonstra a importância e a responsabilidade do catequista neste momento de Nova Evangelização. A catequese é convocada a sair de um paradigma escolar para adentrar no paradigma do encontro.

Não queremos dizer que a catequese perdeu sua organização, seu método, pelo contrário, a dinâmica educativa do encontro necessita de organização, de método mas também de abertura ao Espírito. É a catequese compreendida como local de encontro com Deus e com o próximo: encontro do catequizando, do catecúmeno e do catequista, um espaço de troca, de diálogo, de novas ferramentas de linguagem, de fala e de escuta.

O catequista é o condutor, o guia, porém de uma maneira diferente: apesar de não deixar de transmitir, de ensinar os conteúdos da fé, o catequista terá de ir além, terá de ser um humanista, especialista em humanidade como Jesus foi. Educar para a humildade, solidariedade, para o cuidado com o próximo, com a Casa comum, ensinar a ser próximo. O catequista não está sozinho porque educa com a Palavra de Deus, é através dela que penetra no coração do mundo, nas dores, nas angústias diárias suas e dos catequizandos e catecúmenos, prestando um serviço fundamental a toda comunidade, pois a catequese inicia e acompanha.

A catequese é a ponta de lança das mudanças, porém toda renovação só acontece se a comunidade estiver unida em torno de um bem comum. Somente caminhando juntos efetuamos mudanças, assim do batismo à eucaristia para uma cultura eucarística caminhamos para uma Igreja sinodal.

Nesse sentido, é de fundamental importância encontrar meios de superação da fragmentação dos sacramentos, revisando pastoralmente a ordem dos sacramentos de iniciação. Esse, porém, é um assunto que merece ser aprofundado em outra pesquisa, pois ainda há muito o que refletir a fim de contribuir para a formação de uma cultura eucarística, fraterna, amorosa, que provenha do celebrativo para a vida, que recupere o adágio *lex orandi, lex vivendi, lex credendi*,

a fim de formar uma nova mentalidade, a de uma Igreja sinodal, com uma nova formação de sacerdotes, leigos, agentes de pastorais.

## Referências Bibliográficas

ADRIANO, J. **Sacramentologia fundamental: Do *mystérion* ao *sacramentum***. Revista de Cultura Teológica, v.11, n.45, p. 9-58, out/dez. 2003.

ALMEIDA, A. J. **Lumen Gentium**, transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005.

AMADO, J. O documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja. **Atualidade Teológica**, v.22, n. 58, p. 65-90, jan/abr 2018.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. São Paulo: Paulus, 1996. (Coleção Patrística)

AUGÉ, M. **Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

BARBOZA, M. A. A catequese em busca de sua identidade. In: SANTOS, J. S. e PAGNUSSAT, L. F. (Orgs.) Reflexões sobre o Diretório para a Catequese. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. p. 50-62.

BASURKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica. In: BOROBIO, D. (Org.) **A celebração da Igreja**, São Paulo: Loyola, 1991. p. 39-125. v.1.

BELLOSO, J. M. R. **Os sacramentos: símbolos do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENEDITO, A. L. **A sacramentalidade da Palavra de Deus**. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Rio de Janeiro, 2019. 350p. Tese. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html)>. Acesso em: 6 fev. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. **Deus Trindade**: A vida no coração do mundo. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009.

BOLLIN, A.; GASPARINI, F. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literature, teologia. Santo André: Academia Cristã / São Paulo: Paulus, 2015.

BOROBIO, D. **Cerebrar para viver**: Liturgia e sacramentos da Igreja, São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BOROBIO, D. **História e Teologia comparada dos sacramentos**. São Paulo: Edições Loyola / Editora Ave-Maria, 2017.

BOROBIO, D; TENA, P. Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação. In: BOROBIO, D. **A celebração na Igreja II**: sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p.23-141.

BRIGHENTI, A. **O novo rosto do clero**: perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2021.

BROWN, C. Segredo, Mistério. In: BROWN, C e COENEN, L. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2282-2291.

CANTALAMESSA, R. **O Mistério da Ceia**. Aparecida: Editora Santuário, 1993.

CARMONA, A. R. A obra de Lucas (Lucas-Atos). In: MONASTERIO, R.A.; CARMONA. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000. p.265-366.

CARVALHO, H. R.; NETO, J. S. B. **Catequese, Liturgia e Mistagogia**. São Paulo: Paulus, 2022.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Aparecida, 2007. São Paulo: Paulus, 2008.

CELAM. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979. São Paulo: Paulinas, 2009.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses mistagógicas. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 552-564

CNBB. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade**: Sal da terra e luz do mundo. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc 105).

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc 107).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil**: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc 109).

CNBB. **Ministério de catequista**. Brasília: Edições CNBB, 2021. (Doc 95).

COLA, G. **O sacramento-assembleia**: teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

COMBLIN, J. **Atos dos Apóstolos**, v. I. Petrópolis: Vozes, 1988.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia**. In: Compêndio Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1988.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto “Ad Gentes” sobre a atividade missionária da Igreja**. In: Compêndio Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1988.

CORDEIRO, J. M.G. A sacramentalidade e a ministerialidade no primeiro milênio através de alguns testemunhos patrísticos, litúrgicos e teológicos. **Didaskalia XXXVI** (2006)1. p. 127-137. Disponível em <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9776>>, em 06.10.2022.

COSTA, R. F. **Mistagogia hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

DANIELOU, J. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

ELIADE, M. Mistérios. In: ELIADE, M. e COULIANO, I. P. **Dicionário das Religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019. p. 237-240.

FABER, E-V. **Doutrina católica dos sacramentos**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.

FABRIS; BARBAGLIO, G. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 2014.

FINELON, V. G. **Teologia do Mistério**: Aspectos bíblico-patristicos, teológicos-litúrgicos e magisteriais. Rio de Janeiro, 2015. 160p. Dissertação. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FLORES, J. J. **Introdução à Teologia Litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FONTOURA, R. A.; BOCALETE, R. Mística, Liturgia e Mistagogia na Iniciação à Vida Cristã. In: **A Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã/SBCat**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium* pela qual se institui o ministério do catequista**. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GOEDERT, V. M. **Teologia do Batismo**: considerações teológico-pastorais sobre o Batismo. São Paulo: Paulinas, 1987.

GONÇALVES, P. S. L. Ecclesiologia de Comunhão: Mistério e Povo de Deus, a ecclesiologia do Concílio Vaticano II. **Revista de Cultura Teológica**, v.13, n.53, p. 15-35, out/dez. 2005.

GROSSI, V. Sacramentos nos Padres da Igreja. In: BERNARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs.). **Dicionário de Literatura Patristica**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010. p. 1484-1514.

GUMBRECHT, H. U. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 9-32.

HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica**: Liturgia e Catequese em Roma no século III. Petrópolis: Vozes, 1971.

LARRABE, J. L.; SIMON, A. Los sacramentos em nuevas perspectivas de Robert Hotz. **Estudios Eclesiásticos**. 66. 1991, p. 337-344. Resumo.

LELO, A. **A Iniciação cristã**: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

LAFONT, G. **História Teológica da Igreja Católica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

LIMA, L. A. L. Iniciação à Vida Cristã: Conforme a CNBB em seus recentes documentos. In: **A Catequese a serviço da iniciação à vida crista/ SBCat** (Sociedade Brasileira de Catequistas), Petrópolis: Vozes, 2018. p. 33-52.

LUCAS, J. S. Mistério. In: PIKAZA, X. & SILANES, N. **Dicionário teológico: o Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1988. p. 569-574.

MARSILI, S. A liturgia, momento histórico da salvação. In: NEUNHEUSER, B; MARSILI, S; AUGÉ, M.; CIVIL, R. (Orgs.). **A liturgia, momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

MARSILI, S. Sacramentos. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1058-1069.

MARSILI, S. **Sinais do Mistério de Cristo**: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARSILI, S. Teologia da celebração da eucaristia. In: MARSILI, S; NOCENT, A; AUGÉ, M.; CHUPUNGO, A. J. **A Eucaristia**: teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1986.

MAZZA, E. **A mistagogia**: as catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

MAZZAROLO, I. **Primeira Carta aos Coríntios**: exegese e comentário. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2008.

MAZZAROLO, I. **Carta aos Efésios**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem**: Do luto à revelação de Deus, v.1. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**: história da filosofia Greco-Romana I. São Paulo: Editora Mestre Jou S.A. 1966.

MORAES, O. A. Apresentar as razões da esperança cristã: A catequese a serviço da transmissão da Revelação cristã. In: SANTOS, J.S. e PAGNUSSAT, L.F.(Orgs.) **Reflexões sobre o Diretório para a Catequese**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. p. 21-35.

MORAES, O. A. A catequese hoje: reflexões teológico-pastorais a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

MORAES, O. A. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

MORAES, O. A. O Ministério do catequista e a Iniciação à Vida Cristã: profecia, terapia e liturgia. In: SANTOS, J. S. e BARBOZA, M.A. **Vocação e Missão de Catequista**: Por que um ministério? Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

NEUNHEUSER, B. História da Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

NEUNHEUSER. Mistério. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 756-771.

NOCHE, F. J. Doutrina Específica dos Sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (Org.) **Manual de Dogmática, vol. II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 205-338.

OÑATIBIA, I. **Batismo e Confirmação**: sacramentos de iniciação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PACHECO, L. C. L. Iniciação cristã na Igreja Antiga. **Paralellus**, portal de periódicos da UNICAP, n.2, jul./dez, 2010, p. 161-181.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a Evangelização no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 1976.

PAULO VI, PP. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulinas, 2017.

PEDROSA-PÁDUA, L. **Santa Teresa de Jesus**: mística e humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEREIRA, S. C. **“Anunciamos Cristo crucificado”** (1Cor 1, 23): A formação de discípulos missionário hoje à luz da teologia de cruz de Antonio Pagani. Rio de



Janeiro, 2019. 244p. Tese. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.

**Diretório para a catequese.** Brasília: Edições CNBB, 2020.

RATZINGER, J. **Teologia da Liturgia:** O fundamento sacramental da existência crista. Brasília: Edições CNBB, 2019.

ROGUET, A-M. Introdução. In: Suma Teológica IX. São Paulo: 2006.

ROCCHETTA, C. **Os sacramentos da fé.** São Paulo: Paulinas, 1991.

ROMÃO, P. A. **A estrutura sacramental da história salvífica:** estudo comparado de Edward Schillebeeckx e de Luigi Giussani. Rio de Janeiro, 2012. 249p. Tese. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RUBIO, G. A. **Unidade na pluralidade:** o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTANA, L. F. O Espírito Santo na vida de Jesus: por uma Cristologia Pneumática. **Atualidade Teológica**, n. 36, p. 265-292, set/dez. 2010.

SILVA, J. A. **O Movimento Litúrgico no Brasil:** estudo histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOTOMAYOR, E. A. P. Catequesis evangelizadora: Manual de catequética fundamental. Quito: Producciones digitais Ediciones Abya, 2003.

SOUZA, N.; GONÇALVES, P.S.L. **Catolicismo e sociedade contemporânea:** do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus (e-book).

TABORDA, F. Crisma, sacramento do Espírito Santo? **Perspectiva Teológica**, n. 30, p. 183- 209, 1998.

TABOEDA. **Nas fontes da vida cristã:** uma teologia do batismo-crisma. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.